

# ○ lugar da herança cultural no desenvolvimento local. A experiência de pensar com os atores sociais um Centro de Memória da Educação.

Susana Saborano Vieira

**M**

2018



**Universidade do Porto**

**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação**

**O lugar da herança cultural no  
desenvolvimento local. A experiência de  
pensar com os atores sociais um Centro  
de Memória da Educação.**

**Susana Saborano Vieira**

Relatório apresentado na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação – Cultura, Inclusão e Intervenção Educativa, realizada sob orientação da Professora Doutora Margarida Felgueiras.

2017/2018

## Resumo

O relatório que se apresenta debruça-se sobre o trabalho de intervenção desenvolvido no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação – domínio de Cultura, Inclusão e Intervenção Educativa, mais concretamente no estágio curricular realizado no Núcleo de Memória Escolar da Câmara Municipal de Murça.

Tem como primeiro objeto de estudo o património edificado – a escola Adões Bermudes – a herança educativa nas suas vertentes de memórias das vivências e das práticas escolares e cultura material escolar, assim como as formas populares de educação. Ao longo deste relatório iremos discutir conceitos como cultura material escolar (Felgueiras, 2005), herança educativa (Felgueiras, 2010), turismo cultural (Amado Mendes, 2013), património e memórias (Mendes, 2013) como instrumentos de sustentabilidade de um território e que fundamentaram do ponto de vista teórico o trabalho realizado.

A intervenção realizada decorreu do processo de se pensar o serviço educativo do Centro de Memória da Educação de Murça – instituição em fase de criação – em que o objetivo é a valorização da herança educativa e do seu património arquitetónico. O desafio era pensar a programação de atividades e/ou possíveis ofertas, que pudessem atrair um público diversificado ao concelho, na interação com outras atividades culturais e económicas. O trabalho desenvolvido teve por base o conhecimento das perceções dos responsáveis locais e das escolas sobre a importância de um Centro de Memória como fator de sustentabilidade da região. Foi a opção para poder pensar um serviço educativo voltado o turismo cultural e que valorize a identidade cultural e social da região. Permitiu ainda iniciar relações de abertura e proximidade entre diferentes agentes socioculturais de Murça, indispensáveis ao sucesso do centro de memória a implementar.

**Palavras-chave:** serviço educativo; herança educativa; património; herança cultural; desenvolvimento local

## Abstract

The presente report is based on the intervention project developed in the area of Masters in Education – Culture, Inclusion and Eductive Intervention, more specifically based on the curricular internship carried out at the Núcleo da Memória Escolar da Câmara Municipal de Murça.

It has as first object of study the conservation of the heritage building – the school of Adães Bermudes – the educational legacy passed down through folk memories, educational practices and cultural school materials as well as the popular forms of education. Throughout this report will be discussed concepts such as cultural school material (Felgueiras, 2005), educational heritage (Felgueiras, 2010), cultural tourism (Amado Mendes, 2013), patrimony and memoires (Mendes,2013) as instruments of sustainability of a territory that were fundamental in the theoretical point of view of the work realized.

The process of the intervention program took place thinking of the educational department of the Centro de Memória da Educação de Murça-institution in phase of development- where the objective is the valorization of the educational heritage and the architectural patrimony. The challenge was developing a plan of activities and/or possible offers that would attract a diverse public generating interaction with other cultural and economical activities. The base of the work was developed through the knowledge and perceptions of the local town and school entities about the importance of a centre of memoires as a factor of sustainability of the region. This approach enabled focus on an educational department englobing cultural tourism that values the cultural and social identity of the region. This also allowed to initiate open relations within the diferente social and cultural entities of Murça, indispensable to the success of the implementation of the centre of memoires.

**Key Words:** educational department; educational heritage; patrimony; cultural heritage; local development

## Résumé

Le présent rapport porte sur les travaux d'intervention menés dans le cadre du Master en sciences de l'éducation - Domaine culturel, Inclusion et Intervention éducative, en particulier sur le stage curriculaire portant sur les programmes de formation réalisés au Núcleo de Memória Escolar de la mairie de Murça.

Le premier objectif d'étude porte sur le patrimoine bâti - l'école Adães Bermudes – l'héritage éducatif sous ses aspects mémoriel d'expériences et de pratiques scolaires mais aussi sur les fournitures scolaires, ainsi que sur les formes populaires d'éducation. Tout au long de ce rapport, nous aborderons des concepts tels que la fourniture scolaire (Felgueiras, 2005), l'héritage éducatif (Felgueiras, 2010), le tourisme culturel (Amado Mendes, 2013), le patrimoine et la mémoire (Mendes, 2013) en tant qu'instruments de durabilité d'un territoire justifié par un point de vue théorique le travail réalisé.

L'intervention s'est déroulée à travers le processus de réflexion sur le service éducatif du Centro de Memória da educação de Murça, une institution en phase de création dont l'objectif est de valoriser le patrimoine éducatif et son patrimoine architectural. Le défi consistait à planifier un calendrier des activités et / ou aux offres éventuelles susceptibles d'attirer un public diversifié dans la commune, en interaction avec d'autres activités culturelles et économiques. Le travail développé était basé sur la connaissance des perceptions des dirigeants locaux et des écoles sur l'importance d'un centre de mémoire en tant que facteur de durabilité de la région. C'était l'option de penser à un service éducatif axé sur le tourisme culturel et valorisant l'identité culturelle et sociale de la région. Elle a également permis l'ouverture de relations d'ouverture et de proximité entre différents agents socioculturels de Murça, indispensables au succès du centre de mémoire à implémenter.

**Mots-clés:** service éducatif; patrimoine éducatif; patrimoine; patrimoine culturel; développement local

## Agradecimentos

Nesta fase final do meu percurso formativo considero fulcral tecer alguns agradecimentos àqueles que estiveram do meu lado ao longo deste percurso.

Primeiramente quero agradecer à minha orientadora Professora Doutora Margarida Louro Felgueiras que me orientou durante o mestrado, transmitiu a sua força, segurança, firmeza e o seu rico conhecimento nesta área. Obrigada por me ter acompanhado, por toda a paciência e apoio ao longo destes últimos dois anos e principalmente nesta fase final.

À Câmara Municipal de Murça, aos promotores do projeto do CMEM, e às funcionárias da Residência de estudantes de Murça que nos acolheram e possibilitaram a realização deste estágio e experienciar um conjunto de vivências que contribuíram para a minha profissionalidade e desenvolvimento pessoal e social.

À professora Isabel Breia que me transmitiu os seus saberes e acarinhou fazendo-me sentir parte da família, todo o seu apoio foi fundamental para que as saudades de casa fossem menos dolorosas.

Quero também deixar um agradecimento muito especial à minha colega de estágio que amparou as minhas quedas, as minhas angústias, que foi a minha confidente ao longo dos seis meses em Murça. Obrigada Patrícia por todo o apoio e paciência que tiveste comigo.

Deixo um agradecimento à Universidade de Coimbra e aos colegas da licenciatura que ajudaram a construir as bases para que a entrada neste mestrado fosse possível.

À Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, aos seus funcionários, colegas e Professores do mestrado em Ciências da Educação por terem transmitido os conhecimentos essenciais e por me ajudarem a tecer um futuro nas Ciências da Educação.

Finalmente quero deixar um agradecimento muito especial à minha família e amigos de infância que foram o mote para que toda esta experiência fosse possível. Obrigada por toda a força e confiança depositada em mim. Obrigada por nunca me deixarem desistir deste que é o meu sonho. Obrigada por me ouvirem, ampararem as quedas e por serem o meu porto de abrigo. Todo este trabalho foi possível também graças ao vosso esforço e paciência. Obrigada!

## **Lista de Abreviaturas**

AVEM – Agrupamento Vertical de Escolas de Murça

CMM – Câmara Municipal de Murça

CMEM – Centro de Memória da Educação de Murça

EPM – Escola Profissional de Murça

FPCEUP – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade  
do Porto

NUT – Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos

PIB – Produto Interno Bruto

## Índice de figuras

Figura 1. Mapa com localização do concelho de Murça .....	10
Figura 2. Tabela com a densidade populacional por concelhos .....	12
Figura 3. Tabela com a População residente segundo os Censos .....	13
Figura 4. Índice de envelhecimento da população em % .....	14
Figura 5. População residente com 15 e mais anos sem nível de escolaridade ..	15
Figura 6. População residente com 15 e mais anos por nível de escolaridade - 1ºciclo do Ensino Básico .....	15
Figura 7. População residente com 15 e mais anos por nível de escolaridade - 2ºciclo do ensino básico.....	16
Figura 8 População residente com 15 e mais anos por nível de escolaridade - 3º ciclo do ensino básico.....	16
Figura 9 . Museus do distrito de Vila Real .....	18
Figura 10. Museus do distrito de Bragança .....	20
Figura 11. Nº de visitantes por mil habitantes na NUT III - Sub-região do Douro .....	24



## Índice

Capítulo I – Introdução .....	9
1. <i>Razões de escolha da temática e do local de estágio</i> .....	9
2. <i>Caracterização do território e da Instituição</i> .....	10
2.2. <i>Da Exposição “Memórias da escola de outros tempos: Uma viagem no tempo” ao projeto CMEM</i> .....	29
3. <i>Organização do relatório</i> .....	31
Capítulo II – Intervenção cultural num contexto de incerteza .....	32
1. <i>Enquadramento teórico-conceitual da intervenção</i> .....	32
2. <i>Fundamentação metodológica e ética da intervenção</i> .....	41
Capítulo III – Descrição do processo de estágio.....	48
Capítulo IV – O papel do Centro de Memória da Educação de Murça visto pelos agentes culturais locais .....	55
Capítulo V –Análise do processo e considerações finais .....	62
1. <i>Avaliação e monitorização da Intervenção</i> .....	62
2. <i>Considerações finais</i> .....	63
Referências bibliográficas.....	66
Apêndices.....	70
<i>Apêndice I – Notas de Terreno</i> .....	70
<i>Apêndice II – Guião das entrevistas</i> .....	72
<i>Apêndice III – Consentimento Informado</i> .....	80
<i>Apêndice IV – Entrevistas transcritas</i> .....	83
<i>Apêndice V – Exemplo de Inventário</i> .....	108
<i>Apêndice VI – Plano de atividades da semana da Ciência Viva</i> .....	110
<i>Apêndice VII – Cartaz do I Colóquio de</i> .....	112
<i>Apêndice VIII – Programa do Colóquio</i> .....	113
Anexos .....	114
<i>Anexo I – Resumo do Projeto Raízes da Educação para o Futuro- REDUF</i> .....	114

## **Capítulo I – Introdução**

### **1. Razões de escolha da temática e do local de estágio**

As instituições de caráter cultural têm o potencial e a capacidade de provocarem experiências de aprendizagem que complementam o ensino escolar e vão além deste, criando momentos lúdicos, desenvolvendo capacidades cognitivas e afetivas. É através desta premissa que se acredita que os especialistas em educação – como licenciados e mestres em Ciências da Educação – são imprescindíveis em locais de educação não formal, tais como museus e outras instituições culturais. Após o meu interesse em trabalhar em locais não formais de educação em que houvesse uma ligação cultural, optei por seguir o Mestrado em Ciências da Educação mais especificamente no domínio de Cultura, Inclusão e Intervenção Educativa, dando continuidade à formação inicial também as Ciências da Educação.

As questões educativas foram sempre o foco principal. Em conversa com a orientadora decidiu-se que faria sentido que o estágio se realizasse nos serviços educativos de uma instituição cultural, indo assim ao encontro dos meus interesses e, ao mesmo tempo, conseguir conciliar os conteúdos culturais evidenciados no domínio do mestrado.

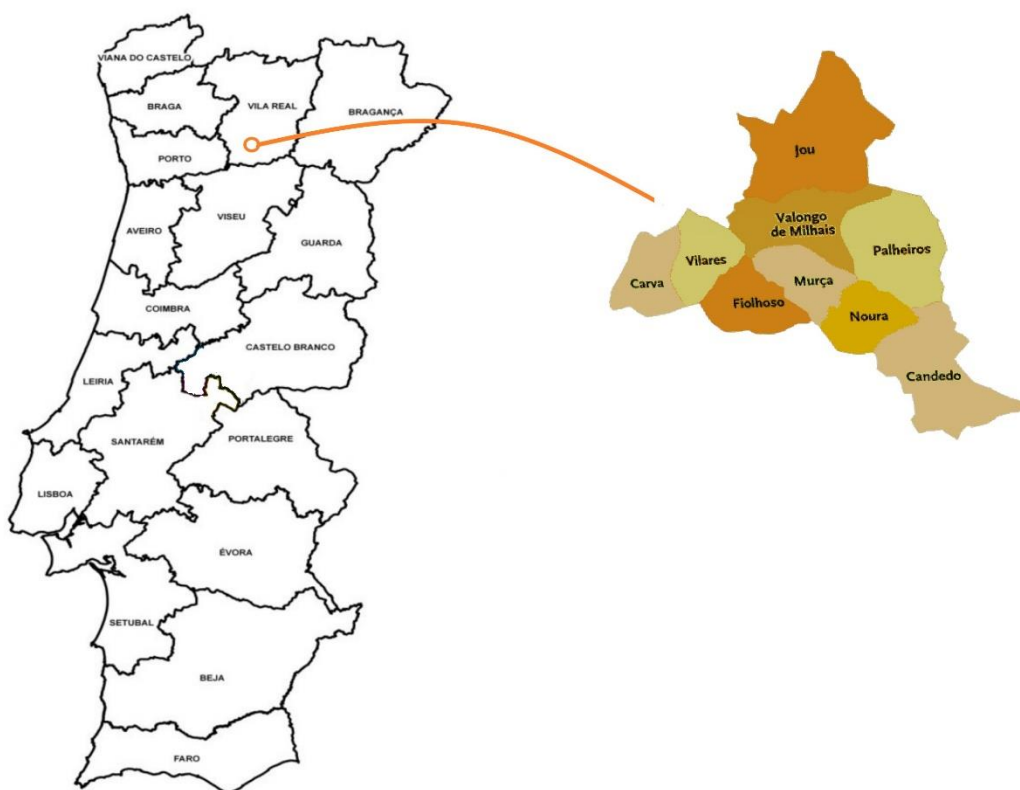
Posteriormente, surgiu a oportunidade de integrar um projeto de intervenção que se foca na herança educativa e cultural de Murça, onde se pretende criar um Centro de Memória da Educação. O estágio decorreu no Núcleo de memória escolar da Câmara Municipal de Murça durante 7 meses. O processo de constituição do serviço educativo desta instituição, em fase de criação, foi acompanhado por uma colega (Patrícia Magalhães), sendo que cada uma focou a sua intervenção num objeto de estudo específico e diferenciado, apesar de na sua essência estar a constituição do serviço educativo da mesma instituição cultural.

## 2. Caracterização do território e da Instituição

### 2.1.1. O território e seu contexto sócio-económico e político:

O estágio realizou-se na Câmara Municipal de Murça na freguesia de Murça no distrito de Vila Real, num interior rural em desertificação da região Alto-Douro e Trás-os-Montes. Zona rica culturalmente, não só no património natural como na arquitetura dos seus edifícios e nas suas tradições.

Figura 1. Mapa com localização do concelho de Murça



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/9480263@N02/3811051533>

O município de Murça ocupa uma área de 171km<sup>2</sup> compreendendo um conjunto de 7 freguesias divididas em três zonas (Terra Quente, Terra Fria e a Zona de Montanha), cada qual com especificidades naturais, sociais e culturais. A Terra Fria compreende as

aldeias de Candedo, Noura e Palheiros, e a vila de Murça, a Terra Quente integra as freguesias de Fiolhoso, Carva e Vilares, Valongo de Milhais, Jou e a Zona de Montanha (Fernandes, 1985, pp.11-14). Os membros da CMM afirmam que Murça se caracteriza por ser um dos “centros urbanos mais importantes da região, [...] permitindo o fácil contacto humano, comercial, industrial e cultural”, sendo que a proximidade ao distrito e os novos acessos rodoviários “tornam Murça uma zona privilegiada em termos de acesso, o que favorece a potencialização do seu desenvolvimento”<sup>1</sup>.

Segundo a sua página online<sup>2</sup>, a CMM admite que a sua missão passa por promover um “serviço de qualidade” onde se valoriza a participação ativa de toda a comunidade, evidenciando as competências da população e das próprias características do território. Aspetos estes evidenciados ao longo da entrevista ao Sr. Vice-Presidente da CMM, onde o mesmo refere que:

A região tem vindo a ganhar aqui algumas capacidades que não tinha, ou seja, estamos a ter mais dinâmicas culturais, estamos a ter mais oferta cultural [...] e a comunidade escolar tem esta capacidade através dos seus alunos, dos seus professores, de passar todo este manancial, que é a nossa carga genética local, passar para a comunidade. E a comunidade será tanto mais defensora, será tanto mais valorizadora deste património, quanto mais estiver imbuída dele e quanto mais partilhar e participar nele.<sup>3</sup>

A autarquia de Murça tem à sua frente, atualmente, um executivo maioritário do PSD mas nos últimos anos foi governado pelo PS, sendo que foi com este que se iniciou o projeto que culminará no CMEM.

A vila de Murça insere-se na NUT II (Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos) Região Norte e na NUT III Sub-região do Douro. Torna-se fulcral falar da NUT II, uma vez que esta constitui a “matriz territorial de referência na afetação dos fundos estruturais e de coesão da União Europeia” (INE, 2013, p.24), o que permite promover o desenvolvimento equilibrado das regiões e fomentar “os objetivos de coesão económica, social e, mais recentemente, territorial” (INE, 2013, p.24). A definição da divisão administrativa em NUTs, em especial a NUT II, permite reconhecer o nível de

---

<sup>1</sup> Informação disponibilizada na página online da Câmara Municipal de Murça, disponível em: <http://www.cm-murca.pt/pages/314>

<sup>2</sup> <sup>2</sup> Informação disponibilizada na página online da Câmara Municipal de Murça, disponível em: <http://www.cm-murca.pt/pages/314>

<sup>3</sup>Excerto da entrevista ao Vice- Presidente da Câmara de Murça, realizada por Susana Saborano, a 19 de março de 2018, arquivado no edifício do futuro Centro de Memória de Murça.

desenvolvimento das regiões, o que facilita a possibilidade de determinados projetos terem acesso aos financiamentos comunitários. A elegibilidade regional é medida pela “aproximação do PIB per capita médio da região ao valor médio deste indicador a nível europeu” (INE, 2013, p.24). Torna-se importante situar a região de Murça e referir a importância da NUT II no contexto do nosso estágio, uma vez que o projeto a desenvolver foi submetido a candidaturas para receber financiamentos comunitários ou nacionais, o que permitirá a sua concretização.

Recolhemos informações disponibilizadas pelos Censos, uma vez que estes permitem atualizar e aprofundar o conhecimento sobre as dinâmicas territoriais e populacionais do nosso país, e por sua vez, analisar as alterações ocorridas em anos anteriores, verificando o desenvolvimento regional e as suas especificidades.

Podemos observar, nas regiões rurais do interior, ao longo dos últimos 50anos, uma diminuição da população e um aumento do índice de envelhecimento. Ao analisar as tabelas que se seguem, verificamos uma diminuição de 23,3 de indivíduos por Km<sup>2</sup>

Figura 2. Tabela com a densidade populacional por concelhos


Territórios	N.º médio de indivíduos por Km <sup>2</sup>			
	1960	1981	2001	2011
Armamar	103,8	80,5	64,0	53,7
Carrazeda de Ansiães	51,3	40,9	27,4	22,8
Freixo de Espada à Cinta	29,7	23,3	17,1	15,5
Lamego	219,3	198,3	169,6	161,4
Mesão Frio	278,1	237,3	184,5	166,3
Moimenta da Beira	69,4	58,2	50,3	46,4
Murça	54,7	45,0	35,6	31,4
Penedono	50,8	31,3	25,8	22,1

Fonte: Pordata – Bases de dados Portugal Contemporâneo

em Murça entre 1961 e 2011<sup>4</sup>. Em comparação com outras vilas da mesma NUT, como por exemplo Carrazeda de Ansiães – vila próxima de Murça e com características territoriais idênticas – verificamos que existe uma maior diminuição da densidade populacional em Carrazeda de Ansiães. Contudo a perda demográfica é enorme em todos concelhos.

A diminuição da densidade populacional influencia o índice de envelhecimento, uma vez que a migração populacional se verifica nas camadas mais jovens e em idade reprodutora. A tabela seguinte<sup>5</sup> mostra a população residente onde verificamos uma diminuição da população em Murça. E, por sua vez, na tabela abaixo encontramos um índice de envelhecimento elevado o que traz algumas consequências para a região.

Figura 3. Tabela com a População residente segundo os Censos

 Territórios	População residente			
	Total			
Anos	1960	1981	2001	2011
Carrazeda de Ansiães	14.340	11.420	7.642	6.373
Freixo de Espada à Cinta	7.288	5.717	4.184	3.780
Lamego	36.320	32.833	28.081	26.691
Mesão Frio	7.424	6.335	4.926	4.433
Moimenta da Beira	15.272	12.809	11.074	10.212
Murça	10.364	8.518	6.752	5.952
Penedono	6.792	4.189	3.445	2.952
Peso da Régua	22.634	22.472	18.832	17.131
Sabrosa	12.903	9.050	7.032	6.361

Fonte: Pordata – Bases de dados Portugal Contemporâneo

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela>

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela>

As informações disponibilizadas mostram-nos uma região em declínio no que respeita à sua trajetória de sustentabilidade demográfica e territorial.

Figura 4. Índice de envelhecimento da população em %

Territórios		Índice de envelhecimento			
Anos		1960	1981	2001	2011
Douro		22,2	44,4	127,6	174,9
Alijó		20,8	45,3	154,5	249,3
Armamar		25,9	46,8	133,6	192,5
Carrazeda de Ansiães		23,7	58,4	223,3	320,1
Freixo de Espada à Cinta		29,6	77,4	276,4	305,8
Lamego		21,5	33,2	105,1	145,3
Mesão Frio		22,6	40,3	104,8	160,4
Moimenta da Beira		23,1	46,7	117,7	165,8
Murça		16,9	40,1	165,8	251,3
Penedono		20,5	64,9	181,2	233,4
Peso da Régua		21,6	34,4	95,4	144,4

Fonte: Pordata – Bases de dados Portugal Contemporâneo

Segundo um estudo publicado em 2017 (Natário et al, 2017) a região de Murça encontra-se, segundo estes parâmetros na categoria *Fortemente em Declínio*, os municípios classificados nesta categoria registaram uma “perda da população (entre -10% e -20%) nos últimos 20 anos, acompanhada por uma forte redução de pessoas ocupadas” (Ibid., p.1174).

### 2.1.2. Situação Educativa

O contexto educativo do concelho de Murça passou por várias alterações até chegar, atualmente, ao Centro Escolar existente na vila de Murça, que agrega todas os estudantes do Concelho. Em entrevista à professora Isael Breia – antiga professora primária deste mesmo concelho – que acompanhou o processo de alterações da escola primária nos últimos 33 anos, percebemos que o número de alunos do concelho havia descido o que levou ao fecho de algumas escolas. Estas informações, confirmadas pela análise dos censos realizados ao longo dos últimos anos, mostram-nos uma grande percentagem da população analfabeta em Murça (66,2%) na década de 60 do século XX.

Figura 5. População residente com 15 e mais anos sem nível de escolaridade

Territórios		Sem nível de escolaridade			
Anos		1960	1981	2001	2011
Douro		70,3	47,6	26,3	15,6
Alijó		73,3	46,9	28,0	17,6
Armamar		76,9	55,5	29,0	16,0
Carrazeda de Ansiães		69,2	50,5	33,6	20,8
Freixo de Espada à Cinta		69,6	52,3	36,3	22,6
Lamego		71,1	44,5	23,8	14,7
Mesão Frio		76,2	50,9	27,8	17,8
Moimenta da Beira		76,8	51,2	29,5	16,1
Murça		66,2	51,1	31,6	20,0

Fonte: Pordata – Bases de dados Portugal Contemporâneo

Em comparação com alguns concelhos das proximidades, verificamos que apesar de os valores do analfabetismo em Murça serem mais baixos, também este concelho teve uma diminuição ligeiramente mais lenta – de 15,1% , 19,5 e 11,6, respectivamente por cada década – da população sem nível de escolaridade, em relação aos concelhos que tinham um valor mais elevado em 1960. Ficou equiparado a Carrazeda de Ansiães, que partira de uma percentagem mais elevada.

Figura 6. População residente com 15 e mais anos por nível de escolaridade - 1ºciclo do Ensino Básico

Territórios		Básico 1º ciclo			
Anos		1960	1981	2001	2011
Douro		27,9	35,8	33,3	32,7
Alijó		25,1	39,8	37,6	39,3
Armamar		22,0	32,2	38,6	38,5
Carrazeda de Ansiães		29,3	37,7	36,3	40,4
Freixo de Espada à Cinta		28,6	34,0	35,1	38,0
Lamego		26,4	35,4	30,6	29,1
Mesão Frio		22,4	37,5	38,3	35,9
Moimenta da Beira		21,7	34,0	32,6	34,8
Murça		32,6	36,6	33,6	35,3

Fonte: Pordata – Bases de dados Portugal Contemporâneo



Estes, por sua vez, diminuíram a população analfabeta em cerca de 20 e 30% (como é o caso de Alijó e Lamego) e aumentaram o nível de escolaridade relativo ao 1º ciclo do Ensino Básico cerca de 10% por década. Entretanto Murça apenas teve um aumento de 4% na década de 60 para 1981 tendo descido novamente de 1981 para 2001, o que poderemos justificar pela diminuição da natalidade ou pelo aumento de migrações para o estrangeiro e para outros concelhos do país.

Figura 7. População residente com 15 e mais anos por nível de escolaridade - 2º ciclo do ensino básico

Territórios	Básico 2º ciclo			
	1960	1981	2001	2011
Douro	-	8,0	13,8	12,2
Alijó	-	6,5	12,6	12,9
Armamar	-	8,0	14,3	13,6
Carraceda de Ansiães	-	6,2	11,9	10,3
Freixo de Espada à Cinta	-	6,9	12,3	11,9
Lamego	-	10,0	17,7	13,6
Mesão Frio	-	6,0	15,6	13,8
Moimenta da Beira	-	8,4	15,0	12,1
Murça	-	6,3	13,5	12,9

Fonte: Pordata – Bases de dados Portugal Contemporâneo

Figura 8 População residente com 15 e mais anos por nível de escolaridade - 3º ciclo do ensino básico

Territórios	Básico 3º ciclo			
	1960	1981	2001	2011
Douro	-	4,7	12,3	15,8
Alijó	-	3,8	11,6	13,7
Armamar	-	2,4	10,1	14,8
Carraceda de Ansiães	-	2,9	9,8	12,0
Freixo de Espada à Cinta	-	3,1	8,8	13,5
Lamego	-	5,2	12,9	17,1
Mesão Frio	-	3,4	10,2	15,7
Moimenta da Beira	-	3,9	11,1	15,8
Murça	-	3,6	11,2	14,4

Fonte: Pordata – Bases de dados Portugal Contemporâneo

A baixa drástica que se verificou na população parece justificar as baixas percentagens de estudantes quer no 2.º quer no 3.º ciclos de escolaridade. Devido a essa diminuição de estudantes no concelho de Murça, assistimos a uma mudança educativa no concelho. Segundo a professora Isabel Breia, na entrevista que lhe realizámos, no ano letivo 2003/2004 estava perspectivado o encerramento de algumas escolas das várias aldeias do concelho por terem muito poucos alunos. Estes iriam ser transferidos para a Escola primária nº1 de Murça, e posteriormente foram novamente transferidos para o novo Centro Escolar, aquando a abertura do mesmo.

Sendo este trabalho focado no desenvolvimento de atividades culturais em Murça, importa também perceber as dinâmicas culturais da região em que se insere, no sentido de se poder vir a estabelecer parcerias e reforçar sinergias. Para tal, passaremos a analisar o desenvolvimento cultural e turístico do meio, uma vez que o nosso objetivo é criar uma instituição cultural sobre educação voltada para a região.

### **2.1.3. Situação cultural:**

Após uma exaustiva pesquisa por instituições de carácter cultural na região de Trás-os-Montes e Alto Douro, que é composta pelos distritos de Vila Real e Bragança encontramos trinta e sete instituições <sup>6</sup> das quais catorze localizam-se no distrito de Vila Real e vinte e três no de Bragança. Quase todos são museus ou casas museu. A imagem em baixo mostra a localização por concelho, relativamente ao distrito de Vila Real.

---

<sup>6</sup> Informações disponibilizadas em: <http://museusportugal.org/museus.aspx?menu=125&id=126&d=3> e <https://www.cm-braganca.pt/pages/289>

Distrito de Vila Real:

Figura 9 . Museus do distrito de Vila Real <sup>7</sup>



Apesar de encontrarmos alguns museus nos concelhos envolventes, verificamos que em Murça não há registos de museus nem de instituições culturais preparadas para receber um grupo turístico, aparecendo aos olhos da população exterior como um local sem grande potencial turístico. No entanto, existe em Murça uma estrutura considerada um centro interpretativo, num local de escavações arqueológicas, que poderá ser visitado.

No distrito de Vila Real podemos identificar diferentes tipologias de museus, relativamente às disciplinas que os estruturam e que enumeramos: etnográficos, arte e arqueologia, arte sacra, e dos transportes.

Encontramos uma *Casa da Cultura – Museu da Escola*<sup>8</sup> sediada num edifício escolar Adães Bermudes que faz parte do Ecomuseu de Ribeira de Pena e que tem por

<sup>7</sup> Imagem retirada de:

[https://www.google.pt/search?q=distrito+de+vila+real&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjFzrv2k\\_dAhXNzKQKHdqSD2UQ\\_AUIDigB&biw=1366&bih=577#imgdii=ErnYFr7o9IqBzM:&imgc=nuNy7ktSs-gVtM](https://www.google.pt/search?q=distrito+de+vila+real&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjFzrv2k_dAhXNzKQKHdqSD2UQ_AUIDigB&biw=1366&bih=577#imgdii=ErnYFr7o9IqBzM:&imgc=nuNy7ktSs-gVtM):

<sup>8</sup> Informações retiradas da página online do Museu: <http://www.cm-rpena.pt/ecomuseu/?id=5>

missão a preservação e divulgação do património cultural daquele território. A *Casa da Cultura – Museu da Escola* tem como missão compreender a evolução do ensino primário, preservar e conservar a herança educativa. Esta Casa da Cultura – Museu da Escola disponibiliza um Centro de Aprendizagem, onde desenvolve oficinas dirigidas ao público escolar e um Centro de Recursos dirigido a professores, de que não se encontra informação disponibilizada. É de assinalar a interligação de todos os recursos culturais e estruturas museológicas do concelho. No que se refere aos museus mais ligados à etnografia e à preservação dos hábitos rurais regionais, encontramos o *Museu da Região Flaviense*<sup>9</sup> que para além de expor os modos de vida dos habitantes da região, integra também outros temas relacionados com a região como a arqueologia, história militar e a ferrovia, o *Museu Rural de Boticas* e o *Ecomuseu de Barroso*<sup>10</sup> que se dedicam ambos às interações do ser humano com o território e fazem parte de um projeto comum dos concelhos de Boticas e Montalegre, e o *Museu do Douro*<sup>11</sup> que preserva, estuda, e expõe objetos materiais e imateriais representativos da identidade e cultura de uma região muito ligada à atividade vinhateira.

Encontramos também, nesta região, dois museus ligados à ciência e à história, o Museu de Geologia da UTAD<sup>12</sup> considerado um centro de ciência viva, que integra peças de alguns processos geológicos que ocorreram no planeta e a *Casa de Mateus*<sup>13</sup> que sendo o Palácio de Mateus construído no século XVIII, tem como função a conservação deste monumento, assim como o estudo de todo o arquivo que o compõe. Encontramos também uma tipologia ligada aos transportes, o *Museu Ferroviário*<sup>14</sup> de Chaves que conta a história do caminho de ferro em Portugal remetendo para uma perspetiva história da Europa e do Mundo. No que se refere aos museus de arte e arqueologia, incluímos a Casa Museu Maurício Penha<sup>15</sup> que integra o acervo artístico do escultor Maurício Penha, e o Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real<sup>16</sup> em que o seu espólio é na sua maioria objetos arqueológicos. A *Casa de Santa Clara- Museu dos Lagares*<sup>17</sup> é um museu

---

<sup>9</sup> Informações retiradas da página online do Museu: <http://museus.chaves.pt/community/#front>

<sup>10</sup> Informações retiradas da página online do Museu: <http://www.cm-boticas.pt/conteudos/default.php?id=2>

<sup>11</sup> Informações retiradas da página online do Museu: <http://www.museudodouro.pt/museu-douro-missao-objetivos>

<sup>12</sup> Informações retiradas da página online do Museu: <https://www.utad.pt/museu-de-geologia/>

<sup>13</sup> Informações retiradas da página online do Museu: <http://www.casademateus.com/>

<sup>14</sup> Informações retiradas da página online do Museu: <https://www.fmnf.pt/museu>

<sup>15</sup> Informações retiradas da página online do Museu: [http://www.turismo.cm-alijo.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=82:museu&catid=64:museus&Itemid=79](http://www.turismo.cm-alijo.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=82:museu&catid=64:museus&Itemid=79)

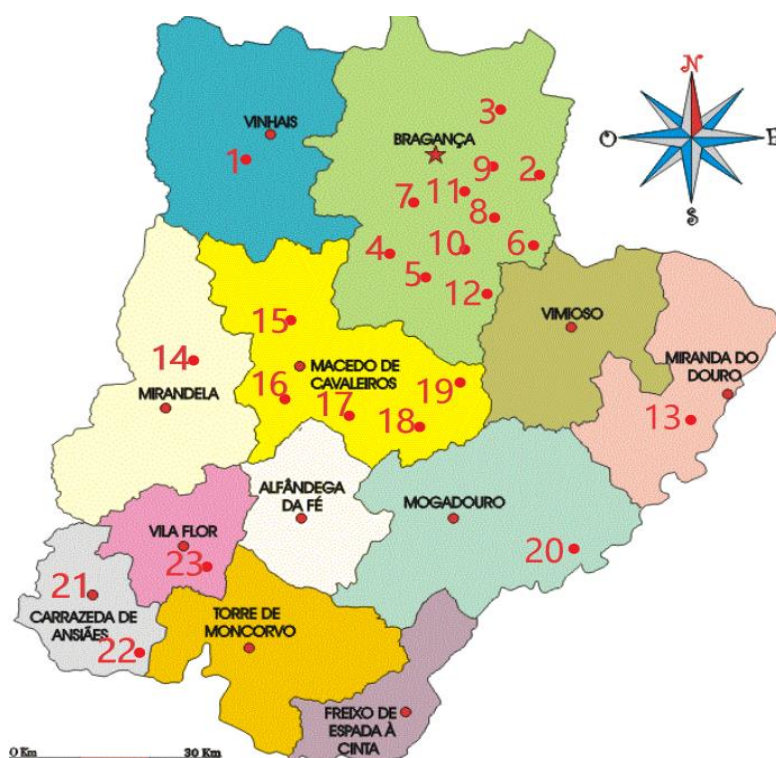
<sup>16</sup> Informações retiradas da página online do Museu: <http://museu.cm-vilareal.pt/>

<sup>17</sup> Informações retiradas da página online do Museu: <http://dourovalley.eu/poi?id=6760>

de índole agrícola e comercial, onde podemos encontrar objetos únicos ligados à atividade vinhateira. Relativamente a museus de índole religiosa integramos o *Museu de Arte Sacra de Vila Marim*. Por último, destacamos o Parque Natural Regional do Vale do Tua, que se distingue das restantes instituições, uma vez que agrega cinco concelhos da Região do Alto Douro e Trás-os-Montes. Este parque integra uma parte do Alto Douro vinhateiro – considerado Património da Humanidade –, um conjunto de valores patrimoniais arquitetónicos, arqueológicos e etnográficos e, ainda, um conjunto de quintas vocacionadas para a cultura da vinha que tem vindo a desempenhar um importante papel no desenvolvimento económico da região<sup>18</sup>. Nesta zona verificamos uma grande tendência para museus ligados à etnografia da região, sendo que também se verificará a mesma tendência no distrito de Bragança.

#### Distrito de Bragança:

*Figura 10. Museus do distrito de Bragança*



<sup>18</sup> Informações retiradas da página online: <http://parque.valetua.pt/>

1. Museu de Arte Sacra de Ordem Terceira
2. Museu Escola e Etnográfico
3. Museu Etnográfico Dr. Belarmino Afonso
4. Centro de Memória Forte S.João de Deus
5. Centro Ciência Viva
6. Museu Militar de Bragança
7. Museu Ibérico da Máscara e do Traje
8. Museu do Abade de Baçal
9. Centro de Fotografia George Dussaud
10. Centro de Arte Contemporânea Graça Morais
11. Centro de Interpretação da Cultura Sefardita do Nordeste Transmontano

12. Memorial e Centro de Documentação Sefardita
13. Ecomuseu da Terra de Miranda
14. Museu Municipal de Mirandela
15. Casa do Careto
16. Museu Martim Gonçalves Macedo
17. Museu Municipal de Arqueologia Coronel Albino Pereira Lopo
18. Museu do Mel e da Apicultura
19. Museu Rural de Salselas
20. Sala-Museu de Arqueologia
21. Castelo de Ansiães
22. Museu de Memória Rural
23. Museu Municipal Dr<sup>a</sup>. Berta Cabral

No distrito de Bragança os museus enquadram-se maioritariamente na tipologia de museus etnográficos, como já referimos anteriormente. Foram identificados os seguintes museus etnográficos: *Museu Etnográfico Dr. Belarmino Afonso*<sup>19</sup>, *Centro de fotografia Georges Dussaud*<sup>20</sup>, *Ecomuseu da Terra de Miranda*<sup>21</sup>, *Museu Rural de Salselas*<sup>22</sup>, *Museu da Memória Rural*<sup>23</sup>, *Museu Escola e Etnográfico*<sup>24</sup>. Estes museus dedicam-se a retratar a história de vida, os hábitos, rotinas de trabalho e lazer dos habitantes do nordeste transmontano, por exposição de objetos materiais e imateriais e por acervos fotográficos. Ainda nesta categoria etnográfica incluímos o *Memorial e Centro de Documentação Bragança Sefardita* e o *Centro de Interpretação da Cultura Sefardita do Nordeste Transmontano*<sup>25</sup> que dialogam e se complementam na preservação das vivências das comunidades judaicas que aqui existiram. O *Museu Ibérico da Máscara e do Traje*<sup>26</sup> e a *Casa do Careto*<sup>27</sup> também se inclui nesta categoria, apesar de terem um tema mais específico: dedicam-se à exposição de máscaras e trajes tradicionais relativas

<sup>19</sup> Informações retiradas da página online do Museu:

[http://rotaterrafria.com/frontoffice/pages/226?geo\\_article\\_id=6968](http://rotaterrafria.com/frontoffice/pages/226?geo_article_id=6968)

<sup>20</sup> Informações retiradas da página online do Museu: [https://www.cm-](https://www.cm-braganca.pt/frontoffice/pages/543?poi_id=155)

[braganca.pt/frontoffice/pages/543?poi\\_id=155](https://www.cm-braganca.pt/frontoffice/pages/543?poi_id=155)

<sup>21</sup> Informações retiradas da página online do Museu:

[http://www.rotaterrafria.com/pages/226/?geo\\_article\\_id=6918](http://www.rotaterrafria.com/pages/226/?geo_article_id=6918)

<sup>22</sup> Informações retiradas da página online do Museu: <http://www.museururaldesalselas.com/>

<sup>23</sup> Informações retiradas da página online do Museu: <https://museudamemoriarural.pt/>

<sup>24</sup> Informações retiradas da página online do Museu: <http://www.uf-riofriomilhao.pt/museu.html>

<sup>25</sup> Informações retiradas da página online do Museu: [https://www.cm-](https://www.cm-braganca.pt/frontoffice/pages/543?poi_id=901)  
[braganca.pt/frontoffice/pages/543?poi\\_id=901](https://www.cm-braganca.pt/frontoffice/pages/543?poi_id=901)

<sup>26</sup> Informações retiradas da página online do Museu: [https://www.cm-](https://www.cm-braganca.pt/frontoffice/pages/543?poi_id=153)  
[braganca.pt/frontoffice/pages/543?poi\\_id=153](https://www.cm-braganca.pt/frontoffice/pages/543?poi_id=153)

<sup>27</sup> Informações retiradas da página online do Museu: [https://www.cm-](https://www.cm-macedodecavaleiros.pt/pages/896?poi_id=172)  
[macedodecavaleiros.pt/pages/896?poi\\_id=172](https://www.cm-macedodecavaleiros.pt/pages/896?poi_id=172)



às festas da região do nordeste transmontano e de Zamora e à mostra dos trajes da tradição carnavalesca da região de Podence.

No que respeita aos museus de arte e arqueologia incluímos o *Museu Municipal de Mirandela*<sup>28</sup> constituído por obras de arte contemporânea, fundamentalmente do século XX, na sua maioria portuguesa; *Centro de Arte Contemporânea Graça Morais*<sup>29</sup> tendo um espólio de peças da pintora Graça Morais e acolhe exposições de referência nacional e internacional; *Museu Municipal Dr.<sup>a</sup> Berta Cabral*<sup>30</sup> constituído por coleções de pintura, arqueologia, etnografia e artesanato africano; *Sala Museu de Arqueologia*<sup>31</sup> e *Museu Municipal de Arqueologia - Coronel Albino Pereira Lopo*<sup>32</sup>, ambos se dedicam a expor diversas peças arqueológicas. Relativamente aos museus de índole religiosa encontramos o *Museu de Arte Sacra da Ordem Terceira* que reúne peças de arte religiosa de “pintura, escultura, ourivesaria, paramentaria gravura, documentação e mobiliário, que pertenceram à Ordem Terceira de São Francisco de Vinhais, Santa Casa da Misericórdia e Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção, entre os séculos XVI e XX “. <sup>33</sup> O Museu do Abade de Baçal,<sup>34</sup> reúne um conjunto de obras artísticas e históricas de carácter eclético . Ainda encontramos museus ligados à história, como é o caso do Castelo de Ansiães<sup>35</sup> que procura preservar e expor o monumento. De índole militar encontramos o *Museu Municipal Martim Gonçalves de Macedo*<sup>36</sup> que se dedica a contar a história da Batalha de Aljubarrota e a enaltecer o seu herói Martim Gonçalves de Macedo, o *Centro de Memória S. João de Deus*<sup>37</sup> que se caracteriza por ser um espaço interativo que realça a importância da presença militar em Bragança e que recorda a existência do forte de S.

---

<sup>28</sup> Informações retiradas da página online do Museu: <https://www.cm-mirandela.pt/pages/726>

<sup>29</sup> Informações retiradas da página online do Museu: [https://www.cm-braganca.pt/frontoffice/pages/543?poi\\_id=157](https://www.cm-braganca.pt/frontoffice/pages/543?poi_id=157)

<sup>30</sup> Informações retiradas da página online do Museu: [https://www.cm-vilaflor.pt/frontoffice/pages/332?poi\\_id=93](https://www.cm-vilaflor.pt/frontoffice/pages/332?poi_id=93)

<sup>31</sup> Informações retiradas da página online do Museu: [http://www.rotaterrafrica.com/pages/226/?geo\\_article\\_id=6938](http://www.rotaterrafrica.com/pages/226/?geo_article_id=6938)

<sup>32</sup> Informações retiradas da página online do Museu: [https://www.cm-macedodecavaleiros.pt/pages/896?poi\\_id=207](https://www.cm-macedodecavaleiros.pt/pages/896?poi_id=207)

<sup>33</sup> Informações retiradas da página online do Museu: [http://rotaterrafrica.com/frontoffice/pages/226?geo\\_article\\_id=6976](http://rotaterrafrica.com/frontoffice/pages/226?geo_article_id=6976)

<sup>34</sup> Informações retiradas da página online do Museu: [https://www.cm-braganca.pt/frontoffice/pages/543?poi\\_id=154](https://www.cm-braganca.pt/frontoffice/pages/543?poi_id=154)

<sup>35</sup> Informações retiradas da página online do Museu: <https://www.cm-carradedeansiaes.pt/pages/299>

<sup>36</sup> Informações retiradas da página online do Museu: [https://www.cm-macedodecavaleiros.pt/pages/903?poi\\_id=206](https://www.cm-macedodecavaleiros.pt/pages/903?poi_id=206)

<sup>37</sup> Informações retiradas da página online do Museu: [https://www.cm-braganca.pt/frontoffice/pages/543?poi\\_id=158](https://www.cm-braganca.pt/frontoffice/pages/543?poi_id=158)

João de Deus; o Museu militar de Bragança<sup>38</sup> assume-se por ser um espaço de memórias das vivências militares da cidade. Ligados à atividade económica e agrícola incluímos o Museu do Mel e da Apicultura,<sup>39</sup> que expõe todos os utensílios utilizados nesta atividade bem como mostra como este trabalho é desenvolvido. Por fim encontramos um museu ligado à ciência, o *Centro de Ciência Viva de Bragança* que abarca exposições permanente dedicadas à energia, ao ambiente, à reciclagem e ao património geológico e biológico da região.

Esta pesquisa sobre museus que realizámos, tendo como meio a internet e as páginas que as instituições nela disponibilizam e que acabámos de expor foi fulcral para percebermos que tipos de museus existem na região do Alto Douro e Trás-os-Montes e qual a importância dada à cultura. Verificamos um grande número de museus etnográficos ligados a mostrar e preservar os modos de vida das gentes desta região, a sua atividade económica muito ligada à vinha, ao azeite e ao mel, produtos típicos da zona e aos saber-fazer de antigamente, que ainda hoje permanecem em alguns locais. Concluímos que a educação não foi uma temática que atraiu os olhares da cultura, uma vez que apenas encontramos uma casa da cultura com um pequeno museu, muito dinâmico, que preserva uma exposição do ensino primário, dirigido ao público escolar, com desenvolvimento de oficinas e que funciona também como um centro de recursos para professores.

Uma das grandes preocupações do projeto de investigação Raízes da Educação para o Futuro, para além do estudo, da conservação e preservação de uma herança educativa e cultural muito vincada, é também trazer a esta pequena vila uma maior visibilidade de forma a dar a conhecer e valorizar o património educativo aí presente. Simultaneamente, que o movimento de pessoas possa contribuir para o dinamismo económico da vila, pelo aumento da procura pelos produtos da região, pela realização de atividades culturais que promovam o bem-estar da comunidade e das que a visitam. Pelo levantamento realizado, o futuro Centro de Memória da Educação de Murça será um centro que não replica nada do que existe na região. Pretende ser uma estrutura muito ativa sobre uma temática que pode ter impacto para as pessoas da região e para fora. Assim, podemos afirmar que o Centro de Memória da Educação de Murça poderá colmatar uma das grandes faltas da região, valorizando o património material, ao

---

<sup>38</sup> Informações retiradas da página online do Museu: [https://www.cm-braganca.pt/frontoffice/pages/543?poi\\_id=152](https://www.cm-braganca.pt/frontoffice/pages/543?poi_id=152)

<sup>39</sup> Informações retiradas da página online do Museu: [https://www.cm-macedodecavaleiros.pt/pages/903?poi\\_id=174](https://www.cm-macedodecavaleiros.pt/pages/903?poi_id=174)



considerarmos que as instituições culturais são importantes na aposta no desenvolvimento de zonas mais isoladas, proporcionando um apelo turístico, que dá a conhecer o património natural e cultural do meio. Nas tabelas que apresentamos de seguida confirmamos a inexistência de visitantes assim como já observamos supra a ausência de instituições de carácter cultural e lúdico.

Figura 11. Nº de visitantes por mil habitantes na NUT III - Sub-região do Douro

Territórios	Visitantes por mil hab.				
	1995	2001	2009	2010	2011
Resende	-	±	±	-	-
Douro	234,8	±	±	-	-
Aljô	-	±	±	-	-
Armamar	-	±	±	-	-
Carrazeda de Ansiães	-	±	±	-	-
Freixo de Espada à Cinta	-	±	±	-	-
Lamego	415,2	±	± 768,4	-	-
Mesão Frio	-	±	±	-	-
Moimenta da Beira	-	±	±	-	-
Murça	-	±	±	-	-
Penadono	-	±	±	-	-

Fonte: Pordata – Bases de dados Portugal Contemporâneo

A inexistência do registo de visitantes nestas regiões pode ser vista por dois aspetos, que justificam estes dados. Primeiramente, temos de pensar que estes dados foram retirados das informações da *Pordata* pelos Censos 2011 – últimos censos realizados - visto que estes são feitos apenas de 10 em 10 anos. Podemos acreditar que em sete anos esta região tenha passado por alterações sociodemográficas significativas. O segundo aspeto a considerar, sendo estes museus rurais e municipais, ou seja, na sua maioria não se cobra entrada. Consideramos este um dos meios de controlar o número de visitantes, e parece não ter sido pensada outra forma de registar as visitas, logo pode não existir informações sobre a afluência aos museus, dando uma imagem mais desastrosa do que aquela que na realidade poderá ter. De qualquer forma, parece que uma política de avaliação do impacto cultural também está ausente da política das instituições responsáveis.

#### 2.1.4. Das escolas Adães Bermudes ao plano dos centenários

Esta escola, tal como muitas outras construídas nas primeiras décadas do século XX, seguem a tipologia desenhada pelo arquiteto Adães Bermudes, que tinha ganho, no final do século XIX, um concurso público para concretização do *Programa para a elaboração de projetos de edifícios destinados a escolas de instrução primária* (Beja et al, 1990).

O programa do concurso estabelecia que no projeto se apresentasse as seguintes áreas: “um vestiário, uma ou mais aulas, pátio com recreio coberto, habitação do professor, retretes e urinóis” (*Ibidem*, p.94). As dimensões das salas teriam de suportar um máximo de 50 alunos na “razão de 1,25m<sup>2</sup>/por aluno”. Quanto à iluminação excluía-se a presença de luz artificial, sendo que esta teria de ser compensada pela existência da iluminação natural através de janelas retangulares, no entanto não havia sido especificado a sua dimensão.

No projeto preliminar estava contemplado a possibilidade de se construir escolas mistas, pelo que se tornava obrigatório a construção de salas de aula independentes, tal como os sanitários, as habitações dos professores, as entradas e os vestíbulos. Neste sentido, considerava-se a existência de três tipos diferentes de edifícios:

- “– Escolas com uma sala, para 50 alunos, e habitação para um professor (só rapazes ou só raparigas.
- Escolas com duas salas para 100 alunos (só rapazes ou só raparigas) com habitação para professor e ajudante [...].
- Escolas mistas, com duas salas, para 100 alunos, com duas habitações para os professores e ajudantes respectivos.” (Beja et al, p.95).

As escolas projetadas pelo arquiteto Adães Bermudes eram simples, no entanto respeitavam as determinações higiénicas à época, embora não correspondessem já às aspirações pedagógicas da parte mais dinâmica dos professores e defendidas em conferências pedagógicas. As salas de aula tinham “três grandes janelas para a fachada principal assegurando boa entrada de luz natural e arejamento suficiente”. Também estava contemplado um vestuário que “permitia que se organizasse uma zona para cuidados de higiene dos alunos”, onde podiam deixar agasalhos e sacolas. A habitação do professor com entrada e janelas sobre a fachada principal situava-se a um dos lados, no caso das

escolas de uma sala; no caso das escolas com duas salas, a habitação ocupava a parte central do edifício (*Ibidem*, p.96).

O projeto para as escolas Adões Bermudes não incluía o plano do mobiliário escolar. Este, segundo a legislação em vigor, deveria ser providenciado pelas Câmaras Municipais e era encomendado a marceneiros locais, que executavam os modelos que lhes eram propostos. No exterior, as fachadas dos edifícios refletem uma certa simplicidade, ornamentadas apenas pelo pequeno campanário com a sineta e pela saliência do arco abatido das janelas. A valorização da habitação do professor era seguramente a nota dominante em relação às escolas anteriormente edificadas. A posição da casa do professor em oposição à anterior localização nas traseiras do edifício, característica das Escolas Conde Ferreira (Felgueiras, 2000, 2004, 2012, 2009, pp. 29-37), denota uma valorização e promoção social do professor primário como agente de progresso, tendo a “missão de cultivar e instruir o povo” (Beja et al, p.96). O que é corroborado pela afirmação de José Afonso ao descrever a escola primária na 1ª República, onde afirma que os edifícios escolares têm que se "dignificar, tanto no seu interior, como, fundamentalmente, na sua arquitectura, que, necessariamente, tem que corresponder ao investimento simbólico que a República transfere para a Educação." (Afonso, 2014, p.54).

Os edifícios escolares Adões Bermudes, desenhados em 1898, são marcados pela ausência de ginásio e de mobiliário específico, sem grande preocupação com zonas não edificadas para recreios ou exercícios de ginástica ao ar livre, embora se verifique uma preocupação marcante com as exigências higiénicas, traduzidas na existência de sanitários, separados dos edifícios, ao fundo do recreio.

As escolas da 1ª República foram construídas em contextos rurais pobres, onde prevalecia uma taxa de analfabetismo elevada, em que se pretendia dar ênfase aos questionamentos de ordem pedagógica que “acompanham a criação da Escola que se pretende que seja o locus da República" (Afonso, 2014, p.48). De acordo com a Lei de 6 de junho de 1916 estava previsto a criação de escolas que seguissem as normas técnicas definidas e de acordo a regionalização dos edifícios, ou seja “a arquitectura escolar devia estar conforme a região, assim como os materiais usados" (*Ibidem*), o que não se verificou aquando a construção das mesmas (Felgueiras, 2007) .

A construção escola nº1 de Murça, onde se situa atualmente o projeto para CMEM, foi concluída em 1905<sup>40</sup>. Seguindo o projeto-tipo do arquiteto Adães Bermudes, o edifício é constituído por duas salas tendo ao centro, a separá-las, duas habitações para os professores, respetivamente da escola feminina e masculina. Das duas salas de aula, uma destinava-se ao sexo feminino tendo 66 raparigas e a outra ao sexo masculino composta por 97 rapazes. Os primeiros professores primários foram o Mestre José Baptista Lobo e a Mestra D. Maria Joaquina Gonçalves de Oliveira. O recreio veio a ter um muro que separava o convívio entre rapazes e raparigas, sendo que este só foi derrubado por volta de 1990.

No mesmo espaço, foi construída a Cantina Escolar no início de 1947<sup>41</sup>, que servia de apoio a crianças pobres e desfavorecidas. Esta cantina foi mantida pelo Benemérito Américo Breia, que em homenagem à sua mãe lhe deu o nome de Cantina Bernardina Breia. Importa referir que neste período o Estado Novo não construía cantinas escolares e mesmo depois, na década de 60 do século XX, só as autorizava se as Câmaras ou particulares provessem o custeamento das despesas da sua manutenção. O que significa que aqui o benemérito instituidor tinha real noção das carências das crianças e suas famílias para as alimentar. Em 1997 a Cantina Escolar foi transformada numa Ludoteca Municipal, sendo que atualmente é sede do Posto da Cruz Vermelha de Murça.<sup>42</sup> As cantinas escolares vieram colmatar a fome às crianças e promover o interesse das famílias pela escola.

No mesmo espaço escolar foi construído, algumas décadas depois da Escola de Adães Bermudes, um edifício do projeto-tipo *Plano dos Centenários*. O projeto dos novos edifícios escolares surgiu em 1940 no contexto da campanha nacionalista do governo da Ditadura, de modo a celebrar o duplo centenário da independência de Portugal. O Governo apostou na construção e alargamento do parque escolar construindo edifícios simples sem elementos decorativos que obedeciam a duas tipologias mais vulgarizadas:

---

<sup>40</sup> Informação retirada do “B.I. das escolas primárias de Murça” – documentos realizados por antigos professores primários do concelho. Ver também Costa, António L. *O Concelho de Murça (Retalhos para a sua história)*. Murça: Câmara Municipal de Murça, 1992.

<sup>41</sup> Informação retirada do “B.I. das escolas primárias de Murça” – documentos realizados por antigos professores primários do concelho. Uma vez que não existem registos oficiais não poderemos aceitar esta data como uma informação totalmente segura.

<sup>42</sup> Informação retirada do “B.I. das escolas primárias de Murça” – documentos realizados por antigos professores primários do concelho. Uma vez que não existem registos oficiais não poderemos aceitar esta data como uma informação totalmente segura.

a rural com uma sala que poderia albergar 40 alunos; e a urbana que podia ter entre duas a seis salas (Felgueiras, 2006).

Em oposição à tipologia Adões Bermudes, esta não continha a construção da casa do professor. Mesmo as que possuíam casa de professor, se este a ocupasse teria de pagar renda de habitação às câmaras. Segundo Felgueiras (2006) no Despacho do Conselho de Ministros a 15 de julho de 1941 estava pensada uma propina que seria para ajudar a pagar as despesas de construção das escolas, fazendo com que o ensino primário deixasse de ser gratuito. Com este plano previa-se uma negação da “centralidade da escola pública” (Felgueiras, 2006, p.165) rejeitando o Estado a responsabilidade da educação das crianças e deixando-a às famílias.

A distribuição geográfica destas escolas foi irregular, verificando-se uma maior localização na faixa litoral. Este fenómeno explica-se por terem sido as Câmaras Municipais a terem de custear a despesa inicial da construção das mesmas, começando-se a verificar, já nesta altura, uma assimetria geográfica litoral-interior.

A importância deste conjunto escolar deve-se ao seu estado de conservação e preservação da sua arquitetura original. É um conjunto arquitetónico que tem mais de um século de existência, sendo que a sua utilização foi de 1905 até ao início do século XXI. É um conjunto que deve ser conservado e preservado, em particular, o núcleo inicial – escola Adões Bermudes - por não ter sido sujeito a alterações estruturais ao longo dos tempos, mantendo ainda as casa do professor, a fachada se mantém como a estrutura inicial e o recreio e toda a parte exterior, à exceção do muro que separava as crianças por sexos. Uma das primeiras preocupações do projeto que dará vida ao CMEM é estudar, classificar, preservar e reutilizar aquele espaço dedicado à educação, mantê-lo nesta esfera educativa valorizando toda a herança educativa e a cultura material escolar que nele existe e que continuará a ser recolhido para as exposições do centro.

## **2.2. Da Exposição “Memórias da escola de outros tempos: Uma viagem no tempo” ao projeto CMEM**

O estágio concretizou-se no Centro de Memória da Educação de Murça (CMEM), que parte de um projeto de intervenção que liga um grupo de professoras primárias reformadas, a Câmara Municipal de Murça (CMM) e a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP). O objetivo é a valorização da herança cultural e do património arquitetónico.

O projeto teve início no ano letivo 2003/2004, quando um grupo de professoras da escola primária do Sobredo (freguesia do concelho de Murça) foram questionadas para desenvolverem um projeto educativo. Estando num tempo de transição em que muitas das escolas do concelho iriam fechar por haver poucos alunos em cada uma, este grupo de professoras começou a tomar consciência que muito do material das escolas do concelho de Murça estava a deteriorar-se e que iria acabar por ir para o lixo. O Projeto foi levado a concelho pedagógico tendo sido aceite sem reservas. Tal como reforça a Professora Isabel Breia durante a entrevista:

As escolas vão ser fechadas, o que é que se vai fazer a mobiliário, materiais, documentos, enfim. Foi então por aí que perspetivamos desafiar toda a comunidade educativa. Portanto, foi assim baseado no ensinamento do Fernando Pessoa “Deus quer, o Homem sonha e a obra nasce” que este projeto desabrochou. Foi levado ao concelho pedagógico e foi duplamente aprovado, e quem é que englobava este projeto? Jardins-de-infância, escolas do 1º ciclo e EBM’s que era o ensino básico mediatizado, que era a antiga telescola, portanto foi assim a primeira pedra lançada. (*Entrevista à professora Isabel Breia, 7 de março de 2017*)

Foi em 2004 que as professoras se juntaram para recolher os materiais das diversas escolas e realizaram a primeira exposição na Biblioteca Municipal de Murça, que esteve patente durante um ano e contava com visitas diárias tanto durante o dia como à noite. Esta exposição teve o auxílio do Professor José Bianco de Avillar, que orientou a exposição no momento da sua montagem. No fim do primeiro ano de exposição e ainda sem local definitivo o projeto passou a ser visitado na Escola primária de Jou (freguesia do concelho de Murça), onde esteve visitável por mais dois anos e com diversas atividades, como explica a professora Isabel Breia:

com atividades direcionadas às crianças, de todas as crianças do 1º ciclo passaram por lá para conhecerem com pormenores, a cantina, o espaço da cantina, o espaço da sala de outros tempos, o espaço dos brinquedos e da

telescola e por aí em diante (*Entrevista à professora Isabel Breia, 7 de março de 2017*)

Após alguns anos, foi construído o novo Centro Escolar de Murça, sendo que todos os alunos que frequentavam a escola primária de Murça foram relocados para este novo centro. Em 2014, o projeto foi autorizado a instalar-se na antiga escola primária do concelho, Escola nº1 de Murça – escola construída segundo o projeto-tipo Adões Bermudes.

Durante todo este processo, o projeto teve o apoio da Doutora Margarida Felgueiras, que foi essencial para o desenrolar do centro, como reforça a professora Isabel Breia:

vários grupos de alunos da vossa faculdade veio aqui visitar acompanhados pela Professora Margarida, que desde essa ocasião foi uma pessoa que na sua área e neste área que estamos a desenvolver nos abriu caminhos e foi para nós uma segurança neste âmbito [...] o grande objetivo era a criação de um espaço museológico, o objetivo principal já nessa altura (*Entrevista à professora Isabel Breia, 7 de março de 2017*)

No âmbito desta parceria entre a Doutora Margarida Louro Felgueiras (FPCEUP), o grupo promotor do CMEM e a CMM, foi criado um projeto de candidatura ao programa Norte2020 pela Doutora Margarida denominado *Projeto - Raízes da Educação para o Futuro- REDUF* <sup>43</sup> tendo sido aprovado em 2018 pela FCT. Este é um projeto de “investigação interdisciplinar e de intervenção cultural que toma por objeto a herança cultural educativa de uma região interior”, que visa a preservação e conservação da herança cultural regional. Tem como primeiro objeto o estudo e conservação do património edificado da educação – a escola Adões Bermudes – e a herança educativa nas suas vertentes de memória e das práticas escolares e populares de educação e a cultura material escolar. Pretende-se criar um “Centro Interdisciplinar, Transfronteiriço e Inter-regional de Memória da educação” <sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> Resumo do Projeto em Anexo I

<sup>44</sup> Informações retiradas do resumo do projeto REDUF

### 3. Organização do relatório

De modo a que a leitura e análise deste trabalho se torne mais perceptível, a organização deste relatório está estruturada por capítulos que irão ser aqui discriminados.

No primeiro capítulo encontra-se a *caracterização da instituição*, onde está explicitado o objeto de trabalho do estágio, explorando o seu espaço, as suas valências, os seus objetivos. Neste capítulo abordamos, também, a sociodemografia do concelho, nas últimas décadas a partir dos censos, de modo a que consigamos perceber a sua evolução, potencialidades e dificuldades no que toca ao crescimento da população e à sua afluência turística. Destacamos as Escolas Adões Bermudes e o Plano dos Centenários, que constituem o património cultural evidenciado ao longo deste trabalho, demonstrando a sua importância histórica, a herança educativa a ele inerente e a sua passagem para um Centro de Memória da Educação. Tal como abordamos todo o processo que o projeto teve ao longo dos últimos 14 anos.

No segundo capítulo denominado *Intervenção cultural num contexto de incerteza*, encontramos o enquadramento teórico-conceitual da intervenção de estágio, onde estão problematizados conceitos como património (Mendes, 2013), herança educativa (Felgueiras, 2010), cultura material escolar (Felgueiras, 2005), turismo que possibilitaram a reflexão e a interrogação em torno da ação de intervenção. A segunda parte deste capítulo aborda as opções metodológicas da intervenção de estágio, onde descrevemos todas as técnicas utilizadas.

O terceiro capítulo é dedicado à descrição do processo de estágio que contempla todas as atividades e etapas que constituíram todo o percurso de intervenção desde a entrada no terreno até à saída. O quarto capítulo refere-se à análise das entrevistas, que foram realizadas com o intuito de conhecer as expectativas dos decisores culturais e que foram fulcrais para pensar a intervenção. O quinto e último capítulo denomina-se *Análise do processo e considerações finais*, onde está incluída a avaliação e monitorização da intervenção realizada e a reflexão sobre a profissionalidade em Ciências da Educação. Também neste capítulo, ao realizar um balanço de todo o percurso de estágio, procurarei salientar as suas contribuições para o serviço educativo de um centro de memória direcionado a um público diverso e flutuante, como o turista, e das competências necessárias a um/a profissional Mestre em Ciências da Educação.



## **Capítulo II – Intervenção cultural num contexto de incerteza**

### **1. Enquadramento teórico-conceitual da intervenção**

O encontro da problemática de intervenção do estágio percorreu um caminho talvez pouco convencional, uma vez que aparentemente não teria uma ligação educativa. Tendo sido a minha formação inicial em Ciências da Educação com uma passagem pelo Centro de Ciência Viva em Coimbra, surgiu naturalmente que pensasse as questões educativas no quadro da cultura. Em conversa com a orientadora decidiu-se que faria sentido que o estágio se realizasse nos serviços educativos de uma instituição cultural, indo assim ao encontro dos meus interesses e, ao mesmo tempo, com os conteúdos culturais evidenciados no domínio do mestrado.

Posteriormente, surgiu a oportunidade de integrar um projeto de intervenção que se foca na herança educativa e cultural de Murça, onde se pretende criar um Centro de Memória da Educação. Este espaço pretende ser um centro interdisciplinar com ligações transfronteiriças e inter-regionais e tem como objetivo o restauro do Edifício Escolar Adães Bermudes. A partir da criação do Centro de Memória pretende-se promover a valorização simbólica e cultural dos objetos culturais e educativos.

Neste sentido, o objeto de estudo foca-se na organização do serviço educativo do centro de memória e na programação de atividades e/ou possíveis ofertas para o futuro público, em que se pretende estabelecer relações voltadas para o turismo cultural. Tendo este local a meta de se transformar num espaço de recolha, interpretação, valorização e transmissão cultural, acredita-se que faz sentido que a problemática de intervenção promova a herança educativa aliando-a a um desenvolvimento sustentável das comunidades.

De acordo com as afirmações de Mendes (2011), o turismo cultural assume na sua conceção uma postura de desenvolvimento sustentável “e regulação da capacidade de carga do território” (p.25), e é a partir deste pensamento que acreditamos que o turismo serve, também, para ajudar as comunidades locais a potenciarem o seu património cultural e a gerar riqueza através da atividade turística. No caso de Murça, o Centro de Memória da Educação valoriza o património material, que neste caso se evidencia pelo edifício Adães Bermudes e a herança educativa a ele inerente. A sua abertura e funcionamento

permitirá diversificar a oferta cultural, participando no desenvolvimento sustentável da região, orientado para as raízes populares e de produção tradicional, utilizando os recursos provenientes das comunidades passadas e presentes. Contribuirá para potenciar o património cultural, valorizando a relação dos indivíduos com o espaço e das comunidades com o seu património (Declaração de Caracas, 1992). O CMEM deve ter como orientação atrair visitantes através das suas atividades, dando a conhecer a herança cultural da região, dinamizar e cooperar com as restantes instituições da região de forma a criar sinergias, que atraiam público mais diverso, que não se limite apenas ao da localidade, fomenta o turismo cultural, que dê a conhecer a herança cultural da região de modo a beneficiar mutuamente os negócios locais e as necessidades dos clientes, com um produto final mais completo.

O turismo cultural aliado à educação patrimonial possui um sentido educativo e de conhecimento do património cultural. A educação patrimonial, neste público, caracteriza-se como mediadora da atividade turística, promovendo o contacto, a socialização e a apropriação do património cultural. Neste sentido, o planeamento das atividades culturais deverá aliar-se ao património, na intencionalidade de produzir esta socialização e apropriação dos bens culturais (Melo & Cardoso, 2015).

De acordo com a Organização Mundial de Turismo, o turismo cultural é caracterizado pela procura de estudos, culturas, artes cénicas, artes musicais, festivais, monumentos, locais históricos e arqueológicos (citado por Barreto, 2000, p.20). Já Amado Mendes (2013) acredita que o turismo cultural implica, acima de tudo, “uma deslocação [...], cuja motivação principal é a de alargar os seus horizontes, de procurar conhecimentos e emoções através da descoberta de um património e do seu território” (p.17). Este tipo de turismo alicerça-se sobretudo no património e nos museus, onde se fomenta atividades económicas de produção local e relacionadas com o próprio património e a dinamização de estabelecimentos de restauração, alojamento e comércios locais e regionais, de modo a fomentar a afluência turística e atividade económica (Amado Mendes, 2013).

Segundo Barreto (2000), as manifestações culturais produzidas pela comunidade resultam de um processo histórico em que a reprodução material da cultura se constitui pela materialidade e tradições culturais que diferenciam regiões e países, como também o património vivo (ou seja, as diversas demonstrações da cultura popular, as tradições).

Podemos afirmar que a reprodução material da cultura escolar se concretiza pelas recordações que queremos manter vivas partindo das noções de recordação, memória e passado das vivências escolares. De acordo com os pensamentos e trabalho de Margarida Felgueiras (2005), pretendemos, também aqui, resgatar as recordações do passado escolar através das histórias de vida das gentes de Murça, de modo a evidenciarmos o património com o qual nos deparamos, valorizando:

as informações recolhidas e os significados que os actores lhes atribuem, como parte de um património imaterial da escola, indispensável à compreensão não só dos artefactos, mas também da própria sociedade que os produziu (Felgueiras, 2005, p.90).

Partindo deste produto, pretende-se desenvolver o turismo cultural da região obedecendo a um plano de atividades onde o património cultural se possa transformar num recurso educativo e turístico, de modo a ser usufruído pelos turistas, sendo pensado em integração com a comunidade, entendendo esse local como um todo nas suas especificidades e necessidades, avaliando o seu potencial de forma a propor atividades que não o prejudiquem. Acreditamos que o turismo deva estar em sintonia com a identidade e diversidade do local, pois o turista procura o conhecimento e a satisfação das suas curiosidades em relação aos modos de vida de uma comunidade, neste caso uma comunidade escolar que se desenvolveu do início ao fim do século XX.

O produto do turismo cultural corresponde a objetos com valor, criados pelo ser humano, através da sua cultura, tradição e história. Desta forma espera-se que o visitante descubra novos locais, monumentos e diferentes culturas, visto que o ser humano procura conhecer a si mesmo e ao mundo que o rodeia de uma forma agradável e prazerosa. O turismo envolve o contato com diferentes grupos sociais, com a sua herança cultural e com as especificidades dos locais. Através desta experiência o turista poderá ser educado tanto quanto entretido, e terá uma oportunidade para aprender sobre a comunidade. Neste sentido, para o desenvolvimento do Turismo Cultural a comunidade deve ser conhecedora da importância do seu património, para poder transmitir e reconhecer a sua cultura.

Podemos considerar o conceito *património* como um “conjunto de bens privados, transmitidos de pais para filhos, de geração em geração” mas o património cultural adquire um sentido de pertença comum, das comunidades (Felgueiras, 2005). No espólio do Centro de Memória da Educação de Murça encontramos não só o edifício escolar como património, mas também, e indo ao encontro da explicação de Margarida Felgueiras (*Ibidem*), um conjunto de materiais escolares como livros, cadernos diários, mobiliário,

brinquedos, cantigas e brincadeiras que retratam uma época e foram sendo passadas de geração em geração. Consideramos ainda o conceito de património de Babelon e Chastel (1994, cit. Felgueiras, 2005) que reconhece esta materialidade escolar como património. Segundo estes autores, os objetos podem ter maior ou menor valor monetário, o que lhes dá sentido são os valores que lhes atribuem como o “sentimento de um laço comum, de uma riqueza moral” (Felgueiras, 2005,p. 92).

Segundo Amado Mendes (2013) e tal como queremos evidenciar com a Escola Adães Bermudes, o património deixa de ser visto como um encargo penoso passando a um recurso, uma vez que começamos a valorizá-lo dando-lhe significados relacionados à memória, à história, à cultura e tradição ao torná-lo num produto de fator de desenvolvimento ao serviço da comunidade.

Temos vindo a realçar o edifício escolar Adães Bermudes como património cultural e histórico. Este tem sido considerado deste modo visto que ao considerarmos os critérios tradicionais de classificação do património podemos realçar a carga histórica que suportam os edifícios “«datados»” (sendo que a escola Adães Bermudes tem mais de 100 anos). E indo ao encontro das classificações mais recentes podemos também classificar este edifício como património, relacionando-o com o “valor testemunhal e portador de informação, de uso, de utilidade social e até mesmo económico” (Amado Mendes, 2013, p.206). O crescente interesse pelo estudo, conservação e preservação dos edifícios antigos tem sido justificado pelo reconhecimento da organização da vida social da comunidade ao longo dos tempos.

### **1.1. O Centro de Memória da Educação como um espaço educativo-cultural**

Ao longo deste trabalho temos vindo a falar de um “centro de memória da educação”, termo este ainda não muito bem desenvolvido em Portugal. Neste sentido, procuramos explicá-lo inserindo-o como uma vertente dos museus de educação, que se popularizaram como museus escolares. Contudo, para Margarida Felgueiras na sua estrutura não são museus mas antes centros interpretativos da educação, que preservam e estudam, divulgam e dinamizam no contexto cultural da comunidade, com a comunidade, projetos de futuro que considera as suas raízes e a sua identidade na relação com o contemporâneo, com a diversidade e sua inclusão.

Segundo Felgueiras (2011) os primeiros museus escolares procuravam ser de carácter expositivo com “novidades e saberes produzidos no campo educativo, desde teorias e métodos de ensino, livros, coleções de materiais [...] , mobiliário e normas de higiene” (p.71). Após a década de 30 do século XX começou a expandir-se os *Museus escolares* nas escolas normais, primárias e liceus, que para além das coleções das ciências naturais começaram a preocupar-se em conservar “elementos de recolha etnográfica” (p.74), como artefactos da atividade económica e agrícola da comunidade considerando-os “essenciais para uma narrativa do passado, pois neles condensavam memórias e afetos” (*Ibidem*).

Os museus escolares e de educação aparecem como “lugares privilegiados” para a recolha, conservação e estudo dos objetos do passado educativo. A partir de 1990 começa-se a introduzir na historiografia portuguesa o estudo das memórias da escola e a guarda dos acervos de professores (Felgueiras, 2011, pp. 75-76). É neste contexto que podemos inserir os centros de memória da educação, considerando-os locais de recolha, estudo e preservação da história da herança educativa. Segundo Hernández (1994), o interesse pela conservação, investigação e proteção do património ainda apresenta um duplo objetivo, sendo que por um lado apresenta uma atenção pela missão educativa dirigida a um público mais amplo, de forma a oferecer a possibilidade de desfrutar do património, por outro lado trata da preservação e transmissão para as gerações futuras.

O CMEM visa ser um espaço de carácter cultural e educativo potenciando momentos de socialização através de atividades culturais, que valorizem a herança cultural e a identidade da população da região. Neste contexto pretendemos enaltecer o espaço arquitetónico do centro como património cultural e educativo, assim como todos

os materiais e mobiliário pertencentes à escola desde a época da construção da Escola Adões Bermudes.

Ao admitirmos que a herança educativa aqui presente é a essência do espaço do Centro de Memória admitimos que “educar a compreensão do espaço não deveria ser um entretenimento, deveria constituir-se numa ferramenta importante para conseguir uma cidadania crítica” (Bruno Zevi, 1951). Neste sentido, Zevi (1951) afirma faltar “uma intervenção mais educativa” em espaços museológicos sentindo uma ausência de critérios para exercer uma análise rigorosa e que respeite os planeamentos arquitetónicos e urbanísticos.

No que se refere à herança educativa podemos incluir os edifícios escolares, o mobiliário, os materiais escolares, assim como:

os elementos decorativos e simbólicos presentes nas escolas, as práticas de ensino, as táticas dos alunos, as brincadeiras e as canções no recreio, as recordações do quotidiano escolar, [...] as memórias de professores e alunos (Felgueiras, 2005, p. 90)

Neste sentido podemos admitir a importância que um objeto tem para a comunidade e para a própria instituição, sendo que é através dele que reconhecemos um passado e os seus significados, ao admitirmos que estes formam uma narrativa própria de forma a poderem gerar ligações entre o presente e o passado (Gómez-Redondo, 2017, p.6). Os objetos são vistos como “materialidades polissémicas” de cada cultura atuando como agentes de aculturação (Gómez-Redondo, 2017).

Os objetos assumem-se como uma simbologia do passado invocando as memórias coletiva e individual. Conceitos abordados por Margarida L. Felgueiras (s/d) quando publica o seu projeto “Para um museu vivo da escola primária”. Importa, então clarificar estes conceitos, o primeiro - memória coletiva - é constituído pelas memórias dos grupos sociais sendo a sua função manter a identidade do grupo. A memória coletiva “seleciona recordações e representações e transmite-as oralmente através de um processo repetitivo, apresentando-as como específicas da comunidade”. Por outro lado, a memória individual apesar de ter a capacidade de “evocar, recordar acontecimentos passados em que se tornou parte ou de que foi espectador”, cada indivíduo percebe esses acontecimentos em função do modelo cultura a que pertence, dando-lhe significados diferentes (Felgueiras, Sousa & Santos s/d), p.675). O que se pretende com o CMEM é que sejam reavivadas as memórias individuais e coletivas ao se visitar a exposição e que este seja visto como um espaço de interações onde os visitantes possam construir um espaço relacional. Segundo

Margarida Felgueiras (2000) “a exposição é sempre uma proposta organizada de conhecimento” de onde resulta um “diálogo estabelecido entre o visitante e as peças expostas” (p. 69). Estes objetos fazem parte de uma cultura material escolar e podem exibir a forma como os indivíduos “lidam cotidianamente com os artefatos, móveis, equipamentos, tempos e espaços dispostos pelas estratégias de escolarização” (Vidal, 2010, p.30).

Felgueiras et al (2009) fala-nos de um fenómeno – *Local culture generally* – que explica que na cultura local existe uma ênfase no conhecimento do espaço físico, dos hábitos diários, das rotinas, dos símbolos e cerimónias que reforçam títulos entre as pessoas e cria uma partilha de sentimentos sobre o passado. Isto são as experiências que são vividas em comum e que ficam enraizados nos espaços e nas relações entre as pessoas, que criam um sentido de inclusão e um sentido de pertença. Segundo os mesmos autores, a noção de história e passado é construída a partir de rituais comemorativos, festas familiares e celebrações comunitárias. Estas práticas permitem as ligações emocionais entre as pessoas, símbolos, gestos, sons, imagens e cheiros que estão nos espaços coletivos e edifícios que fazem esses sentimentos, ativando assim a memória coletiva. Para o CMEM pretende-se recriar as práticas educativas da comunidade murcense desde a época da 1ª República, construindo um reconhecimento do capital cultural.

A função social dos museus está presente quando os "percebemos como espaços de sociabilidade [...], de troca de saberes, de experiências, de práticas" ao se entenderem como espaços educativos e produtores de cultura que "fortalecem as memórias individuais e colectivas" tornam-se em espaços que reforçam vínculos das pessoas “como lugares de interlocução comunitária, formados por pessoas que pensam a cultura como elemento económico, de sustentabilidade" (Pinheiro & Moura, 2016, p.48).

Ao falarmos de cultura, Martins (2016) afirma que temos sempre de a associar ao ato de educar, pois esta relação irá permitir que nos possamos aproveitar do património protegendo-o e desenvolvendo-o. Todos os cidadãos têm o direito de participar e incluir-se na “valorização do património cultural, favorecendo assim, a participação na preservação, gestão e disseminação” do mesmo (*Ibidem*, p.21), havendo necessidade de colocar as pessoas e os seus valores no centro do conceito de património cultural, uma vez que:

o património cultural está, cada vez mais, na convergência dinâmica entre a herança material e imaterial, representada pelos monumentos e pelas tradições, pelos costumes e pelas mentalidades, de um lado, e a criação cultural contemporânea, a inovação e a modernidade, de outro (*Ibidem*, p.21).

Ao pensarmos nesta ideia da associação da cultura ao ato de educar, podemos refletir também na função educativa do museu ou da instituição cultural. Amado Mendes na sua obra *Museus e Educação* reflete também nesta ideia e afirma que muitos países já consideram que os museus são como “verdadeiras instituições de educação” (2013, p.163) também a autora Maria Sagués (1999) afirma que “o museu é uma instituição cultural intrinsecamente educativa” (Amado Mendes, 2013, p.164).

Os serviços educativos têm vindo a ocupar um papel fundamental nas instituições culturais, segundo Diana West (2011) estes foram teorizados pela primeira vez no final do século XIX por Alfred Lichtwark, que entendeu o “museu como um território para a educação cultural e artística dos indivíduos através do desenvolvimento da percepção analítica e da observação detalhada das obras visuais dos museus” (p.94). No entanto, apenas na década de 80 do século XX estas estruturas começam a ser instituídas em museus “de uma forma esporádica e espetacular do que como uma política integradora do museu com a comunidade” (Felgueiras, 2000,p.71).

O desafio proposto foi pensar o serviço educativo como elemento dinâmico do centro de memória, promotor da cultura local ao serviço do desenvolvimento sustentável da região tornando-o numa atração e numa mais valia social, cultural e económica para a comunidade local. Se um museu de uma pequena comunidade se dedicar somente aos visitantes locais, o seu volume de visitantes será naturalmente reduzido com o passar do tempo, tornando-se numa instituição não sustentável e sem recetor para a sua mensagem, neste sentido o museu terá de pensar numa estratégia turística e de lazer.

Deste modo, importa refletir sobre o público do museu. Depois da “explosão museológica” sentida após a revolução industrial, sentiu-se a necessidade de os museus captarem um maior número de visitantes. Como já referimos, o museu deixou de ser apenas visto como um lugar de conservação de objetos dedicados a um público mais específico, como o académico e elitista para começar a ser visto como um lugar mais dinâmico. Amado Mendes (2013) refere que os museus começaram a aceitar um público mais heterogéneo constituído por visitantes individuais, que têm as suas próprias necessidades e preferências. Apostando no conceito de educação ao longo da vida, os museus aperceberam-se que um dos tipos de público que mais frequenta estas instituições são pessoas já fora da idade escolar, passando a apostar em criar condições para as pessoas



poderem prosseguir a sua educação. Para que estas pessoas visitem os museus também é necessário que o meio envolvente seja o mais convidativo possível.

Sentindo-se a necessidade de haver uma aposta turística interessa referir que dentro das modalidades de turismo podemos encaixar o CMEM em duas: turismo rural e o turismo natural e cultural (Amado Mendes, 2013). Com o desenvolvimento do CMEM será possível desenvolver propostas de educação e entretenimento apresentando o património material e imaterial como uma oferta de turismo cultural. No caso de Murça, encontramos “património material de sítios consagrados à cultura, realizações do homem” (Ibidem, p.211) como por exemplo a *Porca de Murça*, a *Ponte Romana* e pelo seu caminho encontramos as *Fragas da Terra Fria*, *O Castro de Palheiros*, o miradouro de São Domingos. Outros percursos naturais se poderiam criar de modo a retirar o maior partido da natureza; por outro lado, também poderia ser objeto do turismo cultural o “património imaterial das festas e manifestações, das tradições e dos saber-fazer, abundantes no passado e no presente” (Ibidem, p.211).

No entanto, como se sabe o produto do turismo cultural não pode ser constituído apenas pelos elementos culturais, é necessário criar condições para ter outros elementos turísticos como meios de transporte, acolhimento, alojamento e restauração. Por este meio de criação de novos pontos de interesse estamos a dar asas à criação de emprego, à venda de produtos artesanais e agrícolas de produção local (que no caso de Murça evidenciamos uma grande exploração de azeite, vinho e mel a par da culinária tradicional). Esta valorização pela procura de novos focos de lazer mais ligados à comunidade e ao que ela tem para oferecer tende a crescer; o público deixou de procurar apenas museus para visitar, mas a integrar-se na comunidade e naquilo que ela tem para oferecer (Amado Mendes, 2013).

Indo ao encontro de Correia & Caramelo (2003) que classificam as zonas rurais “tendencialmente sujeitas à erosão do isolamento e desertificação”, para inverter este fenómeno há a necessidade de pensar em metodologias, que se apoiam em experiências e reflexões vividas no mundo rural. De acordo com os mesmos autores é fundamental um desenvolvimento local voltado para a recriação das comunidades, ou seja, “para o estabelecimento de redes de relações” (Ibidem). Neste sentido, pretendemos procurar desenvolver junto da população de Murça atividades lúdico-culturais com a comunidade e para a comunidade, produzindo materiais educativos e de divulgação.

Acreditamos, essencialmente, que este centro não pode esquecer a comunidade onde está inserido, deverá ligar as pessoas e lutar contra o despovoamento e envelhecimento do concelho, procurando respostas de integração e inclusão para a população idosa e para os jovens, fixando estes últimos no mercado de trabalho concelhio. Podemos concluir que a problemática museológica deixou de se confinar apenas à instituição física, dando a oportunidade às comunidades de se desenvolverem. Procuramos então, com o CMEM, novas formas de exploração da cultura e do património existente. Consideramo-lo um potencial para a região que deverá atrair visitantes ao concelho pela inovação e pela capacidade de integrar e incluir toda a comunidade de Murça.

Por fim, realçamos que nos encontramos num contexto de incerteza face à capacidade de a própria comunidade se desenvolver economicamente, procurando pólos de atração e fixação da população jovem e de gerar emprego que fixe as pessoas. Este contexto também é devido à espera de uma definição legal por parte da Câmara Municipal e pela construção de uma associação do CMEM, de forma a que gerar condições para desenvolver atividades e acolher população.

## **2. Fundamentação metodológica e ética da intervenção**

Chegando ao momento de dar a conhecer quais as opções metodológicas deste processo importa refletir sobre “a complexidade do fenómeno educativo” e como esta complexidade permite que a educação seja uma área tão vasta onde podemos interligar o fenómeno educativo ao desenvolvimento cultural e regional, onde o turismo assume um aspeto fulcral como é o caso deste projeto. Neste contexto partimos de uma problemática que é a herança educativa e cultural de uma comunidade e de uma época aliando-a ao desenvolvimento sustentável e turístico de uma região. É aqui que encontramos a ligação às ciências da educação, tendo em conta os “contextos sociais e culturais em que os processos se verificam e desenvolvem” (Amado, 2014, p. 26).

João Amado (2014) vê as ciências da educação como responsáveis por:

analisar a evolução, tanto presente como passada, das referidas práticas educativas e formativas, bem como contribuir para a elaboração de um conjunto de saberes e de técnicas que suportem cientificamente as decisões, aos mais diversos níveis (*Ibidem*)

Considerando que o processo de estágio se pautou por procurar conhecer uma comunidade e região e tendo sido esta intervenção essencialmente perceber o passado e a herança educativa inerente a esta região e as forças endógenas que a sustenta, podemos considerar que ao longo de todo o estágio enveredamos por um paradigma qualitativo, recorrendo a uma metodologia de carácter etnográfico e à história da educação. Etnografia caracteriza-se por estudar a cultura e a sociedade, sendo que o que a define é o modo como atinge esse conhecimento, através da observação participante. segundo um conjunto de métodos e técnicas que se caracterizam pela proximidade com o objeto de estudo. Amado (2014) define-a em dois sentidos:

- a) para nomear um conjunto de técnicas empregues para coletar dados acerca dos hábitos, valores, crenças e condutas de um dado grupo social;
- e b) para designar o relato escrito resultante do uso dessas técnicas (p.144).

Admitindo que através da etnografia se pode melhor estudar a cultura de um grupo, podemos afirmar que a pesquisa realizada ao longo do estágio e o facto de nos termos mudado temporariamente para Murça nos permitiu envolver na cultura da vila, conhecendo melhor a educação que outrora tiveram, as suas brincadeiras, hábitos, tradições e costumes. Também conseguimos perceber a importância de um centro turístico apelativo e integrado naquela comunidade, de forma a que todos beneficiem dos seus resultados.

Dentro desta metodologia incluímos os métodos e técnicas que acompanharam todo o processo de intervenção referido. Como método utilizámos a observação participante, que foi uma constante ao longo de todo o estágio, sendo esta uma “imersão prolongada do observador num grupo local onde escolheu viver para observar sistematicamente os seus modos de vida e de pensamento” (Amado, 2014, p. 151). Este método foi acompanhado de algumas reflexões realizadas diariamente e que se encontram nas notas de terreno<sup>45</sup>. Sendo este essencialmente um trabalho de observação, registo e autorreflexão, considera-se pertinente realçar as discussões com a colega de estágio, que ajudaram a fortalecer o pensamento crítico em relação a alguns temas da nossa intervenção.

O estágio foi pautado por um trabalho colaborativo na lógica de “trabalhar com” em vez de “intervir em” (Bolivar, 2003) e em rede, com o grupo promotor do Centro de

---

<sup>45</sup> Apêndice I

Memória, Autarquia, Agrupamento de Escolas e Escola Profissional. No que diz respeito às técnicas utilizamos entrevistas semiestruturadas, análise de conteúdo das transcrições das entrevistas, notas de terreno, análise heurística da documentação de educação existente e sua organização documental.

Como técnica de recolha de dados utilizamos entrevistas semiestruturadas que foram realizadas aos diretores do AVEM e EPM, ao vice-presidente da CMM e à professora Isabel Breia (orientadora local e promotora do projeto)<sup>46</sup>, numa perspetiva mais sociológica, tendo como objetivo conhecer as perceções dos participantes para poder refletir e pensar o tipo de intervenção. Segundo João Amado (2014) as entrevistas podem ser o meio mais poderoso de obtenção de informação. As entrevistas realizadas seguiram objetivos precisos, caracterizaram-se por conversas intencionais que seguiram uma organização pré-estabelecida e de acordo com as intenções da entrevistadora. Segundo Quivy e Campenhoudt (1998) as entrevistas proporcionam uma “análise do sentido que os atores dão às suas práticas e aos acontecimentos com os quais se veem confrontados: os seus sistemas de valores, as suas referências normativas”. As entrevistas foram semiestruturadas, obedecendo a um plano prévio, tendo havido a oportunidade de ao longo da sua realização surgir outras questões, para complementar, aprofundar o tema em análise. Estas seguiram as normas de ética e deontologia em vigor em Ciências da Educação, sendo que foi previamente explicado a finalidade da entrevista, como seria utilizada, qual o destino do seu registo, pedido por escrito autorização para que as entrevistas fossem gravadas, via áudio e imagem, e transcritas posteriormente, segundo o procedimento do consentimento informado<sup>47</sup>. As gravações das mesmas estão sob a posse do CMEM, sendo que apenas são utilizadas para fins académicos, como a realização deste relatório, e para outros estudos que o CMEM possa vir a realizar.

Também foi utilizada a análise heurística da documentação e sua organização documental, que apesar de ter sido preponderante na fase inicial do estágio acompanhou toda a intervenção. Este processo de pesquisa e análise passou por estudar alguns documentos que estavam no CMEM sobre as diversas escolas do concelho, idas ao arquivo municipal à procura de documentos da Escola Adães Bermudes, idas à biblioteca municipal também à procura de informação sobre a região e a sua cultura escolar. Também fomos ao posto de turismo para recolher informação sobre o modo como este

---

<sup>46</sup> Entrevistas Apêndice II

<sup>47</sup> Consentimento Informado em Apêndice III

funcionava e de que forma o CMEM poderia estabelecer parcerias com o mesmo. Esta análise também se processou ao longo da realização do inventário, uma vez que este representa uma forma de organização da documentação para fins de consulta e para concretizá-lo tivemos que conhecer todo o espólio do CMEM para podermos determinar épocas, descrever o material, organizar todo o acervo de forma a que quem venha a continuar o projeto possa perceber mais rapidamente todo o espólio que ali se encontra. Este trabalho de conhecer e tratar preventivamente os materiais recolhidos permite perceber todo o trabalho que foi feito anteriormente, a história escolar e pensar o que se pode fazer com ele. De acordo com Amado Mendes (2013) é indispensável o conhecimento dos objetos materiais “as suas dimensões, formas, matéria e, indiretamente, os seus modos de fabrico e a sua proveniência” de modo a que consigamos reconstituir o ambiente que os originou.

## **2.1 Avaliação do processo e sua fundamentação**

Sendo este um trabalho de intervenção importava realizar uma avaliação e monitorização do processo do estágio. Neste contexto interessa perceber que o processo avaliativo “é o principal instrumento de apoio à replicação e reprodução alargada das boas práticas, porque permite compreender tanto os sucessos como os insucessos das acções desenvolvidas” (Capucha, 2008, p.45).

Na avaliação de estágio é pertinente destacar aquele que considero o primeiro momento, ou seja, o trabalho que nos foi proposto em contraposição ao momento de entrada no estágio. O segundo momento a ser avaliado ao longo desta reflexão, serão as atividades realizadas e as propostas ao longo do decorrer do estágio.

Tendo em conta o contexto importa esclarecer alguns conceitos-chave como o de avaliação. Utilizámos a reflexão Monteiro (2000) que discute três ideias de alguns autores, Stufflebam (1971), Kosecoff e Fink (1982) e Aguillar & Ander Egg (1992). O primeiro acredita que a avaliação é um processo de identificação e obtenção de uma informação útil sobre o “valor e mérito das metas, da planificação, realização e do impacto” do objeto em análise “com o fim de servir de guia para a tomada de decisão” (Stufflebam, citado por Monteiro, 2000, p. 140). Ou seja, a avaliação tem como finalidade permitir maior conhecimento sobre a realidade em análise facilitando fazer melhorias futuras no objeto em avaliação, o que dá a noção de continuidade. Em continuidade com

esta linha de pensamento Kosecoff e Fink (1982, citado por Monteiro, 2000, p. 140) defendem que a avaliação é um “conjunto de procedimentos para julgar os méritos de um programa e fornecer uma informação sobre os seus fins, as suas expectativas e os seus resultados”. Por último, Aguillar & Ander Egg (1992, citado por Monteiro, 2000, p. 140, admitem que a avaliação é uma forma de investigação social, a qual necessita de ser “sistemática, planificada e dirigida” de modo a identificar, obter e proporcionar dados concretos de onde resulta um juízo de valor.

Também o autor João Ferrão (2000) reflete sobre este tema apoiando-se na proposta de Moens, e conclui existir três tipos de utilidade no que se refere aos processos de avaliação, tais como: a *utilidade instrumental*, em que a avaliação é encarada como um instrumento de melhoria, e é permitido introduzir correções nos projetos em avaliação; a *utilidade estratégica*, onde se valoriza troca de ideias, a mobilização dos vários agentes envolvidos nos projetos, “de modo a favorecer a consolidação de uma visão de partilha de informação estratégica e de co-responsabilização na ação”; e a *utilidade substantiva*, onde a partir dos resultados da avaliação pode surgir a necessidade de reconceptualização de projetos, programas ou políticas (Ferrão, 2000, 31-32). Segundo Capucha (2008, p.55) a avaliação é um “domínio de investigação e estudo que tem por objetivo evidenciar e analisar a utilidade e os efeitos de uma intervenção sobre um determinado contexto social ou organizacional”, ideia que se aproxima da definição dada por Aguillar & Ander Egg (1992). O mesmo autor ao continuar a definir o conceito de avaliação também se aproxima dos ideais de Kosecoff e Fink (1982) ao afirmar que a avaliação implica “um julgamento de valor tendo por base a referencia a standards e critérios, tais como a relevância, a eficácia, a eficiência, entre outros”. Como temos vindo a reparar de acordo com cada autor,

Pelas posições já apresentadas podemos concluir que o conceito de avaliação é muito amplo abrangendo diversos significados e que apesar de todas as definições esta deverá seguir alguns princípios orientadores, que marcam a sua especificidade, tais como: uma exploração dos dados qualitativos tendo em vista uma análise social mais aprofundada; a avaliação deverá clarificar os sistemas de inter-relação de uma realidade social; a avaliação terá de se focar num trabalho de construção de referentes e indicadores não standardizados; a avaliação deverá ser permanente e interna ao programa; a avaliação terá de ser um processo cumulativo e sempre parcial, focando-se numa construção que se vai desenvolvendo ao longo do processo de implementação; o

dispositivo de avaliação deve ser democrático; e, por último, a avaliação é um processo de aprendizagem e de cognição (Monteiro, 2000, p.142).

Ao estudarmos o conceito de avaliação, encontramos, para além de diversas definições do mesmo, vários modelos nos quais os projetos, programas, ou objetos a serem avaliados podem estar inseridos. Assim, destaca-se o Modelo de Avaliação de R.Stake, que expressa uma metodologia de investigação-ação onde se predomina a comunicação real entre o avaliador e os atores, “o desenvolvimento de uma avaliação mais da ação do que dos objetivos iniciais” e tem em consideração os diferentes sistemas de valores em presença. Este modelo caracteriza-se pela temporalidade, ou seja, pretende-se uma avaliação que atravessa todos os momentos essenciais da ação, procura-se uma visão globalizante e multidimensional da intervenção e existe a necessidade de criar “uma matriz de julgamentos em paralelo com uma matriz descritiva”, com o objetivo de se encontrar uma multiplicidade de pontos de vista e de sistemas de valores em presença (Monteiro, 2000,p.146-147). Por outro lado, o Modelo Tradicional destaca-se pela avaliação que assume uma exterioridade em relação à prática, pois é desenvolvida por indivíduos exteriores à ação.

A avaliação também se pode distinguir pelo momento em que acontece, ou seja, como Alcides Monteiro refere, “os espaços de vida” em que ocorre o projeto. Assim, podemos dividir a avaliação por avaliação ex-ante, avaliação formativa e avaliação ex-post. A avaliação ex-ante é aplicada no início de um programa de intervenção, designada por avaliação diagnóstica, desenha o inventário das necessidades, dos beneficiários e dos recursos disponíveis, a avaliação ex-post, também designada de retrospectiva ou somativa, é aplicada no fim de um programa ou após a sua conclusão. Tem como objetivo fundamental estabelecer se uma ação produziu os resultados ou efeitos esperados. Por fim, a avaliação formativa ocorre durante o desenrolar do programa (Monteiro, 2000).

Para a avaliação do nosso processo de estágio optámos por tecer uma reflexão final, que se caracteriza por ser um momento de autoavaliação crítica em relação à intervenção realizada no estágio curricular. Monteiro (2000) acredita que a autoavaliação é uma reflexão organizada no seio da equipa que anima uma ação. Segundo o mesmo autor existem quatro níveis de reflexão: a reflexão antes da ação, resultante de conversas e reuniões; a reflexão na ação, que permite assimilar acontecimentos inesperados; a reflexão após a ação, que conduz a olhar para trás e analisar o que foi feito e a autorreflexão, que é uma reflexão individualizada sobre a ação. As autoras Leite,

Rodrigues e Fernandes também consideram este tipo de avaliação importante pois “consiste em reforçar as capacidades do sujeito para gerir ele próprio, os seus projetos, os seus processos, as suas estratégias” (Perrenoud, citado por Leite, Rodrigues e Fernandes, 2006).

Todo o processo de escolhas metodológicas serviu para perceber como se conheceu o contexto, a comunidade, e os seus intervenientes. Foi através da fundamentação teórico-metodológica que o trabalho adquiriu estrutura, encontrou coerência e rumo para a prática, numa lógica de trabalho em rede, característica que faz e que deve fazer parte de um profissional das Ciências da Educação.



### **Capítulo III – Descrição do processo de estágio**

O processo de estágio iniciou-se com a concretização de parcerias criadas entre a Professora Doutora Margarida Felgueiras e a Câmara Municipal de Murça, em janeiro de 2016, onde se estabelecia a possibilidade de entrada de estagiárias para o projeto. Em outubro de 2017 foi assinado o protocolo entre a FPCEUP e a CMM, onde se instituíu a minha entrada e a da colega de estágio Patrícia Magalhães para a realização de estágio no Núcleo de Memória da Educação da CMM. Neste protocolo ficaram claras as condições que seriam dadas às estagiárias - alojamento e alimentação na Residência de estudantes de Murça – considerado este um ponto forte, visto que ambas estavam deslocadas a mais de 100km de distância de suas casas. O protocolo também estabelecia os direitos e deveres de ambas as instituições e das estudantes.

Após toda a burocracia tratada chegamos a Murça no dia 19 de outubro, fomos acompanhadas pela nossa orientadora Doutora Margarida Felgueiras a uma reunião com a Professora Isabel Breia – orientadora local – e com a Professora Edite (uma das professoras que faz parte do grupo pioneiro do projeto), na qual organizámos o nosso plano de trabalho para a primeira semana de estágio. Durante esta reunião ficámos a conhecer o processo do decorrer do projeto até esse dia e qual seria a nossa função no CMEM.

Todo o processo de estágio foi organizado por um plano de atividades que se ia completando ao longo da intervenção e que faz parte das minhas notas de terreno, instrumento de registo considerado indispensável para a descrição e reflexão sobre o processo. A tabela n.º I, que apresentamos a seguir dá conta da planificação progressiva das tarefas e sua correlação com os objetivos traçados.

:

<b>Ações a realizar</b>	<b>Atividades</b>	<b>Metodologia, Métodos e Técnicas</b>	<b>Objetivos</b>
<b>Fase diagnóstico</b>	Reunião no CMEM com as orientadoras Observação dos espaços e pré-análise do inventário Tomada de posse dos Presidentes e das Assembleias de freguesia Conhecer a vila de Murça – Ida a pontos turísticos da vila Reunião com o presidente, vice-presidente, orientadora local Limpeza e Organização dos materiais e objetos Verificação do Inventário e exploração dos objetos	Etnografia: Observação direta; observação participante;	Conhecer o espaço; Perceber as dinâmicas da comunidade; Conhecer as potencialidades turísticas da região; Perceber a importância do património educativo;
	Organização dos livros para começar o novo inventário Início do Inventário;	Análise documental; Pesquisa histórica	Conhecer e organizar o espólio do CMEM
	Organização dos planos para a Ciência Viva Limpeza e organização dos materiais a serem expostos		Construir uma estrutura de parcerias escolas/ CMEM
	Inventariação brinquedos Inventariação Inventariação: materiais escolares- balanças, pesos, mapas, mat.de laboratório;		Conhecer e organizar o espólio do CMEM
	Organização do Colóquio		Promover o CMEM como centro interativo e cultural;

			Promover o trabalho realizado do CMEM;
	Entrevistas		<p>Perceber a pertinência do CMEM para os entrevistados e que relação estabelecem com o turismo</p> <p>Conhecer o trabalho que as escolas fazem no que diz respeito à sensibilização para as questões de cultura e património cultural;</p> <p>Perceber de que forma se pode relacionar o trabalho de divulgação e educativo a desenvolver pelo CMEM com o trabalho das escolas do concelho</p>
	Finalização de tarefas		

As primeiras ações realizadas que constam da tabela I foram consideradas como fase de diagnóstico, uma vez que serviram para conhecer a instituição e quais as atividades que poderíamos realizar. De notar que as primeiras etapas da intervenção resultaram de um trabalho cooperativo com a colega de estágio, momentos que se consideraram fulcrais e ricos de partilha de conhecimentos. A fase de diagnóstico realizou-se a partir da observação participante, do trabalho cooperativo e em rede com as professoras pioneiras do projeto, a CMM, o ADEM, e a EPM, instituições que nos acompanharam ao longo de todo o estágio e com as quais mantivemos cooperação.

A segunda ida à antiga escola primária – local onde está instalado o CMEM – com a Professora Edite serviu para que observássemos o espaço, e o material que estava exposto

Anotámos os diferentes espaços que caracterizam a escola e que representam diversas funções específicas da época (1900, 1ª República). Uma entrada principal onde se encontra apenas um armário, a partir dessa entrada temos acesso ao andar superior onde se localiza a casa do professor. No rés-do-chão, do lado direito e do esquerdo encontram-se uma sala de aula, uma dedicada ao sexo masculino e outra ao feminino, respetivamente. Na ala esquerda localiza-se a sala de aula à qual temos acesso e onde estão armazenados a maioria dos objetos. Ao fundo temos acesso a um *hall*, a zona onde se situava a entrada das meninas à sua sala de aula e onde se encontra, atualmente materiais da educação popular, referentes à mestra Marquinhas. (Nota de terreno, 20 de outubro de 2017)

As primeiras tarefas que nos foram incumbidas passaram pela análise do espaço, do inventário e dos materiais existentes, de modo a nos integrarmos no espaço e percebermos quais as primeiras necessidades a serem colmatadas. Após esta primeira análise verificámos que seria fulcral realizar um inventário<sup>48</sup> mais completo onde incluísse todos os materiais e os seus dados mais revelantes como a sua designação, a época, o tipo de material, a descrição, a forma de construção (artesanal ou industrial), o estado de conservação, a data de recolha e por quem foi doado. Este foi um processo longo, no qual o inventário passou por várias alterações até chegar ao resultado final, em que o dividimos por diferentes categorias: arquivo, brinquedos, cozinha, livros, material escolar, mobiliário e quadros

---

<sup>48</sup> Inventário encontra-se no Apêndice V

Posteriormente, foi nos dada a oportunidade de realizarmos atividades no CMEM no âmbito da Semana da Ciência Viva, que se celebrou por todo o país em diversas instituições culturais e educativas entre 20 a 26 de novembro de 2017. O proposto pela Rede de Ciência Viva foi que as instituições que se interessassem por este tema organizassem um plano de atividades, que iria ser realizado durante essa semana. Para Murça chegou-nos o convite no dia 31 de outubro, pela nossa Orientadora Doutora Margarida Felgueiras, através da FPCEUP, que nos incumbiu a tarefa de dinamizarmos a atividade no Centro de Memória com o objetivo de crianças e estudantes experienciarem um contacto com o passado da educação.

Após esta proposta, prontificámo-nos a organizar atividades no CMEM, uma vez que esta semana poderia dar mais visibilidade ao Centro e ao trabalho que estávamos a realizar. A preparação destes dias ocupou algumas semanas de pesquisa, planeamento e organização das atividades, onde contactamos com os vários jardins-de-infância e o Agrupamento Vertical de Escolas de Murça. Ficou decidido que teríamos dois dias para a realização destas atividades, dia 22 de novembro onde compareceram duas turmas, uma de manhã e outra de tarde, e o dia 23 de novembro, em que compareceram duas turmas do jardim-de infância da Santa Casa da Misericórdia de Murça.

Devido ao estado embrionário que estava o CMEM e não havendo ainda nenhuma sala de exposição, tivemos de organizar uma das salas de aulas, na ala do sexo feminino, de modo a realizar lá algumas das atividades. Dispusemos a sala o mais idêntico possível a uma sala de aula na Escola Adães Bermudes, para podermos fazer uma pequena exposição de como eram as salas de aulas de antigamente. Discutimos algumas possíveis atividades e experiências que foram organizadas num guião<sup>49</sup>, com o modo como se realizavam, os materiais necessários, a explicação científica de cada atividade e experiência. O produto final resultou em 3 atividades diferentes: uma relacionada com experiências científicas e a pequena horta do CMEM, outra a exposição da *Sala de Outros Tempos*, e a terceira foram as brincadeiras de recreio.

A organização e produção desta semana demonstrou o que um serviço educativo numa instituição cultural como o CMEM poderia oferecer às crianças e às escolas. Deu também uma maior visibilidade ao Centro, para as gentes de Murça, salientando assim, a importância que a herança educativa tem para as pessoas de uma comunidade. Tendo um fim mais escolar, de promover a cultura científica, esta atividade não era dirigida para o

---

<sup>49</sup> Ver plano de atividades Apêndice VI

desenvolvimento turístico. Contudo a minha participação nela permitiu-me pensar em outras, dirigidas a adultos ou famílias, que podem ser atrativas do ponto de vista turístico.

A última atividade desenvolvida em contexto de estágio foi a organização de um colóquio por sequência das X jornadas de Herança cultural da FPCEUP. A iniciativa veio também por parte da Doutora Margarida Felgueiras, coordenadora do grupo de trabalho de Educação, Herança cultural e Museologia da FPCEUP. O colóquio teve o apoio e parcerias da FPCEUP, da CMM e da EPM e foi organizado pelo CMEM. O planeamento deste evento necessitou da autorização e apoio da CMM. Após reunião com o Vice-Presidente e o seu parecer positivo demos início a esta nova tarefa. A CMM demonstrou logo interesse em nos facultar o auditório e a ajuda necessária na divulgação, marcámos então reuniões com os diretores do Agrupamento de escolas e da Escola Profissional para mobilizarmos os professores para este evento e qual seria o seu impacto.

A organização deste evento levou a que realizássemos algumas reuniões de modo a agilizar todos os pormenores do colóquio. Primeiramente reunimos com o AVEM e a EPM de modo a que conseguíssemos agendar os melhores dias para a realização do colóquio, a participação dos professores no evento, sendo estes o principal público-alvo e a possibilidade em convidar as diversas associações da região, tais como: Universidade sénior, Santa Casa da Misericórdia, Lar de Idosos, Amigos de Murça, entre outras. Também discutimos alguns assuntos do CMEM, uma vez que a Escola Profissional são uma das parcerias do Centro, tendo já oferecido as ajudas e os meios necessários para a realização das entrevistas, assim como na realização dos cartazes precisos para todo o trabalho desenvolvido pelo CMEM. Realizámos também uma reunião com o diretor do AVEM, sendo que reunião decorreu da mesma forma da realizada com o diretor da EPM. Neste encontro ficou decidido que o AVEM irá fornecer o almoço aos oradores do colóquio, assim como também ficou decido o dia deste evento, que ficou marcado para o dia 28 de fevereiro de 2018.

Posteriormente voltámos a marcar encontro com o Vice-Presidente na Câmara Municipal de Murça, onde se discutiu o valor a pagar a cada orador, assim como os detalhes finais para o colóquio. Todo este processo de organização e planeamento de um colóquio foi marcado por diversas reuniões com os representantes das instituições envolvidas, realizámos cartazes<sup>50</sup> com o apoio de uma turma de Design da EPM, e os

---

<sup>50</sup> Cartaz do colóquio encontra-se no Apêndice VII

programas<sup>51</sup> para entregar aos convidados. Também foi da nossa responsabilidade enviar os convites via email a várias instituições de carácter cultural, educativo e formativo da região de Murça (onde incluímos a Universidade Sénior, a Santa Casa da Misericórdia, o AVEM, a EPM, a Junta de Freguesia e a CMM), as instituições de todo o distrito (Universidades, todas as escolas profissionais e agrupamentos de escolas e todas as universidades seniores), assim como a distribuição dos cartazes pelos pontos estratégicos da vila de Murça: posto de turismo, Biblioteca Municipal, auditório da Biblioteca Municipal, Junta de Freguesia de Murça, Câmara Municipal de Murça, a Igreja e no CMEM.

Após todos os detalhes referentes à organização do colóquio tratados, dedicamos alguns dias à preparação da nossa apresentação, uma vez que a Professora Margarida nos tinha sugerido fazer parte do grupo de conferencistas. Este trabalho mostrou-se muito benéfico e enriquecedor para o nosso percurso académico, mas também aquele que irá ser o nosso futuro profissional.

No dia anterior ao colóquio voltamos à Escola Profissional para finalizar os últimos pormenores para o evento. Durante este dia as condições climáticas alteraram-se com a queda de muita neve, o que levou ao corte de algumas estradas e a acessos muito condicionados. Na manhã seguinte, dia em que se realizaria o colóquio, recebemos a notícia que os acessos até Murça estavam cortados o que fez com que as oradoras não conseguissem chegar até nós e as escolas estivessem fechadas. Após estes acontecimentos, decidimos adiar o colóquio tendo ficado previsto para depois das férias escolares da Páscoa, data em que também não se realizou devido a constrangimentos de agenda dos vários intervenientes. Espera-se que este evento ainda se realize, uma vez que acreditamos ser um ponto de partida para a divulgação do CMEM nos meios académicos e sociais, trazendo novos públicos e novas oportunidades a Murça e à sua comunidade.

---

<sup>51</sup> Programa do colóquio encontra-se no Apêndice VIII

## **Capítulo IV – O papel do Centro de Memória da Educação de Murça visto pelos agentes culturais locais**

Tendo tido as entrevistas um papel tão fundamental nesta intervenção para conseguirmos perceber as perceções dos agentes culturais do concelho e como podíamos pensar o tipo de intervenção a realizar, decidimos dedicar-lhe um capítulo para a sua análise.

A formulação das entrevistas seguiu um guião<sup>52</sup> previamente planeado onde se encontra a formulação do problema, os objetivos gerais e específicos e as questões fundamentais para se alcançar os objetivos propostos. Segundo João Amado (2014) este tipo de planificação pode ajudar a gerir questões e as relações na hora da entrevista, como considera que as questões são “prefigurações do que se pretende alcançar na recolha de dados” (p.214).

Como já foi referido, utilizámos entrevistas semiestruturadas dando a oportunidade aos participantes de poderem responder livremente. A escolha das pessoas para as entrevistas foi feita de acordo com os objetivos das mesmas, ou seja, pretendia-se conhecer as perceções dos agentes culturais locais sobre o CMEM, a articulação que se poderá fazer entre as escolas e o Centro, como é ou se é trabalhado o tema da cultura e património, a valorização e as potencialidades de um centro de memória para o desenvolvimento turístico da região. Deste modo, decidiu-se entrevistar o vice-presidente da Câmara Municipal de Murça, uma vez que é quem trata das questões do património turístico do concelho, a professora Isabel Breia por ser a promotora do projeto e os diretores do AVEM e EPM visto serem os responsáveis pela educação no concelho.

Importa referir que na análise e interpretação dos dados das entrevistas utilizámos a técnica de análise de conteúdo, partindo dos blocos de questões e dos objetivos das mesmas como categorias. As categorias são *Educação patrimonial e cultural*; *O CMEM*; *Turismo regional*. Para além destas dividimos cada uma delas em subcategorias, indicadores e registos da entrevista, como podemos ver de seguida:

---

<sup>52</sup> Ver Apêndice II



Categorias	Subcategorias	Indicadores	Registos da entrevista			
			Professora Isabel Breia	Vice-Presidente da CMM	Diretor EPM	Diretor AVEM
Educação patrimonial e cultural	Trabalho das escolas em relação à cultura e património	atividades realizadas para mostrar à comunidade  Atividades dirigidas aos estudantes que abordem a cultura e o património.			<p>“promovemos com muita regularidade iniciativas dirigidas à comunidade”;</p> <p>“sessões de poesia dita pelos professores da escola e funcionários”;</p> <p>“festival de âmbito nacional de curtas-metragens escolares”</p>	<p>“ “orquestra energia que tem um grande impacto na vida cultural e no dinamismo do concelho”;</p> <p>“ciclo de cinema [...] pensado para a comunidade escolar, mas também, a comunidade mais alargada”</p> <p>“diálogo intergeracional, os nossos alunos vão muitas vezes ler para as pessoas mais velhas”</p>

	Relação do património com a Educação	A escola como potenciadora do património e cultura regional		O património cultural “deveria ser incluído porque não se consegue ter presente sem passado nem futuro sem presente”	é importante perceber que conseguimos aprender, e que conseguimos fazer coisas diferentes, divertidas, lúdicas com coisas absolutamente simples [...]um pião é uma coisa tão simples que podemos depois estudar as propriedades físicas que o mantém a rodar, ou seja, podemos também daí extrair conhecimento e que é uma coisa tão simples, mas que pode ser tão aliciante desde que o saibamos explorar”	“a educação e a escola são espaços de intervenção decisivos de incremento cultural”
	Articulação ensino-aprendizagem com conteúdos do CMEM	Articulação positiva e possível, através de visitas de estudo, simulação de aulas, observação direta	“os mais novos poderão situar-se noutros tempos e perceber melhor a história”	“devemos ter uma oferta formativa que vá de encontro às necessidades da região”	“pôr os próprios alunos a construir conteúdos para o centro”; “estão a aprender e por outro aplicar conteúdos que aprendem e no final o centro de memória obtém produtos que necessita”	“é muito importante que os nossos alunos venham aqui com frequência”; “algumas aulas de algumas disciplinas pudessem ser dadas aqui”; “de ser um espaço

						potenciado para que a aprendizagem [...] possa ser feita aqui”
O CMEM	Expectativas	Estar aberto à comunidade, definição legal	“espaço de formação e informação na construção do futuro”; “vertentes a nível da investigação, pesquisa e preservação”	“ser visitável”; “que não esteja condicionado a horários rígidos”; “deve envolver-se com a comunidade” “ser interativo”	“enriquecer a formação dos nossos alunos porque estão a aplicar conhecimentos e aplicam de uma forma absolutamente útil e para estar disponível para a comunidade”	“nos esclareça quanto àquilo que foi a escola, ao caminho que ela percorreu”
	Valorização e Potencialidades	Preservação do património; Ser distintivo; Desenvolvimento de atividades	“oficina aqui de bonecas, de outras coisas, de objetos, por exemplo da palmatória em miniaturas, coisas feitas em madeira”	“questão de identidade local que é preservada por este projeto”; “pode oferecer um produto que é distintivo”	“o centro de memória possa ter de ensinar às crianças de uma forma lúdica que os métodos eram diferentes mas que podiam também serem potenciadores da descoberta de novo conhecimento”	
Turismo regional	Desenvolvimento turístico	Por trabalhar, necessidade de organizar a oferta;	“isto podia ser uma passagem obrigatória havendo, por exemplo uns percursos aqui feitos na vila	“digamos que está de alguma forma por trabalhar”; “é preciso organizar este conjunto		

		CMEM como facilitador do desenvolvimento turístico	bem como uma sinalética que permitisse a passagem de quem viesse a Murça”	todo para que possamos segmentar corretamente aquilo que é necessário”; “perceber em que é que podemos ser distintivos [...] e pegar nesses termos mais identitários e direcioná-los para os públicos que queremos atingir”		
	Desenvolvimento sustentável das comunidades	Venda de produtos regionais;	“rentabilização dos vários produtos...o vinho, o azeite, doces conventuais”			

A categorização, organização e análise do conteúdo das entrevistas mostrou-nos existir uma sintonia entre todos os envolvidos no que respeita ao Centro de Memória da Educação de Murça. Esperam que este seja um centro dinâmico, vivo, voltado para a comunidade concelhia e escolar de forma a potenciar o desenvolvimento sustentável e turístico da região. Também se identifica a mesma sintonia em relação às escolas do concelho e o desejo que haja um envolvimento positivo de ambas as partes.

As entrevistas serviram não apenas para reforçar as nossas perspetivas para o Centro, mas fundamentalmente para podermos pensar qual a melhor intervenção a realizar, que atividades desenvolver e como envolver toda a comunidade de forma a rentabilizar da melhor forma a oferta cultural que o Centro poderá proporcionar. Estando previamente definido como objetivo diversificar os públicos e visitantes do CMEM, uma vez que se focássemos o público-alvo apenas aos habitantes do concelho, o volume de visitantes do Centro seria naturalmente reduzido com o passar do tempo, tornando-se numa instituição não sustentável e sem recetor para a sua mensagem, o Sr. Vice-presidente durante a entrevista também realçou este aspeto, afirmando que:

Não podemos estar aqui só a trabalhar o turismo do ponto de vista municipal porque senão isto esgota-se rapidamente. E esgota-se porquê? Não é que falem motivos de interesse, mas efetivamente quem nos visita e quem quer fazer turismo quer conhecer uma região e portanto, nós fazemos parte desta região e tentaremos obviamente, com ações bem direcionadas, bem organizadas, fixar o turista o maior tempo possível, que essa é uma das dificuldades que esta região tem - que é fixar o turista (Entrevista realizada ao Vice-presidente da CMM, no dia 19 de Março de 2018)

Neste sentido acreditamos que o Centro terá de ter uma estratégia turística e de lazer. O poder local e a comunidade terá de apostar em potenciar serviços de alojamento, restauração e outros locais lúdicos e culturais. Segundo Hooper-Greenhill (1998) todos os visitantes possuem uma série de necessidades físicas, intelectuais e sociais em comum, sendo necessário dispor de estratégias para a preparação de exposições, apresentações, publicações e atividades com fim de divulgar quais os elementos desse campo. Neste sentido, acreditamos que perante o possível público do CMEM seria interessante desenvolver atividades que envolvam tanto a comunidade como os visitantes exteriores, numa dinâmica de transmissão de histórias, de partilha de saberes e vivências. Seria também interessante potenciar diálogos e discussões sobre as diferenças da escola entre gerações e zonas, dependendo dos visitantes que estiverem presentes. Esperamos que o CMEM, numa lógica de desenvolvimento sustentável da comunidade, possa mostrar os

produtos regionais e conventuais e desenvolva atividades e oficinas de criação de brinquedos e miniaturas dos vários objetos escolares antigos, criando assim a oportunidade de integrar artesãos locais, de mostrarem o seu trabalho ou as técnicas mais antigas da sua atividade económica.

## **Capítulo V –Análise do processo e considerações finais**

### **1. Avaliação e monitorização da Intervenção**

A reflexão crítica que estamos a produzir considera-se uma avaliação ex-post da intervenção de estágio realizada de outubro de 2017 a março 2018. Esta reflexão, como já foi referido anteriormente, vai incidir sobre dois momentos distintos do estágio.

O momento que escolhemos para iniciar a avaliação é o momento da proposta de estágio. Após conhecer os nossos interesses, a orientadora propôs que o estágio se realizasse num projeto que culminará numa instituição cultural. O objetivo proposto para o estágio foi pensar o serviço educativo de uma instituição cultural em fase de construção, desafio aceite com muito entusiasmo e dedicação. A proposta para o meu objeto de estudo no estágio pode considerar-se um projeto orientado para a resolução de um problema, numa lógica de encomenda. Este processo poderia ser objecto de uma análise na lógica da avaliação externa. Esta avaliação ocorre quando é levada a cabo por pessoas que não participam diretamente na atividade avaliada, é realizada por pessoas de competência técnica e científica e caracteriza-se “pela fixação de objectivos que justificam a realização da acção pela sua pertinência social, económica e/ou profissional” (Terrasêca, 2001, p. 107).

Por oposição a este sentimento da proposta, numa lógica mais de encomenda e de resolução de um problema – que era a necessidade de pensar o serviço educativo da futura instituição – realiza-se uma entrada no terreno que consideramos mais integrada numa avaliação interna, pois notámos uma participação de todos os envolvidos, a qual se concretizou através de uma reunião com as orientadoras (local, e da faculdade) e com as estudantes estagiárias. Reunião que serviu para, em conjunto, podermos realizar uma avaliação diagnóstica, que ditou o início das atividades realizadas no estágio e onde definimos as finalidades, as orientações para a mudança e a identificação dos recursos, para ser possível compreender até que ponto eram exequíveis as orientações e as finalidades propostas (Capucha, 2008). Compreende-se a necessidade desta etapa visto clarificar os problemas que tínhamos a resolver, os recursos que dispúnhamos e conhecer, acima de tudo, o contexto em que estávamos inseridas.

Após este primeiro momento surge, então, a realização das primeiras tarefas. Resultante da avaliação diagnóstica realizada, a primeira tarefa a concretizar foi a inventariação de todo o espólio existente do futuro Centro de Memória da Educação de

Murça. Esta atividade, tal como todas as atividades e tarefas que se seguiram, contaram sempre com a ajuda da orientadora local e com a orientação e apoio da Professora Margarida Felgueiras, que apesar de longe manteve sempre o contacto. Os trabalhos foram realizados numa lógica de ação participativa e democrática de todos os envolvidos.

Por fim, importa reforçar que todo o processo de estágio foi acompanhado por reuniões regulares com a orientadora local e com os elementos da Câmara Municipal de Murça, e em alguns casos com as escolas que estavam envolvidas no projeto, de modo que conseguíssemos fazer pontos de situação do decorrer das atividades. Considera-se estes momentos como espaços onde realizámos avaliações como meio de transformação e de melhoria do nosso trabalho. Também se considera que a avaliação realizada ao longo do estágio, mesmo quando eram momentos informais onde discutíamos o processo do mesmo, se aproxima do Modelo de R.Stake (referido acima), quando este afirma que o processo de recolha de informação é fomentar o debate sobre as intenções da avaliação e como é que esta pode ir modificando e melhorando o objeto em avaliação. Ao longo desta reflexão percebemos que avaliar pressupõe sempre a produção de conhecimento sobre uma determinada realidade, sendo que a análise da informação é um dos aspetos mais importantes de todo o planeamento da avaliação, uma vez que está relacionada com a escolha de um conjunto de indicadores de realização, de resultados de impactos, de pertinência e de eficácia. A reflexão do conceito de avaliação aqui desenvolvido leva a perceber a complexidade dos significados e das perspetivas existentes. No entanto, acredita-se que através de uma avaliação crítica e pensada para contribuir para transformar, podemos sugerir a mudança da realidade articulando ideias, conhecimentos e ações que poderão ganhar consistência num empenho coletivo, mas também individual.

## **2. Considerações finais**

O percurso que fui desenvolvendo constituiu-se num caminho com alguns receios em relação ao meu desempenho no estágio, uma vez que tinha uma intenção primordial de mostrar as minhas competências enquanto profissional ao pisar um terreno novo. Sendo ele novo no sentido de ser um contexto de trabalho diferente daqueles onde já tinha estado, assim como novo por ser uma instituição em fase de criação e de ter a oportunidade de fazer parte da equipa numa fase tão crucial para o projeto. Contudo,



contribui para a idealização de um serviço educativo ao pensá-lo com as expectativas dos agentes culturais da região de Murça e a desenvolver atividades de divulgação do trabalho do CMEM, como a construção do I Colóquio de Educação, Herança Cultural e Desenvolvimento que juntou um grupo de conferencistas ligadas ao tema da herança educativa e cultural e também conferencistas que iriam justificar a pertinência deste centro e a sua importância para a comunidade local.

Visto haver, na intervenção de estágio, uma tónica para a herança cultural, para a história da educação e para o património encontramos aqui um espaço invulgar onde as Ciências da Educação podem atuar nas suas vertentes ligadas à educação. Ressaltamos a multidisciplinaridade das ciências da educação que permite que a dimensão educativa e educacional não estejam confinadas a lugares formais como o contexto escolar, dando oportunidade a que a aprendizagem dos diversos públicos seja feita em espaços lúdicos e culturais como o CMEM. Esperamos que a realização deste estágio num local voltado para a cultura abra caminho para inserir a profissão das Ciências da Educação, consolidando a sua identidade uma vez que essa “constrói-se, assim, por transbordo e transgressão das disciplinas de origem, repensadas conceptualmente com base na investigação de novas temáticas e objetos de estudo” (Nóvoa, 1991, 31).

Procurámos ao longo da intervenção escutar os responsáveis locais, culturais e os promotores do projeto sobre as perspetivas e perceções sobre o CMEM, indo ao encontro de trabalhar com os intervenientes num processo colaborativo de investigação-ação, em que se trabalha em educação e não sobre educação. Reforçamos que todo o processo de estágio se baseou no trabalho em rede com todos os envolvidos no projeto, aspetos que fazem e que devem fazer parte de um profissional das Ciências da Educação.

Ao longo do estágio tivemos a oportunidade de visitar os recursos que Murça tem para oferecer, criámos relações entre as pessoas da comunidade e o ambiente natural, estabelecemos diálogos entre o conhecimento científico e o conhecimento que a comunidade nos transmitia. Entrámos num local que é emblemático, rico em cultura e conhecimentos seculares sobre instrumentos, artefactos, modos de vida, hábitos culturais, tradições associadas à cultura educativa e ao trabalho agrícola, do azeite e do vinho.

O conhecimento direto e a reflexão mostraram-nos que há a expectativa, quer da direção científica do projeto quer de promotores e outros agentes locais de desenvolvimento com a comunidade e para a comunidade de uma instituição cultural e educativa que zele pela conservação das memórias e dos objetos ali expostos, onde os

saberes e fazeres daqueles habitantes estejam representados. Que a gestão do património e território envolva as pessoas que o habitam e que possam viver experiências únicas, num espaço que se possa configurar num local de trocas e de reflexões sobre o património, a educação e a cultura ali presente, contribuindo para o bem-estar das pessoas, atraia e fixe outras, que possam rejuvenescer e contrariar a desertificação humana da região.

## Referências bibliográficas

Afonso, José (2016). *Escolas rurais na 1ª República Portuguesa 1910-1926: Discursos e representações sobre a periferia*. Santo Tirso: Whitebooks

Amado, João (2014) *Manual de investigação qualitativa em educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra

Amado Mendes, J. (2013) *Estudos do Património: Museus e Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra

Barreto, Margarita (2000). *Turismo e legado cultural: as possibilidades do planeamento*. Campinas: Papirus,

Beja, Filomena, Serra, Júlia & Machás, Estella (1996). *Muitos anos de escolas*. Lisboa : [Ministério da Educação, Departamento de gestão de recursos educativos](#)

Bolivar, Antonio (2003) Como melhorar as escolas: Estratégias e dinâmicas de melhoria das práticas educativas. *Potencialidades e limites das estratégias de desenvolvimento e mudança*. Porto: Edições Asa

Capucha, Luís (2008). *Planeamento e Avaliação de Projetos: Guia prático*, Lisboa: Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

ICOM (1992) Declaração de Caracas. Cadernos de Sociomuseologia, 15 (15). Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/345>

Felgueiras, Margarida, Sousa, Leonor, Santos, Esmeralda (2000). Despertar as memórias, resgatar o passado. *Os seminários no âmbito do projecto “para um museu da escola primária”*. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Felgueiras, Margarida (2000). O museu da escola primária no Porto: Orientações histórico-culturais. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, 31, 61-70

Felgueiras, Margarida (2005). Materialidade da Cultura escolar. A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. In *Pro-posições*, 16 (1).

Felgueiras, Margarida (2006). Cenografias da Escolarização. Os edifícios escolares da ditadura. Contributos. In *Estudos do Século XX*, 6, 153-171

Felgueiras, Margarida, Blasius, Rainer & Amaral, Anabela (2009). Local, national and transnational identities EuBuildIT: A European educational media project. In *Textbooks and Educational Media*, 446-452

Felgueiras, Margarida (2010). Herança cultural como processo colectivo, In *Centro de Memória da Educação da FEUSP*. Centro de Memória da Educação FEUSP, São Paulo.

Felgueiras, Margarida (2010). Cultura Escolar: da migração do conceito a sua objetivação histórica. In *Cultura Escolar, Migrações e Cidadania*. (eds) Felgueiras, Margarida & Vieira, C.E Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (SPCE)

Felgueiras, Margarida (2011). Herança educativa e museus: Reflexões em torno das práticas de investigação, preservação e divulgação histórica. *Revista brasileira de história da educação*, Campinas-SP, 11(1) , 67-92

Fernandes, João Luís (1985). *Murça: história, gentes, tradições*. Murça: Câmara Municipal de Murça

Ferrão, João (2000). A avaliação comunitária de programas regionais. Aspectos de uma experiência recente, In *Sociologia, Problemas e Práticas – metodologias de avaliação*, 22. Lisboa: ISCTE, 29-41.

Gómez-Redondo, Carmen (2017). El objeto patrimonial como símbolo identitario en el museo. In *Museus e Estudos interdisciplinares*, 8. Disponível em: <https://midas.revues.org/1216>

Hooper-Greenhill, Eilean (1998). *Los Museos y sus visitantes*. Espanha: Ediciones Trea, S.L.

INE (2013). NUTS 2013: As novas unidades territoriais para fins estatísticos. Disponível em: [http://www.poci-competite2020.pt/admin/images/NUTS2013\\_\(1\).pdf](http://www.poci-competite2020.pt/admin/images/NUTS2013_(1).pdf)

Leite, Carlinda, Rodrigues, Lurdes & Fernandes, Preciosa (2006). A Auto-Avaliação das Escolas e a Melhoria da Qualidade da Educação: Um olhar reflexivo a partir de uma situação. *Revista de Estudos Curriculares*, 4(1), pp. 21 – 45.

Martins, Guilherme (2016). Património, Herança e Memória. In *Participação partilhando responsabilidades* (coord) Ana Carvalho. Guimarães: Acesso Cultura, 18-28

Mendes, Vitor Hugo (2011). *Museus e Turismo na Serra da Estrela*. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Universidade de Coimbra

Monteiro, Alcides (2000). A avaliação em projetos de intervenção social: reflexões a partir de uma prática. In *Sociologia, problemas e práticas, metodologias de avaliação*, 22, Lisboa: ISCTE, 137-154

Natário, Maria, Fernandes, Gonçalo, Braga, Ascensão & Daniel, Ana (2017). *Intellectual Capital and Regional Development: New Landscapes and Challenges for planning the space - Municípios Portugueses em declínio e fortemente em declínio*. Covilhã: Universidade Beira Interior. Disponível em: <http://bdigital.ipg.pt/dspace/bitstream/10314/3877/1/2017%20artigo%20Atas%20APDR%20Demograf.pdf>

Nóvoa, António et al (1991). *Ciências da Educação e mudança*. Porto: Edições Afrontamento

Núñez, Mónica & Mejia, Alvelayis (2014). El patrimonio turístico como instrumento para la divulgación, la valoración y la educación cultural. *Revista semestral de investigación de la Corporación Internacional para el Desarrollo Educativo – CIDE*, 1(14), 150-157

Pinheiro, Áurea & Moura, Cássia (2016). Paisagens da Ilha: Património, Museus e Sustentabilidade. In *Participação partilhando responsabilidades* (coord) Ana Carvalho. Guimarães: Acesso Cultura, 45-58

Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Terrasêca, Manuela (2001). Avaliação externa: do controlo do sistema à avaliação institucional, In Terrasêca, Manuela (2001). Avaliação de Sistemas de Formação. *Contributos para a compreensão da avaliação enquanto processo de construção de sentido*. Porto: FPCE – Universidade do Porto, 107-120

Vidal, Diana & Schwartz, Cleonara (2010). Sobre a cultura escolar e história da educação: questões para debate. In *História das culturas escolares no Brasil*. (org) Diana Vidal & Cleonara Schwartz. Vitória: EDUFES, 2010, 13-36

West, Diana (2011) *Identidade, Cultura e Museus. Moradas Colectivas: Um estudo de caso sobre o Centro de Arte Moderna*, Fundação Calouste Gulbenkian

Zevi, Bruno (1951). *Saber ver la arquitectura: Ensaio sobre la interpretación de la arquitectura*. Buenos Aires: Editorial Poseidon

## **Apêndices**

### **Apêndice I – Notas de Terreno**

#### **Dias dedicados à organização do Colóquio**

Após a reunião com a professora Margarida no dia 8 de janeiro, dia em que voltamos a Murça decidiu-se organizar um colóquio aqui, na sequência das X jornadas de Herança cultural da FPCEUP.

Para se prosseguir com este trabalho, primeiramente, a Professora Margarida falou com a professora Isabel de modo a entender se haveria possibilidade de organizarmos o evento em Murça com a sua ajuda. De seguida eu e a Patrícia reunimo-nos, no dia 19 de janeiro com o Vice-Presidente da Câmara Municipal de Murça de forma a que também tivéssemos o seu feedback e o apoio da CMM. Com o seu parecer positivo em relação ao colóquio, demonstrando logo interesse em nos facultar o auditório e a ajuda necessária na divulgação, marcámos então reuniões com os diretores do Agrupamento de escolas e da Escola Profissional para percebermos qual o interesse da parte dos professores neste evento. As reuniões decorreram a 23 de janeiro com o diretor da EPM e a 25 de janeiro com o diretor do AVEM.

Na reunião com o Professor Eduardo Pinheiro - Diretor da EPM - falámos dos possíveis dias da realização do colóquio, da participação dos professores neste evento, sendo estes o principal público-alvo e da possibilidade em convidar as diversas associações da região, tais como: Universidade sénior, Santa Casa da Misericórdia, Lar de Idosos, Amigos de Murça, entre outras. Também discutimos alguns assuntos do CMEM, uma vez que o Professor Eduardo e a Escola Profissional, são uma das parcerias do centro, tendo o diretor oferecido as ajudas e os meios necessários para a realização das entrevistas, assim como na realização dos cartazes precisos para todo o trabalho desenvolvido pelo CMEM.

No dia 25 de janeiro, na reunião com o Professor José Alexandre, a ordem de trabalhos decorreu da mesma forma da reunião do passado dia 23 na EPM, neste encontro ficou decidido que o AVEM irá fornecer o almoço aos oradores do colóquio, assim como também ficou decido o dia deste evento, que ficará para o dia 28 de fevereiro de 2018.

Posteriormente, no dia 8 de fevereiro, marcamos encontro com o Vice-Presidente na Câmara Municipal de Murça, onde se discutiu o valor a pagar a cada orador, assim como os detalhes finais para o colóquio.

No dia 15 de fevereiro encontramos-nos com a Professora Isabel para discutirmos os últimos pontos do colóquio a incluir no cartaz, sendo que mais tarde reunimos com o Professor João Póvoa da EPM para se fazer o cartaz. Na terça-feira seguinte deslocamo-nos à escola profissional de modo a irmos buscar os cartazes, durante essa tarde distribuímos os cartazes por vários pontos estratégicos da Vila de Murça, tais como: o ponto de turismo, a biblioteca e o auditório da biblioteca, na Junta de Freguesia de Murça, na Câmara Municipal de Murça e na Igreja. O dia seguinte foi dedicado ao envio de emails com todas as informações referentes ao colóquio, sendo que enviámos os convites para todas as instituições de carácter cultural, educativo e formativo da região de Murça (onde incluímos a Universidade Sénior, a Santa Casa da Misericórdia, o ADEM, a EPM, a Junta de Freguesia e a CMM) também enviamos para instituições de todo o distrito (Universidades, todas as escolas profissionais e agrupamentos de escolas e todas as universidades seniores).

Após todos os detalhes referentes à organização do colóquio tratados, dedicamos os dias seguintes à preparação da nossa apresentação para o colóquio, uma vez que a Professora Margarida nos tinha sugerido fazer parte do grupo de conferencistas. Este trabalho mostrou-se muito benéfico e enriquecedor para o nosso percurso académico, mas também aquele que irá ser o nosso futuro profissional.

No dia anterior ao colóquio voltamos à Escola Profissional, para irmos fazer os programas para entregar no dia e preparar as mesas de oradores. Durante este dia as condições climáticas alteraram-se com a queda de muita neve, o que levou ao corte de algumas estradas e a acessos muito condicionados. Um pouco receosas em relação ao colóquio esperamos por informações em relação aos acessos. Na manhã seguinte, dia em que se realizaria o colóquio, recebemos a notícia que os acessos até Murça estavam cortados o que fez com que as oradoras não conseguissem chegar até nós. Após estes acontecimentos, decidimos adiar o colóquio estando previsto para depois das férias escolares da páscoa.



## Apêndice II – Guião das entrevistas

**Entrevistados:** Diretor do Agrupamentos de Escolas e Diretor da Escola Profissional

<b>Grupo de Questões</b>	<b>Objetivos Gerais</b>	<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Questões</b>
<b>I - Escola como promotora do desenvolvimento cultural e turístico</b>	Conhecer o trabalho que as escolas fazem no que diz respeito às questões de cultura e património cultural	- Conhecer o que pensam os responsáveis dos agrupamentos de escolas do Concelho de Murça sobre o contributo da educação para o desenvolvimento da região, em particular o fomento do turismo.	- De que modo acha que a escola e a educação influenciou ou influencia a promoção cultural e o desenvolvimento cultural de Murça? - Como veem o contributo da escola para o desenvolvimento da região? - Como é que perspetiva a educação para o desenvolvimento da região?
<b>II - Relação Escola/CMEM</b>	Perceber de que forma se pode relacionar o trabalho de divulgação e educativo a desenvolver pelo CMEM com o trabalho das escolas do concelho;	- Conhecer as expectativas dos responsáveis educativos sobre a criação de um Centro de Memória da Educação; - Recolher dados que possibilitem a articulação entre o ensino-aprendizagem das disciplinas escolares com os conteúdos do CMEM	- O que esperaria de uma instituição cultural como o Centro de Memória da Educação? Qual é que devia ser a relação com as escolas e o CMEM? - Como acha que se poderia articular o processo de ensino-aprendizagem com os conteúdos abordados no CMEM?

			<ul style="list-style-type: none"> <li>- Em que medida os cursos da Escola profissional poderiam ser um apoio para o CMEM, e vice-versa?</li> <li>- Que outros cursos poderia oferecer a Escola Profissional que fossem uma mais valia para o desenvolvimento da região? (nomeadamente o turismo)</li> <li>- De que modo é que a formação que a escola oferece pode capacitar os seus alunos para o desenvolvimento turístico da região?</li> <li>- Por fim, gostaríamos de saber que perspectivas tem de uma possível parceria entre o AVEM/Escola Profissional e o CMEM.</li> </ul>
--	--	--	---

**Entrevistado:** Vice-Presidente da CMM – Dr. António Marques

<b>Grupo de Questões</b>	<b>Objetivos Gerais</b>	<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Questões</b>
<b>I– Desenvolvimento turístico</b>	- Conhecer o desenvolvimento turístico da região	- Entender as estratégias de desenvolvimento turístico e patrimonial  - Perceber o que existe e o que está a ser feito ao nível da valorização e desenvolvimento do património cultural	- Sabemos que o turismo em Murça está incipiente e que este problema é uma preocupação do novo executivo. Poderá explicar quais as principais linhas de intervenção/ plano estratégico pensadas para esta área?  - Que instituições de turismo existem na região? De quem dependem? Que áreas culturais que abrangem? (ex: eco-turismo, agro-culturais, agro-alimentar, arte religiosa, arte popular)]  O que oferecem /que serviços prestam?
<b>II – Importância do CMEM</b>	Reconhecer a importância e valorização do CMEM	Conhecer as potencialidades do Centro de Memória da Educação para o desenvolvimento turístico da região.	- O CMEM pode interessar e incluir-se nas diferentes instituições existentes? Se sim, como?  - Que valências pode ter o centro de memória de modo a que se possa compensar as faltas da região?

			<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como veem o desenvolvimento cultural da região relacionado com o CMEM? E qual o papel de uma instituição cultural para esse desenvolvimento?</li> </ul>
<b>III – Educação patrimonial</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer as estratégias educativas para o património cultural da região</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perceber qual a aposta pedagógica para a região de Murça</li> <li>- Entender a relação do património cultural com a Educação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A escola influenciou ou não o desenvolvimento da região?</li> <li>- Como é que se perspetiva a educação para o desenvolvimento da região?</li> <li>- A comunidade e o poder local têm mostrado interesse e incentivado a que seja integrado como aposta pedagógica o património cultural da região? Pensa que o património cultural da região devia ser um tema a se incluir no currículo escolar?</li> <li>- Por último, que impacto pensa que este património tem na comunidade escolar, na sua relação com o contexto local, no enriquecimento da sua identidade cultural?</li> </ul>

**Entrevistada: professora Isabel Breia**

<b>Grupo de Questões</b>	<b>Objetivos Gerais</b>	<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Questões</b>
<b>I– Origem e etapas do projeto CMEM</b>	- Conhecer o processo do projeto CMEM	- Entender as estratégias utilizadas até ao momento da criação de uma instituição	<p>- Pode contar-nos como surgiu a ideia de recolher as “memórias da escola de antigamente”? Quem foram as promotoras? Quem as apoiou? Que relação mantiveram com as/os professores do concelho?</p> <p>- Poderia explicar-nos as diferentes etapas pelas quais esse projeto passou? (mudanças de espaço, movimentações dos objetos, exposição 2004, como se chegou à escola primária nº1)</p> <p>- Que instituições, associações ou indivíduos estiveram envolvidas nessas etapas? Como se estabeleceu a relação entre elas?</p> <p>- Como passou da exposição para a ideia de criar o CMEM?</p>

<b>II – Características e funcionalidades do CMEM</b>	- Conhecer as potencialidades e funcionalidades do CMEM	- Perceber como poderá funcionar o CMEM.	<p>Na sua opinião que tipo de ofertas e valências poderá integrar o centro de memória?</p> <p>A quem se dirige prioritariamente?</p> <p>Que papel poderá exercer no contexto sociocultural e económico da região? (não só nas questões educativas direcionadas para a escola, mas também turísticas, desenvolvimento sustentável, famílias, terceira idade)</p> <p>Que tipo de relação o CMEM poderá estabelecer com as diferentes instituições da região? (escolares, turísticas, câmara, lares, associações locais...)</p>
<b>III – E Importância, impacto e pertinência do</b>	Reconhecer a importância e valorização do CMEM	- Entender a relação do património cultural com a Educação	<p>Qual poderá ser o interesse do poder local por este projeto? Que impacto esperam desta futura estrutura? Manter-se-á o projeto se não houver financiamento?</p>

<b>CMEM para a região de Murça</b>		<p>- Perceber que potencialidades tem este centro para o desenvolvimento sustentável e turístico da região</p>	<p>Qual a importância que atribui ao CMEM para os percursos escolares das crianças e jovens da região?</p> <p>Como perspectiva o papel do CMEM para o Turismo?</p> <p>E para o desenvolvimento sustentável da região? Em que aspetos e como?</p> <p>Que outras estruturas, forças económicas e culturais poderiam apoiar a criação do CMEM?</p>
<b>IV - Ligação pessoal ao espaço</b>	<p>- Conhecer a história da educação</p>	<p>- Perceber a ligação dos objetos à história da educação</p> <p>- Perceber o significado da materialidade do acervo do CMEM</p>	<p>Pode-nos falar da sua infância, quando não havia jardim-escola? (experiência com a D. Marquinhos)</p> <p>Recorda-se de quando entrou para a escola? Como era a escola?</p> <p>Que sensação lhe ficou do início das aulas? O que já sabia?</p> <p>Qual o sentido/significado que este espaço tem para si?</p>

			<p>Que recordações tem do seu percurso escolar nesta escola?</p> <p>Considera que as pessoas dão importância a este espaço? Gostavam da escola do tempo das suas infâncias? O que valorizam desse tempo?</p> <p>Enquanto professora e profissional de educação sempre ligada a várias causas, qual pensa ser a importância do projeto na preservação e valorização do espaço e da história educativa da região?</p>
--	--	--	---



### Apêndice III – Consentimento Informado



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO/ ENTREVISTA

Eu, \_\_\_\_\_, declaro, por meio deste termo, que concordei ser entrevistado (a) para colaborar na recolha de memórias e informações sobre os processos educativo e escolar no Conselho de Murça com vista à constituição de um Centro de Memória da Educação de Murça. A entrevista, é realizada pelas estudantes estagiária Susana Saborano Vieira do Curso de Mestrado da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Margarida Maria Louro Felgueiras, Professora Associada do Departamento de Educação da mesma Faculdade, a quem poderei contactar/consultar a qualquer momento que julgar necessário por meio do telefone: 934258400 e do e-mail: [margafel@fpce.up.pt](mailto:margafel@fpce.up.pt)

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter quaisquer custos e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso desta pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente académicos e culturais do estudo que, em linhas gerais, consiste em recolher testemunhos das experiências educativas e culturais vivenciadas ao longo do tempo nesta região, para que possam ser estudadas, historicamente tratadas e apresentadas sob a forma expositiva ou em outros suportes, para fins educativos ou culturais. As gravações originais e suas transcrições serão deixadas à guarda do que virá a ser o Centro de Memória da Educação de Murça, coordenado pela Sr.<sup>a</sup> professora Maria Isabel Breia

Estou ciente que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, estabelecidos pela Comissão de Ética da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. A minha colaboração será feita por meio de entrevista gravada a partir da assinatura desta autorização. Estou ciente de que, caso eu tenha dúvidas ou me sinta prejudicado, que poderei contactar a pesquisadora responsável ou sua estagiária.

Confirmo ainda que o propósito do projeto de investigação, assim como os potenciais riscos e benefícios da minha participação me foram explicados, que escolhi continuar a minha participação e que me foi claramente explicado que tenho o direito de interromper ou recusar continuar em qualquer momento do decorrer do Projeto, sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Quanto à confidencialidade, (por favor risque a opção que **não** deseja):

a) Pretendo que a **minha identidade não seja relevada** em qualquer relatório, publicação, estudos académicos e/ou outros suportes que o CMEM autorize.

b) Autorizo que a **minha identidade seja relevada** em qualquer relatório, publicação, estudos académicos e/ou outros suportes que o CMEM autorize.

Terei uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Murça, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

---

Assinatura do (a) participante (entrevistado (a))

---

Assinatura da pesquisadora

---

Assinatura da coordenadora do grupo promotor do Centro de Memória da Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E  
ESCLARECIDO/UTILIZAÇÃO DE IMAGEM

Eu, \_\_\_\_\_,  
declaro, por meio deste termo, que concordei em ceder as imagens recolhidas durante a entrevista e outras, pertencentes ao meu acervo pessoal, para serem utilizadas na pesquisa sobre os processos educativo e escolar no Conselho de Murça com vista à constituição de um Centro de Memória da Educação de Murça, desenvolvida pelas estagiárias Patrícia Magalhães Teixeira e Susana Saborano Vieira da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientadas pela Prof<sup>a</sup> Doutora Margarida Louro Felgueiras, Professora Associada do Departamento de Educação da mesma Faculdade e Universidade do Porto, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário por meio do telefone: 934258400\_ e do e-mail: [margafel@fpce.up.pt](mailto:margafel@fpce.up.pt). Declaro que autorizo a utilização na referida pesquisa, da(s) imagem(ens) pertencente (s) ao meu acervo pessoal e as recolhidas durante a entrevista.

Estou ciente que os usos da (a) imagem (s) por mim oferecida (s) está (ão) submetida (s) às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, estabelecidos pela Comissão de Ética da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.

Terei uma cópia assinada deste Termo de Consentimento

Fui ainda informado (a) de que posso retirar as minhas fotografias e imagens cedidas a este estudo a qualquer momento sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Murça, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) participante entrevistado (a)

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Assinatura da coordenadora do grupo promotor do  
Centro de Memória da Educação

Lista e n.º de imagens cedidas

Gravação vídeo\_\_\_\_\_

Fotografias pessoais\_\_\_\_\_

Fotografias na escola ou afins\_\_\_\_\_

## **Apêndice IV – Entrevistas transcritas**

**Entrevistados:** Diretor da Escola Profissional

A presente entrevista direcionada ao diretor da Escola Profissional de Murça pretende ser um apoio para estruturar e planear o serviço educativo de um Centro de Memória da Educação em Murça. Tem como **objetivos gerais**:

Conhecer o trabalho que as escolas fazem no que diz respeito às questões de cultura e património cultural;

Perceber de que forma se pode relacionar o trabalho de divulgação e educativo a desenvolver pelo CMEM com o trabalho das escolas do concelho;

Como **objetivos específicos**:

Conhecer o que pensam os responsáveis dos agrupamentos de escolas do Concelho de Murça sobre o contributo da educação para o desenvolvimento da região, em particular o fomento do turismo;

Conhecer as expectativas dos responsáveis educativos sobre a criação de um Centro de Memória da Educação;

Recolher dados que possibilitem a articulação entre o ensino-aprendizagem das disciplinas escolares com os conteúdos do CMEM.

### **Questões:**

#### **I - Escola como promotora do desenvolvimento cultural e turístico**

**- De que modo acha que a escola e a educação influenciou ou influencia a promoção cultural e o desenvolvimento cultural de Murça?**

De forma decisiva necessariamente, a cultura, o acesso à cultura supõe por um lado uma disposição das pessoas, mas por outro lado também uma formação de cultos e nesse sentido a escola, o acesso ao conhecimento e à cultura escolar terá um papel muito importante. Acredito que também nos últimos anos o esforço que as várias escolas vão fazendo, promovendo iniciativas, sensibilização ambiental, cultural envolver também os pais e outras associações locais faz valorizar os patrimónios e os recursos endógenos do território que acabarão também por ajudar a formar espaços públicos e a criar uma grande

disposição nos casos mais didáticos noutros nem por isso para o gosto pela cultura e depois a partir daí consumir produtos culturais com maior regularidade.

**- Como são e como veem os contributos da escola para o desenvolvimento da região?**

A vários níveis falando do caso da EPM que já há alguns anos que nós promovemos com muita regularidade iniciativas dirigidas à comunidade, têm um duplo objetivo, por um lado mostrar à comunidade aquilo que a escola faz e as suas dinâmicas e os seus recursos, mas também para contribuir nesse sentido de formar públicos. Posso assim muito rapidamente falar da semana do trabalho da escola para principalmente mostrar as várias áreas do conhecimento e das várias técnicas da escola para mostrar à comunidade daquilo que são capazes e depois também desenvolvemos eventos culturais para a comunidade, muito rapidamente podemos falar de sessões de poesia dita pelos professores da escola e funcionários e que eu tenho memória será dos poucos eventos que com regularidade se fez em Murça, tivemos durante algum tempo um festival de âmbito nacional de curtas-metragens escolares que participaram escolas de todo o país e obviamente eram trabalhos dos nossos alunos também na perspetiva do cinema. Durante alguns anos tivemos formação na área da animação sociocultural e promovemos durante sete ou oito anos o encontro nacional de animadores socioculturais e associado ao encontro de animadores tivemos um festival de teatro escolar, ou seja, pelo menos e falando apenas na minha escola e não deixando de reconhecer que outras escolas também boas iniciativas são feitas, mas só por aí, a escola teve um papel e naquela que me diz respeito, teve um papel dinamizador e que de dar cor principal, digamos assim no desenvolvimento e dinamização cultural do nosso território.

## **II – Relação Escola/CMEM**

**- O que esperaria de uma instituição cultural como o Centro de Memória da Educação?**

A memória é fundamental, o maior património que temos, a nossa cultura, o nosso ser e isso só se consegue passar com alguma tradição oral, transmissão de conhecimento mas isso só se consegue passar se conseguirmos manter viva a memória e no fundo potenciar essa transmissão. No mundo em que, hoje em dia, os miúdos, crianças pequenas desde a primeira classe até aos mais crescidos olham o mundo não nesta perspetiva, mas nesta perspetiva (aponta para o telemóvel) e eu tenho um filho que faz o mesmo e eu

próprio sou consumidor de tecnologia mas no mundo em que vivemos muito focados no pequeno ecrã e no que está só à nossa frente, acho que é fundamental e se calhar cada vez mais haver outros focos de interesse que permitam ir olhando esses horizontes e perceber que há no mundo mais do que aquilo que nos diz o pequeno ecrã, mesmo que através dele nos chegue muita coisa, muita coisa boa e muita coisa má . No caso concreto do CMEM, para além de, se calhar num público mais velho que eu, a geração seguinte ser um regresso à infância e haver toda uma nostalgia associada, eu estou aqui neste espaço, muito agradável, estou na sala ao lado daquela onde completei os quatros anos de escola primária, o mobiliário não era exatamente este mas diz-me algo, diz-me bastante, identifico-me se não pelo todo mas pela maior parte. E acho que é importante que as pessoas mais novas, e, sobretudo as mais novas, para um público mais velho haverá essa nostalgia, para um público mais novo é importante perceber que o primeiro *Ipad* foi qualquer coisa do género (segura numa ardósia que está exposta numa das secretárias da sala) com a grande vantagem que não consome bateria e não requer uma rede de dados, ou seja, é importante perceber que conseguimos aprender, e que conseguimos fazer coisas diferentes, divertidas, lúdicas com coisas absolutamente simples em que a nossa felicidade e a nossa diversão não depende da eletrónica, um pião é uma coisa tão simples que podemos depois estudar as propriedades físicas que o mantém a rodar, ou seja, podemos também daí extrair conhecimento e que é uma coisa tão simples, mas que pode ser tão aliciante desde que o saibamos explorar. Nesse sentido, eu acho que é um papel que o centro de memória possa ter de ensinar às crianças de uma forma lúdica que os métodos eram diferentes mas que podiam também serem potenciadores da descoberta de novo conhecimento, eu penso que um serviço educativo associado ao CMEM seria por um lado um grande sucesso, por outro lado constituiria uma grande surpresa para os miúdos perceberem que há outras formas muito engraçadas de se divertir que não, e ainda por cima o permitem fazer e potenciam em grupo e não isoladamente, e por fim, acho que e acima de tudo seria um grande serviço público que o centro poderia prestar à comunidade.

**- Qual é que devia ser a relação com a EPM e o CMEM?**

Eu diria que neste momento, coloca-me a questão para o futuro, respondendo, começando por responder eu diria que há uma relação quase umbilical, em boa medida e em determinado momento do processo, a escola esteve muito ligada e está e continuará a estar. Eu acredito que a escola acabou por também facilitar algum impulso nesta fase final, obviamente que este projeto, é um projeto já com alguns anos eu na minha

perspetiva enquanto diretor da escola entendo que no futuro a escola profissional terá que, ou só fará sentido que continue a estar ligada ao projeto, continuando a colaborar da forma que o projeto necessitar, seja em termos logísticos, seja em termos científicos, seja em termos pedagógicos, seja a outro nível, na comunicação, imagem do próprio centro. Como disse se estivermos ligados no passado, estamos ligados no presente e para mim não fará o mínimo sentido que não continuaremos a estar ligados no futuro.

**- Como acha que se poderia articular o processo de ensino-aprendizagem com os conteúdos abordados no CMEM?**

Uma vez mais, ainda que o público-alvo da escola profissional seja um pouco mais velhos, mas eu acho não deixa de ser importante o contacto com o passado perceber no fundo as origens para criar bases para construir o futuro. Por um lado recolher o que o centro tem e perceber o seu passado como também e numa outra vertente por os próprios alunos, e dada a natureza da formação que nós temos, por os próprios alunos a construir conteúdos para o centro, no fundo o que poderá surgir é , face às necessidades do centro que os alunos, eles próprios produzirem conteúdos e materiais para o próprio centro. Por um lado, estão a aprender e por outro aplicar conteúdos que aprendem e no final o centro de memória obtém produtos que necessita, julgo que nessa perspetiva toda gente fica a ganhar com isto, os alunos, a escola e o centro.

**- Em que medida os cursos da Escola profissional poderiam ser um apoio para o CMEM, e vice-versa?**

Nós temos várias ofertas, mais ou menos diferentes entre si, mas a escola tem alguma tradição na área da imagem, fotografia, também na área da informática. Em todos os aspetos que pudessem a nossa componente técnica da formação ser útil ao centro julgo que atrás temos muitos pontos de contacto, na vertente da imagem desde por exemplo tratamento de digitalização de fotografias antigas, que provavelmente poderão não estar digitalizadas e poderá haver interesse em haver um arquivo digital, a recolha e tratamento dessas imagens pode ser feita por alunos nossos da área da fotografia ou eventualmente da área da multimédia, produção e tratamento de vídeos que haja que esteja no suporte da vhs e lembro assim no imediato da questão da telescola dos anos 80 mais coisa menos coisa, provavelmente o suporte que existe é de vhs e poderemos também colaborar no sentido de converter para digital essa informação, até porque se há um problema com uma cassete ficaremos sempre com um backup que poderá ser utilizado, ao nível da informática se necessitarem de bases de dados ou de qualquer outra informação teremos

outras valências noutras áreas que poderão no fundo vir a contribuir para conteúdos, para o trabalho do centro e também enriquecer a formação dos nossos alunos porque estão a aplicar conhecimentos e aplicam de uma forma absolutamente útil e para estar disponível para a comunidade.

**- Que outros cursos poderia oferecer a Escola Profissional que fossem uma mais valia para o desenvolvimento da região? (nomeadamente o turismo)**

Coloca-me uma questão difícil, porque nesta fase as ofertas que as escolas podem proporcionar estão dependentes, estarão sempre dependentes na dinâmica de oferta e procura ligadas ao mercado de trabalho. Mas nesta fase do incompleto, nós só podemos fazer ofertas que caibam dentro de um leque de ofertas que é definido por um organismo estatal que é ANQEP (agência nacional de qualificações para o ensino profissional) que define quais os cursos que áreas metropolitanas ou comunidade intermunicipal pode oferecer, e por isso no fundo nós não podemos abrir livremente o que queremos mas sim estar um pouco condicionado a esse leque de ofertas, nesse sentido os novos cursos que poderíamos oferecer que poderiam ser vocacionados para esta área imaginemos Museologia e património por exemplo é um curso que nesta altura não está previsto nesta área, mas poderia ser uma oferta que eventualmente pudesse ter interesse para o centro. E outra área que poderia, e essa sim ainda está aberta, até pelo facto de ser uma área em crescimento no país é a área do turismo e complementarmente perceber o centro com um Pólo de atração que pode servir para dinamizar uma atividade turística, essa é uma área em que podemos abrir formação porque está prevista. Outras dependerão um pouco da dinâmica, sendo que a escola estará sempre atenta ao mundo do mercado de trabalho, à perspetiva a montante porque temos que ter em consideração as expectativas e os gostos dos alunos porque dependemos da existência de alunos para ter financiamento e como digo não deixaremos de estar atentos ao equilíbrio ao melhor equilíbrio possível entre a perspetiva a jusante e a montante e considerar também a existência do centro de memória como um elemento importante no território que poderá potenciar e ser potenciado por ofertas da nossa parte.

**- De que modo é que a formação que a escola hoje oferece pode capacitar os seus alunos para o desenvolvimento turístico da região?**

A atual oferta poderá ajudar se não diretamente, indiretamente. Podemos ajudar a produzir material de suporte promocional quer para o município quer para várias unidades turísticas que existam e outras valências que existam na comunidade quer sejam elas



privadas ou públicas podemos produzir materiais que ajudem a vender e esse poderá ser o contributo que poderemos dar e tem sido feito. Na área cultural continuar a fazer as atividades que temos vindo a desenvolver ao longo dos anos e criar eventos que por si sirvam de mote para que as pessoas venham a Murça

**- Por fim, gostaríamos de saber que perspetivas tem de uma possível parceria entre o AVEM/Escola Profissional e o CMEM.**

### **Transcrição da entrevista ao Diretor do AVEM**

#### **I - Escola como promotora do desenvolvimento cultural e turístico**

**- De que modo acha que a escola e a educação influenciou ou influencia a promoção cultural e o desenvolvimento cultural de Murça?**

Eu penso que no concelho como Murça com as características que ele tem, a educação e a escola são espaços de intervenção decisivos de incremento cultural e também para garantir essa vertente de intervenção que as pessoas possam ter na sua vida pessoal e na vida institucional do concelho. As instituições e a vida coletiva, hoje, sai às vezes um pouco esmorecida, não é, o registo do individualismo, que nós ou muitos de nós vão tendo, mas a educação e a cultura tende pela sua intervenção a perdurar esse panorama, não é e contribuir para que o concelho seja mais rico, mais dinâmico.

**- Como vê, e que contributos é que a escola e a educação já deram para o desenvolvimento da região?**

Olhe, desde logo pela...por, por muitas vezes... atividades muito simples, mas que acabam por ter um grande impacto na vida do concelho. Toda a atividade educativa é uma atividade de intervenção de natureza social quando nós intervimos nos alunos, quando nós intervimos nos encarregados de educação, quando chamamos os alunos, quando chamamos os encarregados de educação, quando temos reuniões para tratar os mais diversos assuntos estamos a intervir socialmente. Por outro lado há projetos que são desenvolvidos claramente com essa dimensão...ahhm... o nosso ciclo de cinema “tá” pensado para a comunidade concelhia educativa, a escolar, mas também, a comunidade mais alargada, por isso trabalhamos em parcerias com a Santa Casa da Misericórdia, “ahhm”, com a própria Câmara Municipal e atingimos várias centenas de pessoas nessa atividade que já vai na 8ª realização, “ahhm” temos a orquestra energia que tem um grande impacto na vida cultural e no dinamismo do concelho tendo em atenção que fazemos cerca de 14 atuações por ano e nessas 14 atuações atingimos milhares de pessoas, o ano

passado atingimos duas mil e quinhentas pessoas nos diversos concertos que desenvolvemos e podia citar outros exemplos mas nós intervimos muito nessa vertente, os nossos alunos por exemplo vão muitas vezes interagir com os mais velhos, com a população sénior criando ou desenvolvendo autêntico diálogo intergeracional, vamos ler, os nossos alunos vão muitas vezes ler para as pessoas mais velhas nos lares da Santa Casa da Misericórdia, citei-lhe aqui três ou quatro exemplos mas podia citar outros, mas são exemplos.

## **II – Relação Escola/CMEM**

### **- O que esperaria de uma instituição cultural como o Centro de Memória da Educação? Qual é que devia ser a relação com as escolas e o CMEM?**

Olhe eu acho que usou a palavra certa, “relação” as entidades, as instituições e as organizações devem ter vida própria mas uma das componentes dessa vida é a relação, “ahh” não tem sentido que haja mais uma entidade que vive isoladamente, portanto num concelho como Murça que de alguma forma acaba por ser um concelho com algumas características menos positivas em termos da sua vida económica, da sua vida cultural, tem todo o sentido que as organizações se relacionem e assim potenciem a sua intervenção, caso contrário tendem a perder mais do que a ganhar. No caso do Centro de Memória, eu sendo uma pessoa da área ciências sociais e humanas, e pela minha intervenção eu sempre privilegiei muito a memória porque eu sempre associei a memória também a uma virtude que é a virtude da gratidão, ou seja, se eu cheguei aqui se estive neste presente, eu cheguei cá não só por ação própria, ou seja tudo aquilo que eu sou e aquilo que eu faço resulta de um conjunto vasto de pessoas que viviam antes de mim e que de alguma forma me permitiu chegar aqui. Isto funciona assim no meu entender em relação às pessoas individuais, mas também às organizações, e o que eu espero do Centro de Memória é que nos esclareça quanto àquilo que foi a escola, ao caminho que a escola percorreu, porque se fizer isso nós vamos entender melhor a escola de hoje.

### **- Como acha que se poderia articular o processo de ensino-aprendizagem com os conteúdos abordados no CMEM?**

De várias maneiras, eu acho que é muito importante que os nossos alunos venham aqui, venham aqui com frequência, eu penso que até era interessante que algumas aulas de algumas disciplinas pudessem ser dadas aqui , porque às vezes há também uma desvalorização do que temos, porque não lhe atribuímos de facto, nem temos a noção do

valor que as coisas têm, noutros tempos andar na escola era uma atividade em que o aluno andava muito mais desprotegido, havia muito menos recursos, havia muito menos possibilidades, muito menos contacto com outras valências com outras realidades. Quando o aluno vem aqui, e vê este espaço, vê esta sala e vê como se faziam [minuto 7] noutros tempos, eu acho que tende ou que tenderá a valorizar mais o que hoje tem, todas as potencialidades e possibilidades que hoje tem que não havia no passado, acho que o centro deve ser muito vivo, não deve abrir ao fim-de-semana, não deve abrir para turistas, mas deve ser um espaço potenciado para a que a aprendizagem de hoje também possa ser feita, mas ser feita aqui, não na sala de aula normal.

**- De que modo é que a formação que a escola oferece pode capacitar os seus alunos para o desenvolvimento turístico da região?**

Desejavelmente deveria fazê-lo se calhar de uma forma um pouco mais todo o processo de aprendizagem, todo o processo de formação deve ser muito contextualizado, nós temos programas, temos currículos nacionais, são um pouco iguais para todos, para todos os concelhos e para todos os alunos, cabe a cada organização, a cada agrupamento e neste caso também ao centro de memória tentar adequar um bocadinho a formação ao contexto dos alunos de Murça, e portanto eu acho que isso é decisivo, nós temos que descer e que descer à nossa realidade e perceber que os nossos alunos não são uns alunos quaisquer são uns alunos iguais a outros alunos e com base nesse princípio de realismo trabalhar com eles e perspetivar um plano de ação contextualizar e se for assim é mais rigoroso com certeza.

**- Por fim, gostaríamos de saber que perspetivas tem de uma possível parceria entre o ADEM e o CMEM.**

O agrupamento de escolas está completamente disponível para fazer essa parceria, estamos a analisar o protocolo que vocês nos fizeram chegar e vamos com certeza chegar à fase de o assinar para que esta relação seja uma relação viva muito dinâmica e que sirva ambas as partes, e se for assim terá sucesso necessariamente.

Transcrição da Entrevista ao Vice-Presidente da Câmara Municipal de Murça, Dr. António Marques

**Questões:**

**I – Desenvolvimento turístico**

**- Sabemos que o turismo em Murça está incipiente e que este problema é uma preocupação do novo executivo. Poderá explicar quais as principais linhas de intervenção/ plano estratégico pensadas para esta área?**

Muito bem, incipiente digamos que está de alguma forma por trabalhar será a melhor expressão para definir aquilo que se passa neste sector, nós temos efetivamente o sector para organizar. E começa precisamente por aí que é a parte organizativa da oferta, portanto há uma série de recursos que o município tem e quando falo de recursos, falo de recursos naturais, patrimoniais, gastronomia, identidade, tradição, não nos esquecendo nós que estamos num concelho histórico, portanto há aqui uma carga, uma herança que é uma herança muito forte e muito importante. Mas falo também daquela oferta que tem a ver com os agentes locais que prestam serviços neste âmbito, o alojamento, a restauração, as empresas, portanto é preciso organizar este conjunto todo para que possamos segmentar corretamente aquilo que é necessário segmentar para fazer uma oferta correta. Nós temos que perceber efetivamente em que é que poderemos ser distintivos e portanto, pegar nesses termos mais identitários e direcioná-los para os públicos que queremos atingir e isso só é possível fazer se conseguirmos organizar tudo e se percebermos o que o mercado está disposto a consumir e a pagar por isso.

**- Que instituições de turismo existem na região? De quem dependem? Que áreas culturais que abrangem? (ex: eco-turismo, agro-culturais, agro-alimentar, arte religiosa, arte popular)]**

Organizações, à partida temos sempre o município que tem aqui uma obrigação nesta área, e depois temos organizações do ponto de vista regional que tem algumas delegações aqui nestas proximidades, como é o “PortoeNorte” que está também com uma forte ligação aos municípios, temos também a “Comunidade Intermunicipal do Douro” que tem também apoio a este nível, aos municípios e também aos privados naquilo que são possibilidades, candidaturas, financiamentos para projetos para ações neste âmbito. Agora concretamente, no município, uma organização que seja ela não pública não existe, ou seja também há esta carência de uma organização que poderia ser comercial ou comerciantes que é assim que se costuma designar que pudesse de alguma forma trabalhar estes agentes locais mais direcionados para o turismo mas ainda não acontece, esperamos no futuro com esta nossa potenciação no turismo e que os efeitos possam fazer sentido e por essa via que as pessoas percebam que vale a pena estar a melhor organizadas para tirar mais ganho daquilo que é um sector importante.

### **O que oferecem /que serviços prestam?**

Os serviços que são mais orientados para os sectores para o turismo acabam por ser prestados mais pelo município que temos que ter obrigação de saber aquilo que são as oportunidades que efetivamente são criadas pelas instâncias nacionais e até europeias que financiam ações para o turismo, portanto nós temos essa obrigação de as conhecer e de as colocar à disponibilidade das entidades privadas ou público-privadas que queiram de alguma forma aceder a elas. Como dizia, não havendo aqui uma organização pelo sector privado essa informação tem que obrigatoriamente ser mais trabalhada por nós.

### **II – Importância do CMEM**

#### **- O CMEM pode interessar e incluir-se nas diferentes instituições existentes?**

**Se sim, como?**

O centro de memória e deixe-me só aqui fazer um parêntesis. O centro de memória é efetivamente importante não só por esta questão. Há aqui uma questão de identidade local que é preservada precisamente por este projeto e por esta vontade de ter um espaço vocacionado e que não seja só um espaço físico puro e duro, mas que seja um espaço de interatividade e que consiga passar este legado que tem muito a ver com a memória escolar. Agora ele pode e deve estar disponível para integrar estas organizações ou esta organização de potenciadores do sector turístico, portanto pode oferecer efetivamente um produto que é distintivo e que pode de alguma forma complementar outros produtos que nós temos no concelho de Murça e quem nos visita quer efetivamente diversidade portanto e pode ajudar a complementar não só no Concelho de Murça, como também na região e essa capacidade de também nos colocarmos disponíveis para integrar redes intermunicipais é uma obrigação e uma necessidade. Não podemos estar aqui só a trabalhar o turismo do ponto de vista municipal porque senão isto esgota-se rapidamente e esgota-se porquê? Não é que falem motivos de interesse, mas efetivamente quem nos visita e quem quer fazer turismo quer conhecer uma região e portanto nós fazemos parte desta região e tentaremos obviamente, com ações bem direcionadas, bem organizadas, fixar o turista o maior tempo possível que essa é uma das dificuldades que esta região tem que é fixar o turista, obrigar (passo a expressão) à pernoita. E obrigar como? Oferecendo momentos interessantes, oferecendo diversidade, oferecendo experiências que tanto se fala sobre experiências, portanto momentos marcantes e é isso que nós estamos a preparar de alguma forma com o plano municipal vamos procurar envolver os agentes locais para que a partilhem connosco e para que sejam orientadores para todos.

**- Que valências pode ter o centro de memória de modo a que se possa compensar as faltas da região?**

Em primeiro lugar tem que ser visitável, nós temos muitos espaços recuperados pela região toda, em que se investiram capitais públicos e eles depois não estão visitáveis. Em primeiro lugar estar de portas abertas, isto é importante que quem nos visita não esteja condicionado a horários rígidos de acordo com a vontade local mas que seja de acordo com aquilo que são os interesses turísticos, essa é a primeira questão. A segunda questão deve também envolver-se com a comunidade para que ela possa ser também uma defensora, possa ser um veículo de comunicação para o exterior daquilo que é a capacidade deste Centro de memória poderá ter para o visitante. E depois tem que ser interativo, nós temos de ter aqui ferramentas, e isto fala-se tanto em inovação e em multimédia e nós também temos que ter aqui essa capacidade de interagir com os públicos mais virados para esse tipo de utilização, há que haver aqui uma complementaridade daquilo que é a memória, daquilo que é o espaço físico, daquilo que são os materiais físicos e daquilo que são os conteúdos inovadores que consigam passar a mensagem e que a consigam difundir por esta rede infinita que são as redes sociais e a internet.

**- Como veem o desenvolvimento cultural da região relacionado com o CMEM?**

A região tem vindo a ganhar aqui algumas capacidades que não tinha, ou seja, estamos a ter mais dinâmicas culturais, estamos a ter mais oferta cultural e o Centro de Memória será uma oportunidade diferenciadora. Na região não há assim tantos espaços como este, e, portanto, ele pode complementar muitíssimo bem. Agora, nós temos é que perceber como podemos integrar essa rede na oferta cultural. Nós temos que perceber quem são as entidades que de alguma forma trabalham este tipo de oferta e se as entidades estão também disponíveis para perceber juntamente connosco como é que podemos colocar isto com uma proximidade maior ao turista, colocando isto no pacote turístico cultural que a região esteja disponível para oferecer. E o centro de memória, não tenho dúvidas nenhuma pode fazer essa diferença por ser um produto singular.

### **III – Educação patrimonial**

**- A escola influenciou ou não o desenvolvimento da região?**

Obviamente que sim, aliás, a escola potencia uma série de capacidades, não digo que seja o elemento mais importante de toda a estrutura potenciadora e criativa mas é efetivamente muito importante. Portanto, esta escola, que é uma escola com um património edificado muito interessante e daqui saíram ilustres pessoas também para o país e para o mundo, e dessa forma também se pode apelar a este conhecimento porque efetivamente saíram daqui pessoas que fizeram história e ainda fazem história por este país fora e por este mundo fora. Efetivamente a escola como área importante, e este espaço em concreto tem aqui uma raiz muito profunda. E é esta identidade, e esta capacidade de fazermos transmitir para fora aquilo que são as nossas memórias e a identidade local pode efetivamente fazer a diferença.

**- Como é que se perspetiva a educação para o desenvolvimento da região?**

A educação é um sector que jamais em tempo algum pode ser descurado daquilo que é uma estratégia global – digo global digo municipal – portanto a nossa proximidade com as instituições de ensino tem de ser diária, tem que ser a toda a hora porque nós temos que perceber o que temos que fazer para que o ensino seja cada vez mais competente, seja cada vez mais apelativo, e seja cada vez mais conhecedor daquilo que são as realidades. Com isto quero dizer o quê? Nós deveremos ter uma oferta formativa que vá de encontro à necessidade da região. E temos que ter em conta que nas escolas se gera muito conhecimento e esse conhecimento tem que estar disponível para fora, tem que estar disponível para a comunidade e tem que estar disponível para as empresas e para as outras organizações e associações, tem que tirar proveito disto. Portanto, se tivermos um projeto bem estruturado com as entidades de ensino, não tenho dúvidas nenhuma que estamos a contribuir para a riqueza local, regional e até nacional.

**- A comunidade e o poder local têm mostrado interesse e incentivado a que seja integrado como aposta pedagógica o património cultural da região?**

Sim, efetivamente o património cultural, aliás, eu penso que não haverá nenhuma estratégia que não passe por aqui. Se calhar repito-me algumas vezes sobre este aspeto, mas isto é de facto importante, nós quando falamos em património, falamos de identidade, falamos de diferenciação, falamos daquilo que nos distingue dos outros, portanto esse é um aspeto que não pode ser descurado nem descuidado, qualquer estratégia tem que ser estruturada fortemente portanto se queremos nos sobressair entre os demais tem que haver aspetos que nos distingam obviamente.

**Pensa que o património cultural da região devia ser um tema a se incluir no currículo escolar?**

Não só penso como defendo isso, aproveito para lhe dizer que em discussões em alguns espaços relacionados com esta estrutura e daquilo que é o ensino, deveria ser incluído porque não se consegue ter presente sem passado nem futuro sem presente, portanto esta questão da memória, esta questão da cultura, dos aspetos culturais de cada espaço, de cada território devem ser transmitidos desde cedo. Eu não posso defender aquilo que não conheço, não posso valorizar aquilo que não me é transmitido portanto se eu for conhecedor, serei um defensor acérrimo daquilo que é a identidade cultural do meu território da minha região e do meu país.

**- Por último, que impacto pensa que este património tem na comunidade escolar, na sua relação com o contexto local, no enriquecimento da sua identidade cultural?**

Eu regresso ao ponto de partida de quando começamos esta entrevista, este espaço muito forte, de memórias, de muita informação histórica que deve perfeitamente passar para a comunidade, para a comunidade escolar mas não só, quando falo de comunidade falo de um todo, e a comunidade escolar tem esta capacidade através dos seus alunos, dos seus professores passar todo este manancial que é a nossa carga genética local, passar para a comunidade e a comunidade será tanto mais defensora, será tanto mais valorizadora deste património quanto mais estiver imbuído dele e quanto mais partilhar e participar nele.

**Muito Obrigada!**

### **Transcrição da Entrevista à Professora Isabel**

#### **Origem e etapas do projeto CMEM**

**Pode contar-nos como surgiu a ideia de recolher as “memórias da escola de antigamente”?**

Isso é uma história muito longa, então é assim, vamo-nos situar no tempo foi no decorrer no ano letivo 2003/2004. Eu dava aulas aqui ao lado, no Sobredo, numa escola pequenina, onde estava com duas colegas, sendo que foi no meu último ano de trabalho, já não estava com turma, mas tinha trabalho à minha volta. Ora, foi então que logo no início do ano fomos questionadas, a escola foi questionada no sentido de recolher ideias



para a construção do projeto educativo. Nós estávamos num tempo de transição, portanto havia escolas aqui, havia escolas em todas as aldeias do concelho, escolas com mais alunos e menos alunos, muito poucos, havia escolas com um, dois alunos e isso não podia acontecer. E acontece que, já estava perspectivada a construção de um novo espaço, demorou algum tempo, para que os alunos pudessem vir das suas aldeias para a sede do concelho. E então, surgiu uma ideia de uma professora dessa escola, que por sua vez, já tinha lá alguns objetos de reserva da escola de outros tempos, e nós olhando à volta percebemos, o que é vai acontecer daqui para a frente? As escolas vão ser fechadas, o que é que se vai fazer a mobiliário, materiais, documentos, enfim. Foi então por aí que perspectivamos desafiar toda a comunidade educativa. Portanto, foi assim baseado no ensinamento do Fernando Pessoa “Deus quer, o Homem sonha e a obra nasce” que este projeto desabrochou. Foi levado ao concelho pedagógico e foi duplamente aprovado, e quem é que englobava este projeto? Jardins-de-infância, escolas do 1º ciclo e EBM's que era o ensino básico mediatizado, que era a antiga telescola, portanto foi assim a primeira pedra lançada.

### **Quem foram as promotoras?**

Obviamente que as promotoras do projeto, à partida fui eu e depois, a ideia foi muito bem acolhida pelo concelho pedagógico, e lá está nós fomos sonhando com a realidade que foi construída passo a passo e muito bem pensada, muito bem acolhida, foi um ano em cheio, um ano de trabalho em cheio de envolvimento não só das escolas mas também pela própria comunidade porque todo este processo passou pelas escolas e pelas famílias. Não sei se posso dizer já, se é altura, uma das primeiras etapas, nós sabíamos que havia muito material por lá, criámos linhas de orientação que eu tenho esses documentos todos, tenho um dossier com todos esses documentos, era necessário que cada escola fizesse todo o seu inventário de todo o material que tinha, mobiliário, materiais escolares, documentos, enfim e que ao mesmo tempo criasse também o seu bilhete de identidade com tudo à sua volta, espaço físico, tradições. Este foi um trabalho muito enriquecedor, muito enriquecedor, criamos pontos de tempos, até ao 1º período seria uma etapa, depois no 2º período outra, no 3º período outra, e depois de tudo isso terminaria com uma exposição, uma exposição que foi conseguida. Foi criado à partida, um grupo de professores voluntários para trabalhar, porque havia vários professores no concelho sem turma, era eu, era a professora Noémia, a professora Conceição Domingues,

a Regina (a educadora que esteve aqui), a professora Maria João que era a professora do concelho executivo que estava no 1º ciclo, na altura o vereador da educação o professor José Maria Costa, e pronto fomos ao longo... Fizemos muitas reuniões, nós corremos o concelho à busca de todo o material, a autarquia abriu mãos a este projeto e tudo o que foi, pronto que estava no seu lado apoio-nos, o agrupamento, a escola profissional, enfim. E depois, quando foi da exposição, a própria comunidade, instituições, e pessoas da comunidade acolheram de muito bom grado este projeto.

**E para além da Câmara Municipal e das Escolas, que outros apoios é que tiveram?**

Olhe, apoios tivemos realmente os apoios da câmara, da Escola profissional, ainda se encontram aí painéis fazem fotocópias imensas para nós expormos com visibilidade, foi a escola Profissional, hoje já o custo não é tão elevado mas nessa altura...

Pedimos apoio ao governador civil, mas não estavam na linha deles esses apoios, também tivemos da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro não apoios monetários mas tivemos um professor que no final, só no final nos ajudou na montagem da exposição.

**Que relação mantiveram com as/os professores do concelho?**

Os professores responderam às solicitações prestadas, como já sabem, temos esses dossiers connosco que na altura que a exposição foi montada, a primeira imagem que se vê é realmente esses dossiers que tinham sido fruto do trabalho desenvolvido ao longo daquele ano letivo com muito empenho e dedicação.

**Poderia explicar-nos as diferentes etapas pelas quais esse projeto passou? (mudanças de espaço, movimentações dos objetos...)**

Pois, mas talvez antes eu era capaz de acrescentar aí, o grupo de professores voluntários também não quis ficar só aqui ele pretendeu saber de outras experiências. Portanto, recordo-me que visitámos uma exposição que estava na UTAD ligada ao mundo da criança que foi de muito interesse para nós, visitámos o Museu do Douro, e por sua vez também visitámos o Museu Escolar de Marrazes, do qual tivemos sempre uma receptividade imensa em colaborar connosco. A diretora do Museu de Marrazes quando foi da inauguração exposição deslocou-se aqui a Murça, ao mesmo tempo quando foi desta nossa atividade – já tem alguma idade, tem por volta de 80anos – e a senhora, estava muito frio como vocês sabem, «Isabel, eu ia mas o tempo e tal...» Professora Fátima,

então dadas essas circunstâncias, sempre que haja qualquer coisa nós solicitaremos, se for possível muito bem, se não for já sabe que é sempre lembrada.

**Poderia explicar-nos as diferentes etapas pelas quais esse projeto passou? (mudanças de espaço, movimentações dos objetos, a exposição de 2004 e como chegou até aqui)**

A exposição de 2004, a autarquia cedeu-nos a Biblioteca (que vocês conhecem) ainda não estava aberta ao público, tinha sido construída e ainda não tinha aberto. A autarquia disponibilizou-nos aquele espaço, aquela sala imensa cheia de luz natural, foi aí que o tal Professor José Bianco de Avilhar nos adiantou nessa montagem, ainda o contactei mais tarde, mas ele vive em Lisboa e é mais difícil. Portanto estive lá naquele espaço, foi inaugurada a 28 de junho de 2004 foi muito bem-vinda, foi muito bem evocada, tiveram muitas pessoas nesse ato, não vou descer a pormenores, chamamos as pessoas, todos os professores que estavam aposentados tivemos o cuidado de os contactar, de colaborar connosco, inclusivamente auxiliares de educação dos meus tempos de criança também estiveram presentes, enfim. Essa exposição foi inaugura a junho de 2004 a 28, depois estive patente, estive ali durante um ano aberto ao público e quem a orientava nas férias e tudo, havia um plano com uma escala de professores e com uma ou outra pessoa da comunidade estive diariamente e à noite porque, e sobretudo na época de verão aquele espaço à volta da biblioteca era muito movimentado, nessa altura até havia mais pessoas por aqui, e as pessoas iam lá à noite. nós temos imensos depoimentos dessas pessoas que lá passaram e isso é uma prova que não me deixa desmorecer deste trabalho. Ora estive cerca de um ano, mas como vos disse no início os alunos que havia nas escolas tinham que vir para Murça, O centro escolar ainda não tinha sido construído, ora nessa altura da inauguração o Senhor Presidente da Câmara da época mediante o depoimento tido e do trabalho apresentado, e as pessoas à sua volta consideraram ser de interesse. Aliás nós tivemos também alguns oradores que frisaram isso, da continuidade da exposição, e, portanto, ele a seu tempo, quando fosse possível, uniria esforços para conseguir um espaço e esse espaço, eventualmente, até seria por aqui. Mas acontece que o centro escolar ainda não estava construído e as crianças tiveram que vir para aqui no concelho, estavam aqui nesta sala, naquela, estavam por aqui distribuídos. Como em primeiro lugar estão as pessoas, nós achámos que realmente em primeiro lugar estão as pessoas. Fomos para a Escola EB1 de Jou aqui próxima, ainda lá estivemos cerca 2 anos e com atividades direcionadas às crianças, de todas as crianças do 1º ciclo passaram por lá para conhecerem com pormenores, a cantina, o espaço da cantina, o espaço da sala de

outros tempos, o espaço dos brinquedos e da telescola e por aí em diante. Foi durante um ano que houve lá atividades, passava-se lá o dia, almoçávamos lá, a comida ia nas marmitas e todos comíamos lá e foi uma forma de aprendizagem também há documentos de tudo isso. Ora, o tempo ia passando nós não tínhamos espaço, mas também consideramos que a exposição e com todo o respeito pelas aldeias, a exposição devia estar aqui no centro, na vila. E então, a exposição veio para uma das casas deste edifício porque isto também precisava de obras. E tudo tem um tempo, e o tempo foi realmente demasiado. E o que nós fizemos quando ela veio aí para uma das casas? Tínhamos tudo em miniatura, tínhamos também os espaços em miniatura. A sala dos outros tempos que era lá no alto, o espaço da D. Marquinhos. Tínhamos aquela perceção com alguns objetos de interesse e o resto estava encaixotado. Mas isto realmente não era atividade para a exposição, e ao mesmo tempo eu andei sempre à volta disto porque agarrei isto como uma criança eu tinha esta responsabilidade porque os materiais das outras escolas tinha, tudo isso, mas tinha uma responsabilidade acrescida que era relativa ao espaço da D. Marquinhos, uma senhora que noutros tempos ensinou as primeiras letras à maioria das pessoas de Murça. Para vocês saberem, eu tenho a idade que tenho, mas o meu pai também andou e aprendeu as primeiras letras com essa senhora e muita gente de Murça. Depois houve outras pessoas também de muito valor nesse mesmo âmbito, mas essa senhora foi a que estive mais tempo. O tempo foi passando, os alunos já estavam no Centro Escolar, nós ainda não tínhamos espaço definitivo porque a nossa preocupação era preservar os materiais e tê-los em boas condições, protegidos para o frio e para o calor ao mesmo tempo, com certeza era muito ambicioso, mas tínhamos muito respeito por tudo isto. Neste espaço, o tempo em que a exposição esteve ali foi de certo modo vandalizado foi triste, muito triste depararmo-nos com isto. **E em que ano foi Professora?** Veio para aqui em 2007, 2009...não sei, ora depois em 2013 é que tivemos definitivamente este espaço...Mas quando isto foi vandalizado tive o cuidado de chamar a autarquia, o diretor do agrupamento também esteve aqui porque iam ser feitas as obras, penso que foi no ano de 2013 que estas obras aconteceram, nós fomos deparados com as coisas, com o vandalismo que houve e apercebemo-nos à primeira vista que houve objetos que deixamos de os ver. As obras foram feitas logo a seguir, e eu assim de um dia para o outro, eu e outra colega tivemos que encaixotar tudo e foram então os materiais e móveis para os fundos do Centro Escolar e para uma ala do pavilhão Municipal de desporto foram sempre assim idas e vindas. E depois as obras foram feitas, e acho que foi em 2013 que foi inaugurado o espaço cedido, chamaram, a autarquia chamou-me, a mim, à professora

Edite, à Professora Conceição para dinamizarmos isto e para pormos de pé este espaço. Nessa altura foi-nos cedido todo o edifício depois houve mudança de executivo e pronto, estávamos todas entusiasmadas, continuando a querer sonhar com tudo isto quando nos demos parte que uma das casas estava ocupada e isso foi um ponto que nos emperrou de certo modo e que nos causou muita preocupação, entretanto também nos tínhamos dado por conta que os móveis precisavam de um arranjo isto sem crer descaracterizá-los, tudo muito natural o que durou imenso tempo porque a pessoa que fazia isto era uma pessoa que fazia nos seus tempos livres esses trabalhos e demorou imenso tempo, não é. Uma coisa que eu me esqueci de referir relativamente a tudo o que já disse, foi que esta exposição foi visitada por largas centenas de pessoas, não só locais, como regionais, nacionais e mesmo até aqui da vizinha espana. Portanto nesse âmbito já quando a exposição estava na biblioteca um grupo de alunos da vossa faculdade um grupo não vários grupos de alunos da vossa faculdade veio aqui visitar acompanhados pela professora Margarida que desde essa ocasião foi uma pessoa que na sua área e neste área que estamos a desenvolver nos abriu caminhos e foi para nós uma segurança neste âmbito porque uma coisa é palmearmos o caminho com alguém que nos orienta e outra coisa é caminharmos sozinhos, todos os caminhos têm valor mas pronto realmente o grande objetivo era a criação de um espaço museológico, o objetivo principal já nessa altura, conforme documentos que eu tenho, perspectivávamos era isso. Recordo-me que nessa altura, que a exposição esteve na biblioteca foi notícia na página, num jornal de muito interesse que era a Página da Educação, a nossa exposição foi aí referida. E depois também me recordo que um grupo de professores, um elevado grupo de professores porque em julho tinha sido o Congresso do Movimento da Escola Moderna em Vila Real e vieram aqui muitíssimos professores, não só de ordem nacional como também internacional. Mais tarde também visitada por visitada por professores da nossa vizinha Espanha, da Galiza da Universidade da Galiza. Inclusivamente até me foi pedido, na altura, um escrito sobre isto, mas não consegui, por questões de ordem pessoal não consegui dar resposta, mas pronto eu espero registar, além dos registos que tenho espero registar muitos outros.

**Que instituições, associações ou indivíduos estiveram envolvidas nessas etapas? Como se estabeleceu a relação entre elas?**

Em todas as etapas, a Câmara Municipal foi sempre o principal, portanto a Câmara Municipal, o Agrupamento de Escolas, a Escola Profissional e a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e depois também tivemos na comunidade, comércio que

ajudaram, colaboraram com isto ou aquilo. Não tivemos, de resto não tivemos assim mais apoio. Acho que não, a minha intenção é não esquecer nada. É por isso que queria os dossiers.

**Não tem mal Professora.**

**Então como é que se passou da ideia da exposição para criar o centro de memória da educação de Murça?**

Da exposição, portanto, aquilo realmente da exposição teve o nome “Uma Viagem no Tempo”, depois o espaço foi aqui a autarquia lá reuniu meios para que isto fosse direcionado para o núcleo da memória escolar, mas o caminho faz-se caminhando. Nós vamos aprofundando os nossos saberes, os nossos interesses e, portanto ano passado refletimos mais nesta questão com a vossa vinda para aqui, também foi, a vossa vinda para aqui foi uma lufada de ar fresco que chegou aqui ao centro a todos os níveis mas passamos-lhe a chamar centro de memória da educação de Murça porque ao longo deste tempo, falando com outras instituições, as instituições praticamente seriam as mesmas, mas reunindo e procurando aqui no nosso meio, na vila de Murça, portanto trabalhar com a prata da casa pensamos também não só, para além de incentivar as pessoas da comunidade porque isto é um projeto de todos e para todos. Nós tivemos há um tempo atrás, na altura em que estava a ser criada aí universidade sénior e tivemos até um grupo que veio ter connosco para terem aqui atividades, mas nós na altura não cedemos. Achamos maravilhosa a ideia, no entanto não queríamos abrir as portas sem ter tudo pronto, como devia ser. Também tínhamos um projeto com a faculdade de psicologia e ciências da educação da universidade do Porto na pessoa da professora Margarida que nos estava a orientar e nós queríamos ter o tempo para arrumar a casa e depois abrir portas a todos. Claro que não podemos fazer aqui uma redoma de vidro, fechada temos um projeto de todos e para todos.

**Na sua opinião que tipo de ofertas e valências poderá integrar o centro de memória?**

O centro de memória terá valências diversas, não só, portanto como dizer, um centro aberto às memórias das pessoas, um centro aberto de tal modo que seja um espaço de formação e informação na construção do futuro. Pode ter várias vertentes a nível da investigação, pesquisa, da preservação. Um povo que não preserva as suas memórias não está a dar-lhe uma verdadeira direção do futuro que se pretende construir de acordo com as épocas que temos. Sabemos que o futuro tem que ser visto à luz dos tempos, mas que

os tempos que foram passados ajudem na transformação do presente, portanto nós atualmente temos outras responsabilidades. Um povo elucidado está mais, está melhor preparado para se posicionar com o presente e com o futuro. Inclusivamente não só a níveis locais, como regionais, como até mesmo nacionais e aliar tudo isto a este centro de memória toda a envolvimento desta comunidade na sua cultura, nas suas tradições, como é que hei de dizer no património rural, no turismo, na gastronomia, por aí adiante. Essas questões todas que na nossa pequenez poderemos engrandecer todos quantos por aqui passam. Este local pode ser um ponto de passagem obrigatório da vila de Murça.

**A quem é que se dirige prioritariamente? O público-alvo!**

O público-alvo? Prioritariamente? Bem, eu aqui não faço distinções de pessoas, não faço. Acho que não deve haver distinções de pessoas! Acho que desde os mais novos, jovens, até aos mais velhos, toda a gente lugar, isto é como que seja um puzzle onde todos se encaixam. Só que é preciso ter realmente, como foi sempre minha intenção, ter uma supervisão de alguém que nos ajude a caminhar e vamos e conseguimos, acho que conseguimos. Conseguimos.

**Que papel poderá exercer no contexto sociocultural e económico da região?**

Acho que pode ser uma mais-valia, uma mais-valia não só a nível pessoal, mas também do próprio, da rentabilização dos vários produtos que nós temos aqui na nossa terra. O vinho, o azeite, doces conventuais, enfim há tanta coisas bonitas que se podiam fazer, portanto envolvendo as crianças, as famílias e a comunidade de uma maneira geral. Temos ocasião de ontem conversar, aqui, com aquele senhor de oitenta e oito anos viram o rasgo que ele nos dissesse, que nos mostrou e certamente que poderíamos criar aqui um espaço de encontro de gentes, de gentes da nossa terra e à volta.

**E que tipo de relação o centro poderá estabelecer com as diferentes instituições aqui da região de Murça?**

Quer dizer Murça, Murça, o centro como Murça, como vocês tem tido oportunidade de ver Murça acolhe, acolhe quem aparece e devo dizer que havendo vontade as coisas fazem-se, sabe? Não precisamos de coisas megalómanas, mas sim de pisar os espaços em terreno firme e com as pessoas de boa vontade que queiram e possam dedicar o seu tempo e os seus saberes. Acho que conseguimos, eu acho que conseguimos, apesar das dificuldades pelas quais temos passado. Vocês imaginem que eu considero que já lá vai muito tempo, um dos meus objetivos é ter isto a caminhar, gostava, seria uma pessoa mais feliz se visse este centro pronto com atividade e, assim eu ficaria mais

descansada porque eu comprometi-me naquela altura em que não deixava a exposição encaixotada e eu quero cumprir esse propósito e porquê? Porque eu acho que aqui todos poderemos ter lugar, todos poderemos ter lugar, todos poderemos ser felizes.

**E qual poderá então ser o interesse do poder local neste projeto?**

Eu acho que sem o poder local não temos pronto. O poder local é o principal, quer dizer eu ponho as pessoas e o poder local em contacto de circunstâncias porque isto sendo um projeto de todos e para todos como tantas vezes repito é para o bem de todos, portanto acho que seria bom que o poder local continuasse a olhar e eu estou certa que sim, que vai olhar com bons olhos para este projeto que poderá dar uma grande visibilidade a Murça.

**Se o projeto então não for financiado acha que se irá manter?**

Pois, isso é que era bom unirem-se esses, aderirem a esses financiamentos para que as coisas se conseguissem porque, mas eu acho poderei colaborar, mas já tem que ser com outras instituições à volta também a acompanhar. O poder local poderá juntamente com outras instituições fazermos esse projeto, isto tendo alguém que está sempre responsável pelo centro de memória sempre uma palavra a ter.

**E qual a importância que atribui ao centro nos percursos escolares das crianças, mas também dos jovens desta região?**

Isso acho que fazer as crianças, os jovens ou mesmo as pessoas de mais idade a um espaço destes é bom para todos. Os mais novos vindo aqui poderão situar-se noutros tempos e perceber melhor a história, os mais velhos poderão vir aqui recordar as suas memórias, portanto isto é um ciclo, um ciclo vicioso, um ciclo que se constrói e que se vive e que se transmite.

**Ao nível do turismo, como perspetiva o papel deste centro?**

Ao nível do turismo isto podia ser uma passagem obrigatória havendo, por exemplo uns percursos aqui feitos na vila bem como uma sinalética que permitisse a passagem de quem viesse a Murça, fosse uma passagem obrigatória e depois oferecer uma visita, ter aqui pessoas, não há muitas pessoas mas alguém que transmitisse a história, houvesse atividades, houvesse oficinas, umas próprias oficinas aqui criadas, de forma a rentabilizar coisas, não só os produtos que aqui se produzem, como ao mesmo tempo produtos aqui feitos, por exemplo coisas que se faziam noutros tempos. Eu recordo-me que no espaço dos brinquedos, na sala de outros tempos, nós tínhamos lá as nenas. Quando era miúda não havia bonecas a torto e a direito, brinquedos tínhamos as nenas



que eram umas bonequinhas feitas em pano que nos faziam as nossas avós, as nossas mães e era aí que brincávamos. Quem diz que não podia ser criada uma oficina aqui de bonecas, de outras coisas, de objetos, por exemplo da palmatória em miniaturas, coisas feitas em madeira. Recordo-me inclusivamente de um senhor daqui de Murça, o senhor Mendonça que fazia objetos em madeira, um outro senhor mais novo também que agora não me estou a lembrar do nome dele, portanto haver aqui pequenas oficinas que onde se realizassem objetos que podiam ser um ponto de, digamos aqui no próprio centro uma loja de recordações de pessoas que passassem e levassem, tudo isto muito por alto porque sentados a refletir sobre este ponto ou sobre aquele certamente que desenvolveríamos outras coisas.

### **Até para o próprio desenvolvimento sustentável da região...**

Exato, exato! O desenvolvimento sustentável, portanto, lá está: educação, herança cultural e desenvolvimento. Não é por acaso, não é por acaso. Nós temos aqui muita, felizmente que ainda temos aqui pessoas que podíamos dar aqui uma viragem, até porque também temos aqui uma Santa Casa da Misericórdia com uma longa história e podíamos até dinamizar muito mais.

### **Que outras forças, outras estruturas e forças económicas e culturais podiam apoiar a criação deste centro?**

Ui Jesus, eu não sei. Isso agora só auscultando a população que agora não vou aqui falar disto ou daquilo, não é? Isso poderia lançar-se a bola que eu não sou pessoa de ficar parada, lanço a bola pode ser que alguém a apanhe.

### **Disponível para...**

Disponível para...

### **Para ouvir e estar aberta a outras propostas...**

Exatamente, exatamente!

### **Pronto, nós como sabemos a professora é aqui uma filha da terra. Aqui estudou e viveu aqui.**

Ah sem dúvida. Estudei aqui, não neste edifício, mas noutro, noutro ao lado. Tenho belíssimas recordações da minha escola primária.

### **Pode me falar um pouquinho delas?**

Já estou aposentada a alguns anos, mas sou uma pessoa feliz. Agradeço a Deus a vida que me deu, aos meus pais que velam por mim, à minha família, ao meu marido e aos meus filhos que compreendem o gosto que eu tenho por estas coisas e que não poem

tempo, nem hora que eu queira dispor para isto, que eu possa que seja necessário. Não quero deixar aqui de falar da minha professora da escola primária, da D. Marquinhos que eu tinha aí cinco anos, já ia para a escola, para a casa da D. Marquinhos aprender as letras na tábua, fazer as lousas. A minha mãe lá me arranjava também sempre um lanchinho para levar, eramos muitos meninos lá na casa dela, bebíamos pelo púcaro de cobre e quando este projeto foi sonhado, eu realmente tenho muitas boas recordações da minha escola primária e que ainda não cheguei lá, mas também da D. Marquinhos que era tão bonito ir para lá. Eu recordo-me que já fui para a escola já sabia ler e tudo mas era sempre, fui sempre tratada com muito carinho, com muita atenção. Lembro-me como se fosse hoje com muita alegria. Depois também fui para a escola primária, a D. Dida também foi uma senhora que eu guardo no meu coração, fui aluna dela quatro anos. Recordo-me das professoras que às vezes iam lá há quarta feira para cantarmos as canções, para brincarmos no recreio. Recordo-me da cantina da dona Jemengarda, da Rosalina que servia os meninos que iam comer na cantina, dos joguinhos das pedrinhas que fazíamos ali no recreio. Havia ali um jardim que era impecável, ninguém tocava no jardim que aquilo estava sempre muito bem cuidado. Nós naquela entrada para a cantina, nós sentávamo-nos ali a jogar às pedrinhas sentadas no chão, jogar à corda, ao esconde-esconde, ao mata, enfim e uma coisa, havia as salas das meninas e as dos rapazes. Os recreios eram separados. Recordo-me, até porque tinha a cantina e depois tinha a minha mãe que sempre foi uma pessoa muito educada e que soube educar a sensibilidade para tudo que estava à minha volta. Inclusivamente, a minha mãe, antes da dona Jemengarda, quando aquela cantina foi criada, tinha uma tia que dava aqui aulas que era dona Olívia Bessa que eu não conheci, mas a minha mãe falava, portanto, essa minha tia vivia aqui numa casa da escola e a minha mãe casou nessa altura e estava à frente da cantina. Penso que foi ela a primeira pessoa que esteve por ali à frente da cantina. Ao longo do tempo, fiz a quarta classe aqui, depois havia o exame de admissão ao liceu e quem me preparou também foi uma senhora, outra senhora, eu tive professores de uma aconchego, de uma sensibilidade que ajudaram a ser a profissional que eu fui, que eu nunca sonhei em ser professora mas eu ainda não vou chegar aí. Vou chegar ao, como é que hei de dizer, quando andava na escola, no exame de admissão ao liceu, uma senhora dona Adelaide Milhões que me preparou, a mim e a um grupo de colegas, amizades que duraram no tempo. Depois eu ainda estive aqui um ano em Murça no tal externato que falava muito o senhor Medeiros, mas depois a seguir eu fui para o colégio de São José, onde fiz o meu percurso. Depois ainda estava no colégio, a minha mãe teve um problema de saúde, um

sério problema de saúde e eu recordo-me de vir a casa e a minha mãe disse-me, já estava doente, estava com cancro, ela já nessa altura ia para Lisboa fazer os tratamentos e essas coisas todas, e a minha mãe disse-me: Maria Isabel sabes que eu estou muito doente, eu vou morrer e eu gostava que tu fosses professora. Eu não sabia o que havia de dizer e eu não sabia o que havia de ser. Estava no colégio interno e não sabia e então fiz a vontade a minha mãe e se sou professora agradeço à minha mãe. A minha mãe falou por mim e eu fui professora e então dizer-vos o seguinte fui fazer o curso, fiquei sempre colocada aqui próxima de Murça e tive sempre o amparo das colegas, dessas colegas mais velhas. Recordo a senhora professora Leonida Milhões que já dava aulas, uma senhora mais velha que eu e que também se preocupava comigo porque eu podia não saber fazer isto ou aquilo. Haviam os tais mapas 611 e ela: já fez os mapas? Ela sempre pronta para me ajudar, sempre professores, aqueles professores, havia uma pessoa mais velha e davam sempre um apoio, um aconchego, nunca nos deixavam sós. Recordo-me que quando comecei a trabalhar, depois também a minha professora ainda dava aqui aulas, a dona Dida e então na altura elegeram-me delegada sindical, imagine foi já naquela ocasião de mudanças e então recordo-me que a dona Dida, numa sala assim semelhante a esta disse-me: Maria Isabel tudo o que a Maria Isabel fizer, eu faço também, conto sempre comigo, ouviu? Dona Dida, bonitas recordações. Olhem, seria melhor eu calar-me...

**Não, ate lhe ia perguntar porque está a falar com tanto carinho desse seu tempo quando foi aluna e quando foi professora, recorda-se da sensação que teve do seu início de aulas quando era criança? A sensação que sentiu, quando começaram as aulas depois de ter saído da dona Marquinhas e de ter ido para escola. Recordase?**

Sim, sim. Eu era ávida de saber, eu ficava toda contente porque a minha professora, a escola era alegria. A minha escola foi sempre alegria, boa disposição, confiança na professora e depois ela também desenvolveu em mim dons que eu hoje dou muita importância. Há leitura, há poesia, há música. Foi uma pessoa com muita sensibilidade com quem eu aprendi muito e ela se viesse cá certamente que ia gostar disto tudo, ela a dona Dida e as outras professoras. A dona Adelaide, a dona Leonida depois houve aqui, as professoras foram sempre assim muito protetoras dos mais novos. Eu senti muito isso da delegação escolar mesmo até colegas minhas, mais o menos da minha idade que foram delegadas escolares, elas continuaram sempre com esses valores.

**Claramente este é um espaço que lhe diz muito, é um espaço importante. Qual é o sentido, significado que este espaço tem para si, assim recordando tudo o que viveu e que está a tentar construir aqui, qual é assim, o que mais destaca, o que sente em relação a este espaço?**

O que mais se destaca? São realmente, é realmente o próprio edifício. Eu destaco o edifício e as pessoas com que convivi (00.03.35/36). O edifício, este edifício é um edifício com muita história, depois o outro a seguir também foi, também continuou a ser e eu acho que este espaço merecia ser um espaço educativo que perdurasse no tempo.

**E acha que as pessoas dão importância a este espaço? Em geral consegue perceber isso nas pessoas?**

Acho que há de tudo. Faço uma leitura, várias leituras. Há pessoas que se interessam bastante e outras que não tanto, mas também está na nossa mão desafiar-las e envolve-las.

**E quando fala dessas pessoas, nessas suas leituras, o que é que as pessoas valorizam desse tempo das suas infâncias? Consegue perceber se gostavam da escola, por exemplo?**

Havia pessoas no meu tempo, havia pessoas que gostavam da escola, outros nem tanto. Uns tinham mais dificuldades, outros nem tanto. Só que havia uma coisa, havia os valores de amizade, da solidariedade, bem enraizados, mas dificuldades sempre houve, sempre há de continuar a haver, só que acho que as pessoas davam mais valor a quem estava ao seu lado, davam sim. Também não tinham uma vida tão, como é que hei de dizer, as famílias estavam mais por casa, estavam mais próximos de todos, mas também tinham dificuldades.

**Quando então pensa neste projeto, qual é a sua importância na questão mesmo da preservação, valorização deste espaço na herança educativa desta região específica?**

Eu acho que é só responsabilizando todas as pessoas. A responsabilidade de todos é que nos poderá a ganhar a firmeza no futuro.

**Então quais são as perspetivas futuras para o centro?**

Eu queria abrir. Queria ter um centro. Gostaria de ter, a minha perspetiva, o meu sonho era ser aberto à comunidade, a toda a comunidade e a ter regras, princípios, valores que fossem preservados e desenvolvidos no tempo com as pessoas e para as pessoas.

**Muito obrigada!**

## Apêndice V – Exemplo de Inventário

Identificação do objeto											
Materiais Escolares							Estado de Conservação	Observações	Data de Recolha	Origem <b>Confirmar os dados</b>	Imagem
Categoria /coleção	Nº	Designação	Ano/época	Material	Descrição	Art/Industrial - Marca	B/R/M				
Cadernos	1	Caderno Diário			Caderno de linhas (Pautado) Ref. 532-P	Editora: Ambar Porto	Bom		Maio de 2005	Prof. Isabel Breia	
	2	Caderno Escolar "Portugal"			Caderno de linhas sem margens		Bom		Maio de 2005	Prof. Isabel breia	
	3	Caderno Escolar (Queirós Ribeiro)			Caderno liso		Bom	(2 exemplares)	Maio de 2005	Prof. Isabel breia	
	4	Caderno Escolar (Queirós Ribeiro)			Caderno liso		Bom		Junho de 2015	Prof. Helena Delgado	
	5	Caderno escolar (Queirós Ribeiro)			Caderno quadriculado				Junho de 2015	Prof. Helena Delgado	

Identificação do objeto											
Brinquedos							Estado de Conservação	Observações	Data de Recolha	Origem	Imagem
Categoria /coleção	Nº	Designação	Ano/época	Material	Descrição	Artesanal/ industrial					
	1	Mesa	n/s	Madeira	tam. Médio De cor verde água unidos por pregos ligeiramente torta c/4 pernas,	artesanal	Razoável	Com sinais de uso, manchas avermelhadas, um dos lados está um pouco solto	06/05/2004	EB1 Noura	
	2	Mesa	n/s	Madeira	Tam.peq. Castanho claro Unidas por pregos c/4 pernas	artesanal	Bom	Está torto	19/04/2004	EB1 Paredes	
	3	Cadeira	n/s	Madeira	Tam. Peq. Castanho claro Unida por pregos, as costas têm um trabalhado no topo c/4 pernas	Artesanal	Razoável	Com sinais de uso	19/04/2004	EB1 Paredes	

		Livros					Estado de Conservação	Observações	Data de Recolha	Origem	Image m
Categoria	Nº	Autor	Título	Edição	Editora	Ano	MB B R M				
Manuais Escolares	1	Ministério da Educação	O livro da primeira classe	8ª edição	Lisboa: Livraria Sá da Costa – Editora	1958	Bom		22-04-2004	Prof. Conceição Ribeiro	
	2	Ministério da Educação	O livro da primeira classe	8ª edição	Porto: Editora Educação Nacional, LDA		Bom		22-04-2004	Prof. Conceição Ribeiro	
	3	Secretariado Nacional da Catequese	O meu livro de religião da 1ª classe		Vila Nova de Gaia: Litografia União, Limitada	1962			4-06-2004	Sr. António Medeiros	
	4	Ministério da Educação Nacional	O livro da 2ª classe	6ª edição	Lisboa: Livraria Sá da Costa- Editora	1958	Razoável		05-06-2004	D. Mariquinhas da Mestra	

## Apêndice VI – Plano de atividades da semana da Ciência Viva

Programação da Semana da Ciência Viva 2017 – Centro de Memória da Educação de Murça

“Como se estudava ciências há 70 anos?”	Idades/limite de alunos	Workshops – Semana da Ciência Viva	Idades/limite de alunos
“A escola dos meus avós e bisavós”		<p><b>Ar:</b></p> <p>Magia com Balão;</p> <p>Quando misturas o bicarbonato com o vinagre, forma-se uma espuma e o balão começa a encher. Isto acontece porque o bicarbonato de sódio e o vinagre reagem um com o outro e libertam um gás. Esse gás é o dióxido de carbono, o mesmo que faz as bolhinhas nas bebidas gaseificadas. Nesta experiência, este gás é o responsável por encher o balão. Quando duas substâncias colocadas em conjunto dão outra substância diferente, diz-se que há uma REACÇÃO QUÍMICA.</p>	Jardim de Infância 12 por workshop
Recriação da sala de aula de “Outros Tempos”	Todos 12 por workshop	<p><b>Água:</b></p> <p>Mistura e Vê o que Acontece</p> <p>Há substâncias que depois de misturas com a água não se distinguem, como por exemplo o sal e o açúcar e outras que continuam a distinguirem-se como por exemplo a areia e a casca de ovo</p>	Jardim de Infância 12 por workshop

Jogos de Recreio	Todos 12 por workshop	<b>Densidade:</b> 3 camadas de líquido	1º ciclo 12 por workshop
		<b>Água:</b> Esparguete bailarino Quando misturas o bicarbonato com o vinagre, forma-se umas bolhinhas de gás que se agarram ao esparguete (dióxido de carbono). E quando o gás sobe o esparguete também o fará parecendo que está a dançar. Esse gás é o dióxido de carbono, o mesmo que faz as bolhinhas nas bebidas gaseificadas. Quando duas substâncias colocadas em conjunto dão outra substância diferente, diz-se que há uma REACÇÃO QUÍMICA.	1º ciclo 12 por workshop
		<b>Ar:</b> Ovo dentro da garrafa  Há uma força dentro da garrafa (oxigénio ) que desaparece quando o algodão está a arder, assim a força invisível que está à nossa volta pressiona o ovo e ele entra na garrafa.	2º ciclo 12 por workshop
		<b>Água:</b> A pesca	2º ciclo 12 por workshop
		<b>Meio Ambiente:</b> Canteiro	Todos 12 por workshop
Responsável pela dinamização das atividades: Docentes voluntários e estudantes do Mestrado em Ciências da Educação da FPCEUP			



# Iº COLÓQUIO

## Educação, Herança Cultural e Desenvolvimento

**Dr. Mário Artur Correia Lopes**

(Presidente da Câmara Municipal de Murça)

**Prof.ª Dr.ª Neuza Araújo**

(Universidade Federal de Brasília)

**Prof.ª Dr.ª Margarida Louro Felgueiras**

(Universidade do Porto, FPCE)

**Dr.ª Anabela Amaral**

(Pres. do Cons. Geral da Esc. Sec. Dr. Ferreira Alves)

**Prof.ª Maria Isabel Breia**

(Centro de Memória da Educação de Murça)

**Patrícia Magalhães e Susana Saborano**

(Universidade do Porto, FPCE – a estagiar no CMEM)

**28FEV**  
**2018**

**14h**  
**Câmara**  
**Municipal**  
**de Murça**  
**Auditório**

### COMISSÃO CIENTÍFICA

**Prof.ª Dr.ª Margarida Louro Felgueiras** (Universidade do Porto, FPCE)

**Prof.ª Dr.ª Maria José Magalhães** (Universidade do Porto, FPCE)

**Dr.ª Anabela Amaral** (Pres. do Cons. Geral da Esc. Sec. Dr. Ferreira Alves)

INSCRIÇÃO GRATUITA OBRIGATÓRIA ATRAVÉS DE: [centromemoriaeducacao.murca@gmail.com](mailto:centromemoriaeducacao.murca@gmail.com) / 918 931 190 / 964 399 382

COMISSÃO ORGANIZADORA: Prof.ª Maria Isabel Breia, Prof.ª Dr.ª Margarida Louro Felgueiras, Patrícia Magalhães, Susana Saborano, Prof.ª Maria Edite Sousa e Prof.ª Maria Conceição Domingues.

ORGANIZAÇÃO

Centro de Memória  
da Educação de Murça



APOIO



## Apêndice VIII – Programa do Colóquio

**PROGRAMA**

**1.º Colóquio Educação, Herança Cultural e Desenvolvimento**

14:00h Inscrição

14:30h Abertura

**Com a presença de:**

Dr. Mário Artur Correia Lopes (Presidente da Câmara Municipal de Murça)

Prof.ª Maria Isabel Breia (pelo grupo promotor do Centro de Memória da Educação de Murça)

Prof.ª Doutora Margarida Louro Felgueiras (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto)

15:00h

**As Mulheres e o Desenvolvimento Sustentável**

Prof.ª Doutora Neuza Farias de Araújo (Universidade Federal de Brasília)

**Da Exposição “Memórias da educação de outros tempos” ao projeto do CMEM hoje: percursos, fundamentos e utopia.**

Prof.ª Maria Isabel Breia (CMEM); Prof.ª Doutora Margarida Louro Felgueiras (FPCEUP)

**Debate**

16:30h Coffee Break

17:00h

**As escolas na promoção da Herança Educativa: valorização de patrimónios e memórias para a construção de consciência coletiva.**

Doutora Anabela Amaral (Presidente do Conselho Geral da Escola Secundária Dr. Ferreira Alves)

**Pensar o serviço educativo do CMEM: desafios e parcerias**

Patrícia Magalhães, Susana Saborano, Prof.ª Doutora Margarida Louro Felgueiras (FPCEUP).

**Debate**

18:30h Sessão de Encerramento

**Organização**

Centro de Memória da Educação de Murça

**Apoio**

PORTO  
Universidade do Porto

PORTO  
Universidade do Porto

epm  
Educação e Património de Murça

MURÇA  
Município de Murça

MURÇA  
Município de Murça

## **Anexos**

### **Anexo I – Resumo do Projeto Raízes da Educação para o Futuro- REDUF**

## **Projeto - Raízes da Educação para o Futuro- REDUF**

## **Project – Educational’ Roots for the Future- EDURF**

### **Sumário:**

O projeto Raízes da Educação para o Futuro – REDUF - é um projecto de investigação interdisciplinar e de intervenção cultural que toma por objecto a herança cultural educativa de uma região interior. O REDUF visa quatro objetivos principais: investigar, salvaguardar e reutilizar o património escolar edificado, móvel e imaterial enquanto recurso endógeno da região; formar capital humano para preservar e explorar a Herança Cultural regional; criar um Centro Interdisciplinar, Transfronteiriço e Inter-regional de Memória da educação – CITRIME; promover formas inovadoras de disseminação de bens culturais. A implementação do CITRIME responde à necessidade de ultrapassar a simples guarda e interpretação cultural, projectando o capital simbólico incorporado em artefactos como elemento de valorização económica e coesão social das regiões, ligado ao turismo cultural e transfronteiriço. Utiliza a metodologia da investigação-ação cruzando diferentes abordagens mas privilegiando para a recolha das tradições educativas e escolares regionais a história oral, a etnografia, os estudos de cultura material. O REDUF realizará um programa de formação cujo objectivo é capacitar pessoas da região para se fixarem e intervirem na preservação e valorização da herança cultural. Este programa assume duas vertentes: uma sobre herança cultural dirigida a jovens ligados à área das relações públicas e serviços com incidência no turismo; outra dirigida a professores seniores, que irão colaborar na recolha de memórias e património. Tendo Murça conservado um núcleo edificado representativo da evolução dos edifícios escolares do início do século XX até à actualidade, o REDUF reutilizará um desses espaços patrimoniais, disponibilizado pela Autarquia, para instalar o CITRIME. Inserido na região do Douro internacional funcionará como articulador inter-regional da coesão sociocultural e do desenvolvimento económico e turístico das regiões Duriense, Transmontana e transfronteiriças. Atuará na promoção da autenticidade cultural das regiões, usando o potencial criativo do património simbólico de todas as gerações, nas

suas múltiplas vertentes (arquitetónico, móvel, imaterial e natural, etnográfico e sua incidência na educação).

A implementação do CITRIME inclui a elaboração de produtos culturais de apoio à exposição, divulgação de actividades educativas aliadas às tecnologias da informação e a formas de divulgação criativas. Para a divulgação serão criados: conteúdos culturais e científicos para a página de internet recorrendo a animação e vídeo, a exposição inaugural e uma exposição temporária. A organização de eventos culturais - seminários, conferências, estágios de investigação e artísticos, visitas de estudo - atrairá à região visitantes, pelo que o CITRIME colaborará em actividades dirigidas ao turismo cultural, participando na definição de percursos e itinerâncias turísticas. O CITRIME será um polo de investigação histórico- pedagógica e de formas de divulgação criativas.